

GILKA BORGES CORREIA

SEXUALIDADE E HERMENÊUTICA EXISTENCIAL
EM HISTÓRIAS DE VIDA DE EDUCADORES SEXUAIS

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Professor Doutor Nelson Vitiello, Doutor em Medicina pela Universidade de São Paulo - USP.

CURITIBA
1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
BIBLIOTECA CENTRAL
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Correia, Gilka Borges

Sexualidade e hermenêutica existencial em
histórias de vida de educadores sexuais / Gilka
Borges Correia. -- 1999.

116f. 30cm

Orientador: Nelson Vitiello

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal
do Paraná. Setor de Educação.

1. Educação sexual. 2. Aconselhamento sexual.
3. Personalidade e ocupação. 4. Educadores sexuais.
I. Vitiello, Nelson. II. Universidade Federal
do Paraná. Setor de Educação. III. Título.

	AACR2
613.907	CDD 20.ed.
613.88	CDU

Samira Elias Simões CRB-9/755

TERMO DE APROVAÇÃO

GILKA BORGES CORREIA

SEXUALIDADE E HERMENÊUTICA EXISTENCIAL EM HISTÓRIAS DE VIDA DE EDUCADORES SEXUAIS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, pela Banca Examinadora composta pelos Professores:

Orientador: Professor Doutor Nelson Vitiello
Universidade de São Paulo

Professora Doutora Maria Cecília Marins de
Oliveira
Universidade Federal do Paraná

Professora Doutora Leilah Santiago Bufrem
Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 27 de janeiro de 1999.

Caminhante, são tuas pegadas
o único caminho e nada mais.
Caminhante, não há caminhos
se faz o caminho ao andar.
A. Machado

DEDICATÓRIA

Àqueles que são os meus frutos,
pois à árvore é sempre um
orgulho o fruto produzido. Aos
meus filhos, **Silvana e Carlos
Eduardo**. E aos frutos dos meus
frutos, **Caio, Chantal e Nicole**,
que com espontaneidade e
fantasia permitem-me retornar a
um “tempo de criança”,
distanciado e presente.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas colaboraram nesta minha caminhada. Entre os inúmeros agradecimentos destaco apenas alguns.

Agradeço

à Universidade Federal do Paraná, a oportunidade de retornar de outros tempos vividos como acadêmica de Filosofia, minha primeira graduação.

Ao Professor Doutor Araguari Chalar Silva, Mestre e Orientador no Pós Graduação em Sexualidade Humana (*in memoriam*).

Ao Professor Doutor Nelson Vitiello, meu Orientador, pela possibilidade de confisco de sua experiência.

À Coordenadora do Mestrado em Educação, Professora Doutora Maria Tereza Carneiro Soares, pelo incentivo e apoio.

Aos Professores do Mestrado em Educação,
Aos colegas com os quais compartilhei ideais,
e às crianças e adolescentes, objetos e sujeitos do meu trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	VII
RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
1 INTRODUÇÃO	01
2 REVISÃO DA LITERATURA	12
2.1 A SEXUALIDADE NA CIÊNCIA, NA CULTURA E NA EDUCAÇÃO	12
2.2 SER SEXUADO, IDENTIDADE E MODERNIDADE	22
2.3 SEXUALIDADE E BRASIL	29
2.4 UNIVERSIDADE E ESCOLA: DUAS REALIDADES DISTANTES	34
3 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS	45
4 CURSO E DISCURSO DE EDUCADORES SEXUAIS	54
4.1 ANÁLISE DE ENUNCIÇÃO	54
4.2 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE	57
4.2.1 Infância e memória	59
4.2.2 Identidade e identificações	64
4.2.3 Expressão da sexualidade	68
4.2.4 Adolescência, estudo e profissão	75
4.2.5 A carreira profissional	83
4.2.6 Análise da carreira profissional	91
5 CONCLUSÕES	102
5.1 PROPOSIÇÕES	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
BIBLIOGRAFIACONSULTADA	116

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIA	Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
DataFolha	Instituto de Pesquisa DataFolha
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECOS	Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana
FEBRASGO	Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia
FTD	Editora FTD
GTPOS	Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual
HIV	Human Immunodeficiency Virus
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organizações Não Governamentais
SBRASH	Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
SIECUS	Sex Information and Education Council of United States
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

RESUMO

Relata o curso de histórias de vida de seis educadores sexuais atuantes e segue o fio condutor da sua formação profissional nas últimas quatro décadas. Realiza uma intersecção entre educação e sexualidade evidenciando a deficiência da formação acadêmica nos cursos de medicina, psicologia e educação. Sustenta o pressuposto da escola inglesa de psicanálise de que a escolha da profissão é resultante de uma resposta do “eu” a um objeto interno danificado que necessita ser reparado. Analisa a psicologia dos ciclos da carreira profissional dentro da perspectiva clássica de Donald Super. Na linha metodológica da fenomenologia hermenêutica interpreta a enunciação dos discursos resultantes de entrevistas realizadas no período de 1997 a 1998 na cidade de Curitiba, Paraná, Brasil. Estabelece categorias e articula a dinâmica do “eu pessoal” e do “eu profissional” na relação com os “outros”. Revela continuidades, descontinuidades e transformações na trajetória da carreira profissional decorrentes de características de personalidade de desafio e enfrentamento a situações novas. Registra que os educadores sexuais possuem formação acadêmica diversificada e recorreram a vários cursos complementares para dar conta de questões postas na prática e inovar profissionalmente. Na relação de ajuda que se estabelece com o educando consideram mais importante a dimensão afetiva do que o conhecimento, a qualidade do vínculo do que a atuação técnica. Desvela o momento em que face aos conflitos entre o “eu pessoal” e o “eu profissional”, três entre os seis sujeitos, “se põem em questão” e buscam análise pessoal. Conclui que os educadores sexuais sofreram influências da ideologia repressiva do contexto social e político do Brasil dos anos sessenta e setenta. Apresenta proposições e critérios que podem vir a subsidiar cursos de formação de educadores sexuais.

ABSTRACT

This study relates the development of the lives of six sex guidance counsellors and exposes the connecting thread of their professional training during the last four decades. It provides an intersection between education and sexuality and exposes shortcomings in academic training given in medicine, psychology and education courses. It supports the presupposition of the English school of psychoanalysis that the choice of one's profession is a result of the response of the "ego" to a damaged internal object which needs to be repaired. It analyses the psychology of the cycles of the professional careers of the sex guidance counsellors from the classic Donald Super perspective. Following the methodological line established by hermeneutic phenomenology it interprets answers enunciated as a result of interviews carried out between 1997 and 1998 in the city of Curitiba, Paraná, Brazil. It establishes categories and explores the dynamics of the "personal ego" and the "professional ego" in relation to "other people". It reveals continuities, discontinuities and transformations experienced in their professional lives resulting from personality characteristics of challenging and facing up to new situations. It demonstrates that the academic formation of the sex guidance counsellors was varied and that they took several additional courses in order to find answers to issues arising in practice as well as to innovate professionally. In the relationship of help which is formed with the person being counselled they consider the affective dimension to be more important than knowledge and that the quality of the bond formed is more important than their technical performance. It reveals the moment in which, when confronted by conflicts between the "personal ego" and the "professional ego", three out of six subjects observed "enter in doubt" and seek personal analysis. The study concludes that the sex guidance counsellors have been subject to the repressive ideology of the Brazilian social and political context of the 60s and 70s. It presents proposals and criteria which could be used to provide further fundamentals for sex guidance counsellor training courses.

1 INTRODUÇÃO

Busco pontuar uma intersecção entre sexualidade e educação resultante da minha prática profissional de mais de vinte anos, no convívio com as questões da sexualidade na escola, envolvendo crianças, adolescentes, pais e professores. Todas aquelas questões atuaram como motivadoras do meu desejo de compreender o fenômeno da sexualidade e intervir no processo educativo. Para mobilizar o fazer pedagógico é necessário uma conceituação científica de sexualidade que transcenda o simples instinto e as tradicionais restrições morais repressivas. Inclui-se o conceito de ser sexuado, a identidade de gênero determinada pela cultura e o sistema de valores morais e éticos que, historicamente, estabelece os parâmetros para o exercício da sexualidade.

Na prática profissional tenho assistido, na sua grande maioria pela não resolução da sexualidade dos próprios profissionais envolvidos, a inadequação, o silêncio, a omissão, o recalque ou o retorno do recalcado.

A intenção deste trabalho é desvelar as histórias de vida de educadores sexuais, o curso, o discurso, o percurso e as alternativas de formação profissional utilizadas nas últimas quatro décadas no Brasil.

O objetivo é conhecer a trajetória de formação e transformação de profissionais de saúde e educação que atuam como educadores sexuais.

Desejo que esta investigação venha a contribuir modificando o paradigma atual da formação de professores e auxiliar na definição de critérios e concepções que subsidiem cursos acadêmicos de formação de profissionais em educação sexual, uma necessidade premente no atual contexto social do Brasil.

Com a crescente complexidade social um processo de sexualização atingiu toda a nossa sociedade. Entre os profissionais da saúde e da educação vem crescendo uma preocupação com a sexualidade na mesma proporção que as mudanças sociais resultaram numa liberação dos costumes. Programas de educação sexual, até então restritos a escolas mais ousadas, começaram a ser necessários para que os adolescentes venham a vivenciar uma sexualidade mais consciente, mais responsável e conseqüentemente mais saudável. Os profissionais que desenvolviam atividades de educação sexual até a década de oitenta tinham como única alternativa de formação o autodidatismo. Tornaram-se educadores sexuais ao seu modo. Entretanto, mais recentemente a exigência de um nível maior de formação profissional não admite mais este autodidatismo.

Nas últimas décadas várias tentativas foram iniciadas para introduzir no sistema escolar conteúdos relativos a saúde e sexualidade. Todos os esforços foram polemizados, contestados e por fim, ignorados e esquecidos.

No período de 1965 a 1970, as questões relativas a sexualidade foram emergindo através do debate público, paralelamente com outras questões da educação. Até essa época são quase inexistentes as monografias descrevendo experiências sobre educação sexual nas escolas. A situação é, em parte, explicável pelo período de arbítrio político que dominou o país, com uma censura sobre a produção intelectual, e o que se convencionou denominar “cultura sexual repressiva”. As modificações vieram ocorrendo, principalmente, nos discursos, com poucos resultados práticos. Iniciativas isoladas e circunscritas aos grandes centros continuaram surgindo.

Na atualidade, a sexologia constitui um sólido e amplo campo de estudos. A compreensão biopsicossocial da expressão da sexualidade humana desenvolveu um espaço interdisciplinar. Várias áreas, portanto, estão

interligadas ao fenômeno sexual, com fronteiras tênues e imprecisas.

Apesar de vários projetos oficiais de implantação de uma disciplina ou atividades ligadas a educação sexual nas escolas de primeiro e segundo graus, tenham sido propostos, paralelamente emergiram as dificuldades da efetivação prática. Aproximar o campo da educação e da sexologia numa visão de interdisciplinaridade é um desafio que vem sendo sentido.

Num país continente como o Brasil, a questão maior sem dúvida, é a falta de cursos de formação que qualifiquem o educador sexual no trinômio informação-formação-prevenção, assim como o habilitem para desenvolver uma metodologia específica e adequada para as condições socioculturais da população e da comunidade onde vai atuar.

Na revisão de literatura apresento uma breve perspectiva da presença da sexualidade na história da civilização, na ciência, na cultura e na educação, em campos bem diversificados, desde a Filosofia, a Sociologia, a Arte e a Religião, até as comunicações de Freud, no início do século, sobre a sexualidade infantil e a importância dos eventos da infância na etiologia das neuroses da vida adulta.

Ponto o marco do início da sexologia como área científica com os relatórios de Alfred Kinsey na década de quarenta, que motivaram nas décadas seguintes, as investigações sobre a fisiologia sexual desenvolvidas por Masters e Johnson.

Registro a preocupação de Money (1994) com o descaso da medicina pediátrica e da educação sobre a sexualidade infantil, salientando a necessidade de ações eficazes de informação e educação sócio-afetiva, em função dos apelos eróticos e das facilidades concedidas no mundo contemporâneo.

Assinalo também a distância e a omissão da universidade e da

educação frente à realidade que vivemos. Em breves traços, delineio o desafio do percurso da educação sexual na escola e no currículo, com as várias tentativas oficiais até chegar a 1996 com os parâmetros curriculares nacionais, onde a educação sexual se inclui como tema transversal.

Na perspectiva metodológica apresento um delineamento da abordagem escolhida, a fenomenologia hermenêutica, considerada a mais adequada para o problema proposto. Descrevo a amostra constituída de educadores sexuais e a técnica de histórias de vidas como instrumento da investigação.

O curso e discurso dos educadores sexuais apresenta os recortes das histórias de vidas daqueles que participaram da investigação, bem como a interpretação da enunciação dos seus discursos. Apresento as conclusões da investigação.

Como educadora considero a sexualidade inerente ao ser humano. Afasto-me assim da noção do simples sexo instintivo. A dimensão da sexualidade não é somente expressão do corpo biológico estimulado pelo funcionamento glandular, mas é forma de linguagem que transcende o genital. Inclui a biologia, o impulso, mas acrescenta a emoção e o sentimento. Em essência, é incompletude que impulsiona o ser na direção da eleição de um objeto. Ao encontrá-lo deseja, ama e acolhe.

É por ser dessa atualidade de ordens do instinto e da pulsão, do biológico e do psíquico, do animal e do humano, do real e do simbólico, que a sexualidade assume tanta importância na vida do indivíduo. Por ela tornamo-nos animais humanos com pretensões divinas, porque é nessa pluralidade de ordens e dimensões que o humano se supera e fere os limites da finitude... Sexo é apelo de totalidade, não de dicotomização (CARIDADE, 1995, p. 55-56).

A pulsão sexual surge dentro de todo organismo normal e acompanha a evolução do ser humano desde o nascimento até a morte. Não está afeta

apenas à vertente reprodutiva e por isso não se esgota. Manifesta-se e expressa-se de formas diferentes nas diversas fases do desenvolvimento infantil e aflora normalmente em comportamentos na maturidade sexual, se nada vier impedir ou bloquear a sua trajetória. Nos primeiros anos da vida infantil estrutura-se a personalidade e fatos que interfiram no fluxo da sexualidade normal podem vir a constituir núcleos de inibições, neuroses e parafilias na expressão da vida adulta.

Sendo assim, quando surgem comportamentos disfuncionais ou desviantes é porque algum evento do mundo exterior veio bloquear o desenvolvimento da sexualidade, impedindo-a de caminhar.

A sexualidade dá ao homem a chave da vida porque nela ele projeta a sua maneira de ser em relação ao mundo, isto é, com relação ao tempo e aos outros homens. Sob influência da cultura a sexualidade humana manifesta-se enquanto fenômeno, em seus comportamentos e práticas, de maneira bastante diversa. O conceito de normalidade, portanto, varia de acordo com a época e o local geográfico. A observação dos antropólogos registra que quando um fenômeno é universal, pertence à ordem do biológico. Sexo e reprodução fazem parte da vida e da conservação da espécie. Entretanto, alguns fenômenos afetos à sexualidade, como comportamentos e práticas são restritos a determinadas sociedades. Sendo assim são da ordem do cultural.

Na sexualidade humana observamos fenômenos oriundos de três ordens: do biológico/fisiológico, do psicológico/afetivo e do sociocultural.

Em todas as sociedades o nascimento de uma criança é um evento significativo porque marca a entrada no mundo de um novo ator. A sua vida foi determinada pelo desejo dos pais e vai ser moldada pelas circunstâncias e perspectivas que a família constrói. A sociedade tem um modelo de comportamento desejável para o gênero masculino e o feminino e espera que

cada um adquira comportamentos adequados às expectativas de cada gênero.

Portanto, o papel sócio-sexual é determinado pela cultura e adquirido por aprendizagem. Os estereótipos diferenciados de comportamentos masculinos e femininos são introjetados como mandatos interiores, juntamente com a educação do menino e da menina. Pretendem dar conta da primeira dimensão da identidade, respondendo as questões:

O que é ser menino?

O que é ser menina?

Como me relaciono com o diferente?

Qual é o meu lugar no mundo?

O encargo da educação é apresentar alternativas para estas questões que possibilitem “tornar-se menino ou menina” (CORREIA, 1993, p. 41-46).

Se concebo a vida como processo de crescimento, se a sexualidade é parte integrante da vida e se os papéis sócio-sexuais são aprendidos, então educação e sexualidade estão imbricados na mesma dimensão do crescer, do desenvolver e do aprender.

Assim sendo, é fundamental que o mundo da educação, que vai acolher esse ser único e singular que se inicia em processo, possua profissionais habilitados e competentes. Esses são os responsáveis por demonstrar atitudes, criar e proporcionar atividades que mobilizem a construção de um mundo subjetivo e interpessoal saudável e feliz. Para tal, a sexualidade precisa estar articulada com o investimento na vida e na saúde (CORREIA, 1991, p. 46).

Segundo VITIELLO (1994), “a educação em sexualidade vem preocupando profissionais de várias áreas desde o início do século. Na América Latina, a primeira discussão sobre o tema ocorreu em Buenos Aires, em 1915. Nesse evento, que reuniu professores de vários países, foi elaborado um documento segundo o qual seus participantes deveriam levar

aos seus governantes, a recomendação de que fossem instituídos programas de educação sexual”. Entretanto, até hoje muito pouco se realizou de concreto. Muitos fatores contribuíram para essa situação. Várias experiências não obtiveram os resultados esperados. Hoje sabemos que a educação sexual para tornar-se eficaz necessita passar pela educação do educador.

Numa informação para a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1985, GARCIA (1991) adverte que: “métodos tradicionais de educação sexual não se mostraram eficazes porque se centram principalmente na informação e não chegam a tocar as atitudes e sentimentos profundos dos educandos”.

A família é, idealmente, o lugar especial para a educação sexual. Entretanto, ela não se preparou para lidar com as vicissitudes da sociedade contemporânea e sente-se ameaçada, incapaz e impotente. A tarefa vem sendo cada vez mais, repassada para a escola.

As profundas mudanças nas esferas econômica, social, política e cultural ocorridas nas últimas décadas acabaram convergindo para o atual contexto, extremamente complexo. A educação vem sendo insistentemente chamada a intervir nos inúmeros problemas emergentes de uma sociedade caótica: a ecologia e a degradação do meio ambiente, as questões da cidadania e dos direitos humanos, a violência e a criminalidade nas grandes cidades, a degradação dos costumes e a sexualidade... É preocupante se a escola passar a ser tomada como panacéia para resolver tudo com programas específicos sem se pensar paralelamente em capacitação específica. Além de não conseguir dar conta de tantas tarefas não sobrá tempo para cumprir os programas curriculares, tornando o ensino alvo de maiores críticas.

Entretanto, portarias e pareceres ministeriais e inter-ministeriais vêm convocando a escola para atuar com os alunos num leque de situações

problemas. Entre estas está o combate e a prevenção do uso e do abuso de drogas, do álcool e tabaco, dos abusos sexuais, da prostituição infanto-juvenil, da gravidez indesejada e da prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) incluindo, também, a orientação em relação à pandemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS).

A mídia, que de forma sensacionalista lida com os problemas da adolescência em noticiários e documentários, vem dispensando, agora, um maior espaço para esses problemas, ao mesmo tempo perplexa e impotente diante do quadro que vem se delineando.

O Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS, 1994) apresentou uma pesquisa realizada pelo Instituto DataFolha em dez capitais brasileiras e divulgada em 1993, onde foi constatado que de 5.076 pessoas ouvidas 86% são favoráveis à inclusão de Orientação Sexual nos currículos escolares. Apesar de favoráveis, ou por causa disso mesmo, somente 32% dos pais conversam sobre sexo com seus filhos; 50% nunca chegaram a ter esta conversa. O apoio apresentado pela maioria (82% entre os que têm filhos) sugere, além da aparente liberalidade, o desejo de transferir para a escola a responsabilidade e a tarefa da educação sexual porque muitos pais não se dispõem ou encontram dificuldades em assumir.

Pesquisa semelhante realizada com 10.000 professores, em 1989, pela Editora FTD (GTPOS, 1994) verificou que 84,3% dos professores acham que não tiveram uma boa educação sexual ou tiveram incompleta, contra apenas 13% que se declararam satisfeitos. Nos outros vários quesitos pesquisados os maiores índices percentuais foram: 42,8% das pessoas procuravam para conversar sobre sexo amigos e colegas, sendo que somente 6,2% procuravam os pais ou orientadores da escola. Perguntados se, na sua opinião, a maioria dos pais se sentiria incomodada pelo fato da escola

responder questões sobre sexualidade, 52,7% responderam “não”, contra 27% que disseram “sim”. Dos entrevistados, 55,4% acharam importante discutir, explicar e orientar as crianças a respeito de sexo, sendo que 38,6% acham importante, mas não se sentem em condições de fazê-lo por falta de preparo e 75,9% acreditam não ter tido formação profissional para lidar com a sexualidade das crianças.

Os professores solicitaram cursos de especialização, apontaram falta de informações científicas, despreparo pedagógico e didático, insegurança, temores e tabus pessoais sobre o tema.

Até o momento todas as experiências de educação sexual, precárias e isoladas, ocorreram exclusivamente nos níveis de 1º e 2º graus, sem interferência da formação acadêmica. Concretizaram-se somente pelo idealismo e a criatividade daqueles professores que, buscando recursos e conhecimentos aqui e ali, conseguiram levar adiante suas iniciativas.

Alguns educadores vêm procurando compreender e paralelamente buscar alternativas de intervenção no presente quadro de permissividade e violência, sensibilizados com as notícias que se divulgam sobre o nosso país, como por exemplo, quando a Organização Mundial de Saúde informa ao mundo que um milhão de adolescentes engravidam por ano no Brasil, sem o desejarem. A intervenção da educação é emergente e se impõe. Entretanto não há profissionais capacitados. O processo de formação profissional se faz ao longo do tempo. Quando solicitados a atuar diante do quadro que vislumbram mostram-se perplexos e improvisam alternativas baseadas na sua experiência pessoal e não em fundamentos profissionais.

Por outro lado não há tempo hábil para uma formação acadêmica porque não é possível improvisar um educador sexual eficiente e eficaz.

Diante desse quadro a universidade mantém-se alheia, ancorada em

paradigmas de educação que privilegiam o intelectual, o abstrato, a teoria e a cognição. Desenvolve currículos etéreos e superados, envolvida por docentes, que apesar de titulações, não raro, são possuidores de discursos acadêmicos repressivos, conservadores e carregados de tabus e preconceitos. Parecem esquecer que o educando possui uma dimensão biopsicossociocultural e que a sexualidade é inerente à natureza humana e, independente do seu desejo, está presente na escola junto com a realidade violenta e caótica em que essas crianças e adolescentes vivem, convivem ou sobrevivem. Os professores ingenuamente formados pela universidade são encaminhados para lidar com àqueles educandos e comparecem munidos de informações e metodologias teóricas e abstratas, distanciadas da realidade. Não se sentem seguros para atuar nem na prevenção, nem na orientação e nem na assistência.

A omissão da universidade como agente formador promoveu uma enorme lacuna na educação sexual. Essa situação dificilmente será revertida em curto espaço de tempo.

Para fazer frente à demanda uma ação tem sido freqüente. As Sociedades Científicas e Organizações Não Governamentais (ONG), movimentaram-se e formaram grupos de militantes e, em rápidos cursos de sensibilização, tentam capacitar voluntários para atuar nas escolas como palestrantes e educadores sexuais, não de direito mas de fato. Os conteúdos de sexualidade são baseados em depoimentos pessoais misturados com noções de prevenção da AIDS e os riscos do uso de drogas.

O que me preocupa é que a omissão da universidade deixou de lado a educação sexual. Essa postura pode levar a pensar que a formação em educação sexual é irrelevante e legitima a atuação desses grupos e instituições, que assumem atividades de educadores ocupando uma posição, um espaço e um papel que não lhe cabem. Parece acreditar que qualquer um

pode desempenhar a função de educador, mesmo de improviso, e que a formação universitária é desnecessária.

No momento em que o país desponta nos noticiários internacionais pelo descaso com que trata as crianças e os adolescentes, proporcionando condições para que se instale tal quadro, os educadores comprometidos não podem manter pudores inexplicáveis e permanecer ausentes dessa triste realidade.

É necessário que a Educação assuma a qualificação de profissionais com uma visão pluralista e globalizante do homem e do mundo e que não forme profissionais reducionistas e fragmentados, ingênuos e equivocados com a realidade social onde atuam.

Os educadores sexuais que estão atuando buscaram a sua formação, privilegiando um “formar-se” em que pudessem abrir horizontes para a consciência das tênues fronteiras entre o orgânico, o psicológico e o social, permeadas pela cultura. Têm tido a coragem de colocar um pé lá e outro cá e através de uma formação continuada, tentam tecer um fio invisível que costure essas fronteiras. Não há um paradigma de currículo formal, informal ou oculto que embase a formação do educador sexual.

Tenho como pressuposto que só é possível trabalhar em educação numa relação de “paixão”. Não aquele apaixonamento abstrato, fútil e estéril do sonhador utópico, mas numa relação visceral de comprometimento. Penso que o momento exige dos profissionais de educação e saúde uma reflexão sobre a sua prática.

Desejo que este estudo sirva de estímulo para outros no sentido de embasar a formação de educadores sexuais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 SEXUALIDADE NA CIÊNCIA, NA CULTURA E NA EDUCAÇÃO

Uma perspectiva da história da civilização revelou que a sexualidade humana tem sido tema das mais diversas ciências, desde a Filosofia, a Religião, a História, A Literatura, a Antropologia, o Direito, a Biologia, a Medicina, a Psicologia e a Educação.

No Antigo Testamento, o “Cântico dos Cânticos” registra em linguagem poética belas passagens de enaltecimento da mulher amada, repletas de sensualidade, sedução, erotismo e prazer, na mais clara demonstração de “arts erótica”. A Literatura, e especialmente a poesia, em todos os tempos, dedicou belos poemas às vicissitudes do amor, ora enaltecendo os prazeres do estado de apaixonamento, ora registrando as frustrações das vivências amorosas.

Entre os judeus, a organização social patriarcal estava baseada na diferença de sexo, onde a mulher ocupava uma posição de inferioridade. O pai e depois o marido eram os donos das suas esposas e filhos. O homem era o portador da semente da vida e a esposa o seu receptáculo. Somente o nascimento de um filho homem garantia a linhagem da família e tornava-o imortal. Por isso era imprescindível a fidelidade sexual das esposas para que seus maridos pudessem ter a certeza da sua imortalidade. Porém, essa mesma fidelidade não era necessária para os homens (COHN, 1974, p.19-21).

A mulher grega era muito menos valorizada que o homem, conforme relata TANNAHILL (1982, p.93). Também entre os romanos, os homens tinham benefícios no comportamento sexual, sendo aceitas as relações extraconjugais. O homem era valorizado pelo sêmen que gerava a vida, sendo

inclusive necessário para prevenir os problemas de nervos - histeria - das mulheres. Esse era o remédio prescrito pela escola médica de Hipócrates (COHN, 1974, p.24).

Muitas dessas crenças e costumes foram incorporados pelos nossos antepassados. O cristianismo tomou de empréstimo do judaísmo a concepção patriarcal de família e propôs novos valores em função de influências sociais e econômicas. O papel da mulher, entretanto, continuou controlado e inferior ao masculino.

Nos primeiros cinco séculos do Cristianismo, as idéias de São Paulo e de Santo Agostinho preconizavam que o sexo era um impulso para o prazer e a sexualidade devia ser reprimida mesmo dentro do casamento (REICH, p. 49-59).

Na Idade Média, entre os anos 500 e 800, correspondente ao período conhecido como “Dark Age” (Idade Negra), a mulher era vista como fonte de tentação e pecado para o homem. O marido tinha o dever de mantê-la sob controle. A mulher ideal e respeitada era Maria, Virgem Mãe.

No século X a civilização ocidental inicia um período de Humanismo que precede o Renascimento nas artes. Nesse período surge o amor romântico que enfraquece a idéia de que o prazer era pecado. Começa a ser questionada a dicotomia entre os modelos de mulher baseados em Eva e Maria, respectivamente os símbolos do amor carnal e divino.

A arte renascentista retrata na pintura figuras de mulher não só santificadas, representadas pela Madonas, sugerindo um questionamento entre a mulher santificada e decente e a mulher sexual.

Em seguida Calvino e Lutero promovem o período de reforma. A sociedade ocidental está em transição de uma economia agrária para a industrial.

Surge o Iluminismo caracterizado por uma evolução intelectual nas artes e especialmente na literatura.

O período da moralidade vitoriana iniciado na Inglaterra no século XIX predominou em toda a sociedade ocidental. O homem era visto como intelectualidade e racionalidade. Nessa época o desejo sexual feminino era considerado anormal e patológico. A moralidade vigente ditava a diferença de comportamento entre o homem e a mulher e, com isso, estruturaram-se de forma concreta os papéis sexuais e estereótipos masculinos e femininos.

No século XX, o papel desempenhado pela mulher começava a sofrer mudanças e, em consequência, o tratamento que lhe era dispensado sofreu algumas alterações.

Durante a Segunda Guerra Mundial a industrialização exigiu a participação da mulher na força de produção, favorecendo o início da independência financeira e aumentando a pressão para a igualdade de direitos entre os dois sexos. Em 1920 a maioria dos países ocidentais reconhecem os direitos da mulher como cidadã igual e livre. No entanto, barreiras econômicas, religiosas e étnicas continuam existindo e o crescimento desta igualdade ainda hoje é difícil de ser conseguido (ANDRADE e SILVA, 1983, p. 83).

Foi mediante toda essa tradição sociocultural que a nossa sociedade estabeleceu normas e padrões de comportamento para os dois sexos. O poder da fé religiosa torna a crítica social desnecessária e não é interpretada a dimensão política, econômica e ideológica da mensagem. A diferença biológica é mantida por razões ideológico-políticas. A mulher é submetida e exaltada como a “Rainha do Lar”, sendo excluída de muitas áreas da vida pública.

A psicanálise mostra, em **“Contribuições à psicologia da vida erótica”**, a visão dialética da imago da mulher no pensamento do homem.

Inicia comentando:

Até agora, temos abandonado aos literatos a descrição das “condições eróticas” segundo as quais os homens realizam a escolha do objeto, e, igualmente, a forma por que conseguem harmonizar as exigências de sua fantasia. Os poetas reúnem, com efeito, certas condições, que os capacitam para tal labor, possuindo, sobretudo, sensibilidade para perceber os movimentos anímicos secretos dos demais e valor para deixar falar, em voz alta, o seu próprio inconsciente. [...] Do ponto de vista do conhecimento, porém, o valor de suas descrições fica muito diminuído por determinada circunstância. O escritor acha-se preso à condição de provocar prazer estético e intelectual e em consequência, não pode apresentar a realidade tal como se lhe apresenta. [...] Todas essas observações hão de justificar nossa tentativa de submeter também a uma elaboração estritamente científica a vida erótica humana (FREUD, 1910-1912, p. 161-202).

A arte, na pintura, dissociava a expressão da vida erótica mostrando dois tipos de mulher: a Mãe - o amor divino e o amor terreno e carnal - ligado à prostituta. A vida erótica de muitos homens permanecia dissociada em duas direções nos quais, afeto e prazer se excluem.

Freud supõe que na evolução da libido, a sexualidade sofre uma interdição. Afasta-se da realidade e é acolhida pela fantasia. Nessa dissociação, se amam uma mulher não a desejam, e se a desejam não podem amá-las. Desprezam as mulheres desejadas, reservando para as não desejadas, respeito e valorização. Com as mulheres desejadas e não amadas, inferiorizadas, podem externar livremente sua sensualidade e a atividade sexual alcança intenso prazer. Com as mulheres respeitadas não se permitem utilizar toda a sua energia instintiva e a atividade sexual é pouca prazerosa. O homem sente-se coagido em sua atividade sexual pelo respeito à mulher. Só experimenta completo prazer, quando podem entregar-se sem escrúpulos à satisfação, o que não permitirá, por exemplo, com a própria esposa.

No contra-papel, também as mulheres submetidas à uma educação repressiva, desenvolviam uma atitude de pudor e castidade, própria da condição de sérias. Não era favorável a elas, que o homem as desejasse fisicamente, pois havia a crença de que a supervalorização do enamoramento

era substituída pelo desprezo depois da posse. Por isso, guardavam-se puras. O afastamento recomendado pela educação, tinha conseqüências na vida sexual, sendo difícil as mulheres dissociarem a proibição, mesmo quando ela não mais existia. As mulheres tinham dificuldades em despertar sua sexualidade mesmo dentro do casamento. Acolhendo os conselhos familiares, orientavam sua sexualidade visando o cumprimento do dever conjugal para tornarem-se mães e constituírem a sagrada família. Por isso, seus maridos procurarem mulheres “não sérias” fora de casa era visto com complacência, e até como reconhecimento do “respeito” e do amor que lhes dedicavam.

O casamento, a família e a maternidade era o destino natural da mulher e sua única expectativa. Por isso não conseguir casar e ter filhos, era, e mesmo na atualidade para muitos ainda é, a definição do fracasso de uma mulher. Este e vários outros estereótipos sócio-sexuais, no dizer de MONEY e TUCKER, embora cambaleantes, ainda estão presentes nos nossos dias.

Na pintura a mulher foi enaltecida na figura das Madonas, na Virgem Mãe com o filho ao colo, e na Imaculada Conceição, figuras essas dogma de fé do Cristianismo.

A literatura ilustrou em prosa e verso a mulher casta e pura. O Simbolismo dentro da história da literatura é definido como sendo sobretudo um estado de espírito voltado para o ideal. Envolveu a sociedade com o clima de valorização da Arte, embalado pela música dos gênios da época: “Antes de tudo a música!” era a regra de Verlaine.

MATTOS, em “**Nossa cultura**” assim se expressa:

O movimento do Simbolismo começou na França com BAUDELAIRE (1821–1867) cujo livro “*Fleurs du mal*” já continha as principais características. Segue com MALLARMÉ (1842–1898) e VERLAINE (1844–1896). A filosofia de vida dos simbolistas era contrária aos princípios realistas, tendendo para as atitudes idealistas e metafísicas num misticismo crescente que caracterizou uma ideologia e estilo de vida voltado para a Arte e os princípios filosóficos de HARTMANN (1842–1906) e SCHOPENHAUER (1788–1860).

Entre os portugueses, Júlio Dantas, é o dramaturgo do Simbolismo que retrata a ideologia moral sobre a mulher européia. Ficou famoso com uma peça de teatro que a todos sensibilizou e ainda resiste ao tempo. Em a Ceia dos Cardeais (1902) DANTAS coloca três cardeais conversando sobre o amor numa das salas do Vaticano. Através da fala do Cardeal Gonzaga apresenta o amor ingênuo dos portugueses em comparação com as bravatas passionais do amor dos espanhóis contadas pelo Cardeal Rufo.

Em dado momento, este o interpela:

- Em que pensa Cardeal?

O Cardeal Gonzaga como quem acorda, absorto, os olhos com muito brilho, a expressão transfigurada:

- Em como é diferente o amor em Portugal!
 Nem a frase sutil nem o duelo sangrento...
 Uma lágrima ... um beijo, uns sinos a tocar
 Um parzinho que se ajoelha e que se vai casar.
 Tão simples tudo. Amor que de rosas se inflora
 Em sendo triste canta, em sendo alegre chora!
O amor simplicidade, o amor delicadeza...
 Ai, como sabe amar a gente portuguesa!
Tecer do Sol um beijo, e, desde tenra idade,
Ir nesse beijo unindo o amor com a amizade,
Numa ternura casta e numa estima sã,
Sem saber distinguir entre a noiva e a irmã...
 Fazer vibrar o amor em cordas misteriosas,
 Como se em comunhão se entendessem as rosas,
 Como se todo o amor fosse um amor somente...
 Ai, como é diferente! Ai, como é diferente! (MATTOS, p.211)
 (grifos da autora)

Essa visão lírica e mística do relacionamento entre o homem e a mulher, expressa a filosofia de vida vinculada à ideologia vitoriana repressiva, idealista e metafísica, valorizando o espírito em detrimento do corpo e do amor material. O clima da Europa nos séculos XVIII e XIX

exaltava pureza e a inocência da mulher, e estimulava o casamento através da nucleação familiar. O papel sócio-sexual da mulher estava impregnado do arquétipo religioso de Maria, a Virgem Mãe da doutrina cristã.

O pioneiro da Antropologia, Malinowski, em 1927, já defendia a importância de se estudar o homem nu, sem a folha de parreira que lhe esconde o sexo. O fenômeno sexual ficava restrito à órbita do “conjunto de atos instintivos. Muitos anos foram necessários para que fossem superadas as barreiras do pudor acadêmico e o sexo fosse considerado tema digno das ciências sociais.

Como campo de estudo diferenciado a sexologia surgiu recentemente, em meados do século XIX, junto com a Psicologia experimental e a Psicanálise. A Biologia encarregava-se do estudo do sexo na dimensão que divide o ser humano em macho e fêmea, isto é, o sexo genético e a diferença sexual anatômica. A Antropologia acrescentou um componente social e psicológico. Comportamentos, atitudes, preconceitos, crenças, mitos, tabus e valores são temas afetos a ela. Afirma que a sexualidade humana é fundamentalmente cultural e, portanto, variável histórica e geograficamente.

Assim sendo, a ideologia relativa a sexo e o comportamento sexual vem variando no decorrer dos tempos e nos diferentes contextos sociais.

No século XIX surgem várias obras de antropologia cultural, descrevendo comportamentos e práticas sexuais exóticas de povos distantes, comprovando que os valores de onde decorrem as normas e regras são construídas ao longo do processo cultural de cada sociedade.

O sexo de gênero que caracteriza o masculino e o feminino, compõem os estereótipos dos papéis sócio-sexuais.

A sociedade ocidental é herdeira da moralidade judaico-cristã que privilegiou a vertente reprodutiva. O imaginário social construiu as normas

que determinaram o padrão de comportamento sexual desejável.

No século XIX, em plena vigência da moralidade vitoriana, surgiram na Alemanha os primeiros estudos científicos sobre a sexualidade humana. A pesquisa enfocou inicialmente a sua vertente patológica. Em 1910 surgem publicações sobre os travestis de Berlim e a homossexualidade entre homens e mulheres. Manuais de sexologia e patologias sexuais vêm a público, juntamente com o primeiro filme dedicado a leigos, intitulado “A liberdade de amar”.

Em 1919, Magnus Hirschfeld funda o Instituto de Sexologia e lança mais tarde um tratado de Biologia em quatro partes, relatando 40.000 casos tratados. No seu instituto havia um serviço de informação sexual e um núcleo de assistência. Esta iniciativa reuniu o maior volume de material específico sobre sexualidade. Possuía uma biblioteca com cerca de vinte mil volumes. A partir daí, a sexologia desenvolve-se paulatinamente como área específica de estudos.

Na Inglaterra, o médico Havellock Ellis, embora não exercesse a medicina desenvolveu estudos, dava cursos sobre sexualidade e escreveu uma obra em quatro volumes intitulada “A Psicologia da Sexualidade”. Começava todos os seus cursos com a frase: *“Nem todo mundo é igual a você ou ao seu vizinho e nem todos eles são doentes”*. Foi um liberador para a sua época pois não julgava as pessoas e nem as rotulava.

Estava assim abandonada a reprodução como a única vertente da sexualidade. Magnus Hirschfeld e Havellock Ellis abriram campo para outros estudos sobre a sexualidade humana. Os comportamentos desviantes, anteriormente tidos como manifestações de distúrbio emocional ou doença mental, estudados pela psicopatologia e afetos à psiquiatria são alvo de novas atenções.

Até então, os pesquisadores sofriam o que Freud denominou de “*delire de toucher*”.

A pesquisa científica sobre a sexualidade tomou impulso e desenvolveu-se com os estudos de Alfred Kinsey e seus colaboradores que, de 1948 a 1953, realizaram extensa pesquisa sobre o comportamento sexual do povo americano. Os seus relatórios o deixaram famoso porque, pela primeira vez, abordava todas as práticas sexuais. Com os conceitos freudianos sobre sexualidade considerava que as variantes não eram desvios. Suas idéias liberais causaram perplexidade e constituíram um marco no estudo da sexualidade humana normal. Motivados por esses relatórios, surgiram na década seguinte as pesquisas pioneiras de Willian Masters e Virgínia Johnson, sobre a fisiologia do ciclo da resposta sexual. Durante mais de quinze anos, representaram a referência do estudo da sexualidade humana.

Outro pesquisador polêmico foi Wilhelm Reich. Médico psiquiatra e professor emérito nos países escandinavos, foi acusado de comunista e louco. Seu instituto de pesquisa nos Estados Unidos foi fechado e ele foi preso. Antes porém, determinou que toda a sua obra fosse lacrada e que apenas fosse colocada a público cinquenta após a sua morte, o que vai ocorrer no ano 2004 . Considerou a sexualidade fundamental para o equilíbrio emocional, criando a bioenergética (SILVA, 1990).

Vários outros estudiosos, nas décadas seguintes, trouxeram grandes avanços ao conhecimento da sexualidade humana. Segundo KAPLAN (1975), um vasto lastro foi se formando com a confluência de múltiplas influências teóricas advindas da psicanálise, condutoterapia, medicina psicossomática e terapia de grupo. Surgiram estudos, em vários países, possibilitando o aparecimento de rotinas e sistemas de prevenção e tratamento de disfunções e distúrbios. Todos enfocavam a sexualidade sob o

prisma da interdisciplinaridade e abordavam conhecimentos específicos, bem como tabus, mitos, crenças e preconceitos, criando um campo de educação sobre a sexualidade.

JOHN MONEY (1994), da John's Hopkins University, em Baltimore, Marilândia - USA - em sua Conferência de Abertura do XI Congresso Mundial de Sexologia, no Rio de Janeiro, colocou em foco a importância da educação sexual da criança na prevenção de distúrbios na vida sexual adulta. Salientou a ausência das investigações sobre a sexualidade infantil e o silêncio da medicina pediátrica. Atribuiu como causa mais provável a moralidade vigente na nossa sociedade. Ressaltou a omissão na investigação e no tratamento das crianças vitimadas por abusos sexuais na primeira infância.

Os textos de FREUD (1905-1907) sobre a sexualidade infantil já referiam-se à importância dos eventos da primeira infância, na estruturação da personalidade da criança, e a participação de traumas sexuais no núcleo e na etiologia das neuroses da vida adulta. Salientando a importância da educação sexual da criança, FREUD pontua que a criança inicia muito cedo investigações sobre a diferença sexual anatômica e as relações de gênero e, na maioria das vezes, não recebe apoio da família que, de maneira geral, não lida de maneira natural com essas questões. Inibe a espontaneidade da investigação, imprimindo sobre tudo que se refere ao sexual o selo do silêncio, da culpa e do proibido. Os caminhos a serem percorridos pela libido são responsáveis pela construção de uma personalidade sadia. Todas essas questões são afetadas à educação.

A criança estrutura o que MONEY (1994) chamou de “love map” (mapa do amor) e “gender map” (mapa de gênero) a partir das identificações e percepções do seu núcleo familiar. Esses mapas nortearão as ações e comportamentos da vida infantil e da vida adulta. Salientou a importância da

educação das crianças, em especial aquela que for vítima de abusos sexuais, pois estas ações podem distorcer o percurso natural e normal da libido, conduzindo-a por outros caminhos, paralelos e desviantes. Concluiu ressaltando, a responsabilidade da medicina pediátrica e da educação na compreensão da sexualidade infantil em desenvolvimento e a necessidade de ações eficazes de informação e educação sócio-afetiva.

2.2 “SER SEXUADO” IDENTIDADE E MODERNIDADE

O “ser sexuado” no mundo contemporâneo vem sofrendo uma série de interferências na sua identidade, no desempenho de papéis e nos limites das práticas tradicionalmente aceitas pela sociedade.

No dizer de HEIDEGGER (1981) Ek-sistência - o existir existencial - é VIDA - é emergência, entendido, percebido, compreendido, e o Dasein - ser-aí - abre caminhos, desvela e torna transparente o cotidiano e o óbvio.

A pré-visão é uma abertura em possibilidades. A expressão da individualidade, a identidade, o EU, é a única e verdadeira morada do Ser. A identidade sexual é um componente importante desse processo.

Antes mesmo do nascimento a criança é alvo do desejo dos pais, que a projetam como singular protagonista de uma história única. Durante a gestação, a criança é alvo do desejo mais ou menos ambíguo de seus pais, segundo as circunstâncias que acompanharam a sua concepção. Em torno dela teceram-se laços imaginários que o nascimento reforça ou desmente. Uma vez nascida, a criança manifesta-se logo de maneira diferente perante a mãe e o pai (AUDOLLENT, 1983).

Inicia-se com o sexo biológico, na concepção. Prossegue na gestação, numa interação entre fatores cromossômicos, gonádicos e hormonais.

Completa-se por acréscimo, com fatores sociais e culturais, quando a

criança absorve do meio ambiente padrões de comportamento.

No núcleo familiar, a criança se dá conta da sua dimensão sexuada e tem a tarefa de “tornar-se menino ou menina”. Segundo os teóricos da psicologia do desenvolvimento, a identidade sexual está definida até os três anos, indo no máximo até os quatro anos ou cinco, quando qualquer criança saberá se é menino ou menina.

Como nos ensina MONEY (1981): “Quando o portão da identidade se fecha, fica firmemente trancado. Você sabe, no âmago da sua consciência que é homem ou mulher. Nada pode abalar esta convicção e isto ocorre antes de você completar três ou quatro anos, no máximo”.

A visão de mundo que recebemos dos pais, com a introjeção de um sistema de valores, irá ser confrontada pela primeira vez na escola, no processo de socialização. A criança tem a oportunidade de entrar em contato com a sua sexualidade e a do outro e perceber outros valores e significados. Ela já é capaz de perceber os fatos da vida erótica e sexual e, também, já os vivencia com seus pares. Quando a criança chega na escola já traz uma série de preconceitos aprendidos na família. A educação sexual iniciou-se, portanto, com todas as mensagens que a família transmitiu, por ação ou por omissão.

FREUD (1907) em **“A educação sexual da criança”** já questionava:

O que se pretende ao ocultar das crianças os fatos da vida sexual? Por acaso pensam os adultos que ao mantê-la inocente retardam a expressão do instinto sexual para idade mais tardia, quando possam controlá-la? Pensam talvez que os fatos da vida sexual não chegarão ao seu conhecimento por outros meios? Por não tratarem com naturalidade do assunto somente conseguem privá-la de dominar intelectualmente aquelas funções para as quais já possui preparação psíquica e disposição somática. Tais atitudes só servem para estimular a fantasia. Além disso, as respostas dissimuladas ferem o honrado espírito de investigação de toda criança.

Entretanto, o que considero mais grave em termos de educação é que

essa dissimulação abala, pela primeira vez, a confiança nos pais e nos educadores, representantes das figuras de autoridade. Entendo que a função da educação é informar com a visão científica todos os fatos que compõem a vida humana.

Deve iniciar-se com os fatos mais gerais nas plantas e animais e fazer constatar que os homens compartilham desses fatos. É assim, juntando informações biológicas e fisiológicas, incorporando o psicológico e o social, que podemos criar condições para que ocorram comportamentos conscientes e responsáveis.

Como muito bem afirmou SILVA (1979), “reprimir a curiosidade natural da criança a respeito da sexualidade é impedir uma forma espontânea de investigação, um direito de toda criança. Porém, numa sociedade organizada, a orientação e o uso desse direito acarreta deveres. Entretanto, parece-nos mais condizente com os conhecimentos disponíveis, que se ensine uma ética sexual ao invés de esconder a sua prática.”

Na escola, por exemplo, os banheiros separados passam a mensagem de que é preciso afastar os sexos quando se tratam de questões afetas ao corpo e à sexualidade. O silêncio da família e da escola passam a mensagem do proibido, do escondido e do mistério. As crianças captam essas mensagens incorporam no seu comportamento. Todos os assuntos são tratados pela família e pela escola, com exceção dos ligados à sexualidade, que ocultados e escamoteados, retiram o espontâneo e o natural. Sexo passa a ser tema proibido e escondido: crianças sigilosas e comprometidas entre si, pais e professores enganados e felizes. Surgem as “brincadeiras”, os “bilhetes”, os desenhos nas carteiras escolares, a iconografia das pixações de paredes de banheiros e corredores de escola. A sexualidade emerge nos viéses das proibições e desenvolve-se e se manifesta através das transgressões às

normas. Há uma demanda da criança para discutir essas questões no espaço da escola, e esta o que faz? Finge que não vê, adverte ou persegue os culpados com punições, raspa escritos, desenhos e enverniza carteiras, pinta paredes e recomeça tudo de novo sob o selo do silêncio, da culpa e do proibido.

O objetivo da família patriarcal, que como célula mater da sociedade, sempre teve a função de reprimir a sexualidade, estava apoiado na obediência das crianças aos seus pais. Este comportamento passivo era transferido para outras situações vivenciadas na fase adulta, quando diante de figuras de autoridade. A repressão sexual faz parte da educação familiar. Castigando ou repreendendo os filhos, os pais ensinam a obedecer e obtém deles a renúncia ao prazer sexual. A consequência é a associação de sentimentos de ansiedade e comportamentos proibidos. A criança acaba tendo medo dos desejos sexuais. Essa atitude de intimidação, obediência e passividade ela desloca para a vida adulta.

A repressão, pois, segundo Reich, pretende criar sujeitos adaptados às sociedades autoritárias. A repressão sexual nasceu com a propriedade privada, por interesses políticos, com a instauração do patriarcado. O modelo de casamento monogâmico e as relações patriarcais deram origem ao adultério e a castidade das moças teve como consequência a prostituição. Portanto, a família é uma peça fundamental ao funcionamento dos sistemas autoritários.

Em função da crise da família moderna, onde muitas vezes, a mulher sozinha é a responsável pelo sustento dos filhos, a realidade e a experiência indicam que a educação sexual ultrapassou os limites do círculo familiar e passou a ser, cada vez mais, uma atribuição da escola. A família considera importante e necessária mas não tem tempo e se define como despreparada.

É natural que os pais sintam-se perdidos frente a essas questões, porque tentam investir na culpa e no medo para controle do comportamento, e a ideologia mobiliza para a liberalidade e o prazer. A nossa ideologia trata paradoxalmente a dor, a tristeza, a doença e a morte em detrimento da vida, da alegria, da saúde e do prazer, pois enquanto a família ou as religiões valorizam e investem nas primeiras com a finalidade de obter o controle do comportamento, a mídia incentiva e oferece o sexo através de múltiplos apelos eróticos, como mais um produto de consumo associado à alegria e ao prazer e descomprometido de valores morais.

Uma característica marcante da modernidade é o deslocamento da filosofia do capitalismo para o campo das relações humanas. É a ideologia do sucesso. No “ranking” da vida todos buscam conquistar um lugar entre os “os maiores e os melhores”. Essa atitude promove o individualismo, a competitividade e o narcisismo como estilo de vida. Os pais orientam seus filhos para o sucesso e não para a felicidade, como se o primeiro fosse premissa para a segunda. Esquecem que nunca houve tanto conforto e tecnologia e, também, nunca tanta insatisfação, “*stress*” e depressão. Perde-se o homem na busca de sucesso esquecendo que a felicidade é um estado de espírito, uma atitude serena e espontânea de inocência.

A escola, como sub-rogada dessa sociedade, recebe por delegação a tarefa de educar sexualmente as crianças. Influenciada pela ideologia do sucesso promove a diversificação das atividades e oferece a educação sexual como mais um produto.

Com a modificação dos hábitos de vida da mulher, a criança chega cada vez mais cedo na escola. Chegando lá, quem é responsável pela sua educação? Quem é o professor dessas escolas? Como se deu a sua formação?

Essa questão se torna primordial se considerarmos que a sexualidade

humana vai muito mais além do que o estudo da biologia e da reprodução. Fazer sexo todo animal faz; fazer amor é prerrogativa dos humanos.

Outra característica do mundo atual é o fenômeno da massificação que tornou as pessoas “seres anônimos”. Os modismos em comportamentos e práticas sexuais apresentados pela mídia negam o que caracteriza e diferencia cada pessoa: a sua identidade. O desempenho sexual passou a ser “ensinado” de forma vulgar, banalizando a expressão da sexualidade que é singular e única. Quando os adolescentes dizem “todos fazem” estão se referindo a ninguém em particular, mas a um modelo imposto que não tem trazido como retorno experiências construtivas. O “ser sexuado” perdeu-se no “ser-aí”. Busca a vivência da imediatez e uma sensação cômoda de busca máxima do prazer. Recebe um volume de informação diversificada de forma tão rápida que não consegue organizar. Tudo isto determina um intenso e conflitivo narcisismo, uma descrença no relacionamento com os outros, uma intolerância e uma fuga às frustrações.

Se no mundo atual o “ser-sexuado” se fez mais claro e transparente isto não o tornou mais feliz. A nova atitude frente à sexualidade é traduzida em excessos liberalizantes. Fala-se em liberdade, incentiva-se a liberalização, aplaudem-se as ações ousadas, mas estão faltando referências, parâmetros e limites. Se antes “quase tudo” era proibido, a moda agora é ser liberal e a ordem ideológica é “nada proibir”. De forma acrítica, esquece-se a nossa sociedade que se num extremo temos o “não”, a proibição, a lei, no outro extremo temos o “sim”, a permissão. Entretanto, diante da liberdade, a posição do sujeito, enquanto usufrui do seu livre-arbítrio, tanto poderá decidir-se pelo “sim” como pelo “não”. Se somos obrigados, diante da nova norma ideológica a dizer “não” a todos os valores que regiam o comportamento sexual, dizendo “sim” à liberalização generalizada, ao

“modismo”, percebo que não houve evolução e não há liberdade. O que constato é uma outra forma de repressão.

Os valores sempre foram transmitidos de geração a geração pela família e pela educação. No decorrer da história foram as guardiãs dos “mores” da sociedade. Na atualidade perdeu o seu espaço. A infância e a adolescência estão à mercê dos valores apresentados pela mídia, que dita normas sobre o que considera moral e ético. Se a família patriarcal controlava o comportamento dos filhos e apresentava-se como modelo ideal de comportamento sexual, na atualidade, ambivalente e paradoxal, tenta utilizar o princípio de autoridade proibindo ou liberando totalmente. O resultado é a presença de uma dupla moralidade: uma de ordem pública, aceita e aprovada socialmente e, outra, de uso privativo, na qual cada um age de acordo com seus gostos e preferências. São imensas as dificuldades na discussão dessas questões e na colocação de limites. Na impossibilidade de assumir uma posição clara, omite-se e se cala. A sexualidade ainda é um tema tabu que sempre causa um constrangimento a mais. A discussão negada pela família também é seguida pelos educadores.

No espaço cotidiano da escola surgem oportunidades para que se construam laços compreensivos nas situações existenciais. Reconheço como educação essa ação de levar de uma situação de existência para outra. O “estar-aí-com-o-outro” numa atitude afetiva de acolhimento, solicitude, enlaçamento e confiança na “possibilidade” de cada um remete a uma liberdade para responsabilizar-se pela sua existência.

2.3 SEXUALIDADE E BRASIL

Impossível uma postura acrítica e contemplativa sem uma leitura de mundo que nos envolve. Não podemos esquecer que vivemos e trabalhamos no Brasil, um país-gigante, onde os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1990) apontam uma população de trinta e três milhões de adolescentes, entre os quais um milhão por ano engravidam sem planejar. Os profissionais graduados, no Brasil, constituem uma minoria privilegiada e, como tal, são seres em débito com essa sociedade. Uma das possibilidades de saldar essa dívida social é a devolução em serviços, uma vez que são capazes de “refletir-agir-refletir” seu “estar-nesse-mundo”. Nesse jogo interativo é preciso transpor limites e arriscar. A minha formação profissional em filosofia, psicologia e sexologia, acrescida do meu “tempo vivido”, leva-me a assumir uma posição de “solicitude”, estando “com” outros educadores, indo além do óbvio nesta investigação. Na tentativa de realizar uma hermenêutica existencial das suas histórias de vida, descobrindo o fenômeno e o processo que os mobilizou e deu sentido e significado na decisão da sua práxis: trabalhar em educação sexual.

A família brasileira recebeu influência do modelo patriarcal de Portugal, trazido durante o período de Colônia e Império. Os valores, nos moldes europeus, foram a base da nossa sociedade.

Em Portugal era costume encerrar a mulher no lar, onde recebia educação dos pais e preceptores. Limitava-se ao aprendizado das prendas domésticas e das boas maneiras, leitura, escrita, noções de música e dança, trabalhos de agulha, quitutes caseiros e, em alguns casos, a língua francesa. Essa tradição foi transferida para o Brasil. A mulher ficava alheia ao que se passava no mundo e poucas meninas, através de seus preceptores, aprendiam

a ler, escrever e contar, regras de etiqueta e também o francês. Qualquer alargamento de idéias, principalmente as chamadas idéias novas, eram consideradas perigosas. Muitos livros de literatura eram proibidos para as mulheres, considerados pouco recomendáveis.

Apenas no final do Império começou a surgir o ensino para o sexo feminino, graças ao esforço e à iniciativa de senhoras estrangeiras que aqui viviam. Os colégios para meninas, em regime de internato, funcionavam na residência das próprias diretoras, acolhendo um número limitado de alunas. A tônica era a repressão e a frivolidade. Alguns colégios foram criados por ordens religiosas femininas na Bahia, Minas Gerais e São Paulo. Entretanto, muito próximo da República, os jornais criticavam duramente e apontavam para o malogro os colégios que ousassem educar a mulher com liberdade e modernismo exagerado. Várias iniciativas foram frustradas pela debandada das alunas, pois “os pais guardam as filhas como preciosos tesouros que são”, concluiu um jornal da época, comentando o fracasso de alguns colégios para meninas, num artigo intitulado “Um golpe em falso” (HAIDAR, 1932, p. 231-283).

A tradição dos colégios de freiras, sob regime de internato, constituía-se na melhor forma encontrada pelas famílias para controlar uma menina. A religião sempre foi a tônica repressiva da educação feminina. Desde o início da República até a década de sessenta a Igreja Católica ocupou uma posição de destaque em toda a vida nacional. Sua ingerência na vida nacional constituiu-se num dos poderosos freios à sexualidade e na manutenção do que se chamou de “cultura sexual repressiva”. Não se veiculavam informações sobre sexualidade na escola e as manifestações dos alunos eram punidas. O ensino católico no país, sob a guarda de ordens religiosas, manteve a separação do sexo nas escolas. Os uniformes escolares utilizados

no colégios, nos seus feitios e tecidos, impróprios para nosso clima, demonstravam uma intenção de resguardar o pudor, cobrir e camuflar o corpo, principalmente nas meninas e moças. Nesse ambiente escolar, o discurso sobre a sexualidade foi silenciado ou utilizado para reforçar os “bons costumes” dentro da moral sexual vigente. A renovação após o Concílio Vaticano II, em certas ordens religiosas, modificou o valor atribuído à sexualidade, incluindo-a no plano da criação divina. Em função disso, várias modificações foram introduzidas nas escolas e as classes passaram a ser mistas.

No setor editorial, dominavam as editoras católicas Vozes e Paulinas e seus livros orientavam a sexualidade somente para o casamento e fins reprodutivos. Organizações que reuniam leigos, como a “Ação Católica”, desencadeavam movimentos de conotação moralista, chegando a censurar filmes e espetáculos artísticos. Essa situação foi desvelada pelas descrições provenientes de memórias literárias e cinematográficas que recriaram o clima da época.

Na segunda metade dos anos 60, juntamente com as propostas de renovação pedagógica, algumas experiências isoladas de educação sexual ocorreram em grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Algumas dessas experiências deixaram de existir quando, a partir de 1970, o autoritarismo do período da ditadura assumiu uma conotação moralista. O Ato Institucional Nº 5 intensificou o período de exceção política, quando em 1970 instituiu a censura prévia aos livros e jornais, proibindo todo texto contrário à moral e aos bons costumes. O decreto determinava que caberia aos poderes públicos a tarefa de “assegurar a proteção dos valores éticos indispensáveis à boa formação da juventude brasileira” (WEREBE, 1978, p. 22).

Juntamente com a abertura política a nossa sociedade vem sofrendo profundas mudanças, nas esferas econômica, social, política e cultural que acabaram convergindo para o atual contexto extremamente complexo e violento. Com a maior concentração de renda do mundo, a menor distribuição de terra e com migrações internas diárias, a população brasileira busca a sobrevivência. Isso resultou no inchaço das grandes metrópoles e nos trabalhadores do mercado informal. Como consequência temos o aumento da miséria, gerando a fome, a corrupção, o abuso sexual infantil, a prostituição infante juvenil, a pornografia, o turismo sexual, a gravidez indesejada na adolescência, os óbitos por abortos, a disseminação das doenças sexualmente transmissíveis, o uso e o abuso do tabaco, do álcool e outras substâncias psicoativas, e a alarmante pandemia da Síndrome da Imuno-Deficiência Adquirida, que passou a atingir também os adolescentes.

Na atualidade, vivemos a era da informação e da comunicação. Observamos os mass-media, classificados em meios “quentes” e “frios”, de alta ou baixa definição, conforme o grau de participação permitida ao receptor das mensagens. Os “meios frios” (que oferecem espaços para a imaginação participar), são suplantados pelos “meios quentes”, que oferecendo mensagens acabadas conduzem apenas para o consumo passivo. Como os meios de comunicação são as extensões da família, vivemos num mundo que tende a moldar e uniformizar, numa globalização ideológica. E na nossa época o erotismo passou a ser critério de modernidade. A publicidade encarrega-se de erotizar os bens de consumo e a propaganda oferta e vende o sexo como um novo produto, ao alcance de todos, acrescido de acessórios e complementos. Na nova ordem moral, na busca da administração dos recursos disponíveis, a oferta de produtos e lucros, utilizam até a alternativa da administração das organizações e oferecem a terceirização do prazer.

Dentro de uma sociedade capitalista que “consome e se consome”, o mercado define a moral da sociedade.

A falta de ética leva as pessoas a questionarem o que não deixa dúvidas que não é moral. A filosofia aristotélica vê a ética como um problema que vai além de costumes e normas práticas. A boa conduta leva à felicidade e à alegria íntima da auto-afirmação, de ter feito o que devia ser feito. Esta ética-filosófica permite ao sujeito ver o mundo como uma realidade social, política e comunitária e transcender do indivíduo ao grupo, do momento para a história, buscando sempre soluções mais estruturadas. O agir ético é uma questão de consciência e além de pensar bem e honestamente deve manifestar-se de modo explícito em ações visíveis.

No contexto atual aonde está o educador como formador de opinião?

Que referências são oferecidas à criança e ao adolescente para interpretar o mundo que a mídia projeta dentro da sua casa?

A escola e a educação estão ausentes e omissas, sem alternativas para criar um senso crítico diante do que é ofertado.

Assim sendo, a compreensão dos costumes apresentados pelo social e as atitudes e decisões dos adolescentes vão depender da representação subjetiva que cada um conseguir elaborar.

A identidade do adolescente ainda não está suficientemente madura para enfrentar situações desconhecidas. É ambivalente, e ao mesmo tempo teme e é atraído pelo que é novo. Uma das tarefas da adolescência é reeditar a personalidade da mesma forma que após o nascimento foi construir a identidade. Sem informação e sem orientação, acaba ficando à mercê da estimulação hormonal, responsável pela maturação biológica, que se encarrega de dirigir impulsivamente seus comportamentos. SILVA (1990), em sua aulas, costumava afirmar: “a explosão do sexo na adolescência é

como uma represa que se rompe e inunda tudo. Tão mais perigosa quanto mais tempo contida. Tão mais difícil de conter quanto maior o apelo sexual e as facilidades concedidas.”

2.4 UNIVERSIDADE E ESCOLA: DUAS REALIDADES DISTANTES

A universidade e a escola vêm percorrendo caminhos paralelos e participam de mundos distintos e distantes.

Nas últimas duas décadas, a profissão docente vem sendo acentuadamente desprestigiada, num processo crescente que envolve a educação como um todo, e, também atinge a universidade como instituição formadora. Os reflexos são sentidos em toda a sociedade. A escola e os professores deixaram de ser um ponto de referência para a informação e o conhecimento, sendo substituídos pelos meios de comunicação. Na atualidade, o professor perdeu sua autonomia e a escola o seu espaço. A sociedade perdeu a figura do educador, tradicional sustentáculo dos valores morais básicos.

A profissão docente foi substituída pela transmissão de uma reduzida e simplista carga básica de conhecimentos (sempre insuficiente) na área específica de sua formação. Em contraponto, face a complexidade social a demanda dos alunos é cada vez maior e não encontra um profissional informado e formado, reflexivo e crítico, com uma visão pluridimensional e bem posicionado frente às complexidades emergentes de um contexto social desigual e injusto. Sucumbiu o professor a todos esses apelos. A falta de uma política educacional no país faz-se sentir pelas modificações que, de decreto em decreto, de parecer em parecer, modificam e regridem a velhas fórmulas,

criam novas, isto é, perdem-se num descaminho que assusta e entristece. Coloco-me entre aqueles que acreditam na educação, não como discurso político, mas como uma das possibilidades de construção de uma sociedade mais informada e justa.

A falta de autonomia profissional levou os professores a uma humilhante intensificação de trabalho, envolvendo-se em atalhos e economizando esforços, com uma inflação de tarefas diárias e uma sobrecarga de atividades. Realizam eles, apenas o essencial, para dar conta de sua tarefa. O fenômeno social que legitimou a intervenção de especialistas tecnicistas levou a educação a valorizar a técnica do trabalho docente, em detrimento da experiência e das capacidades adquiridas ao longo dos anos. A qualidade e a competência cedeu lugar à quantidade.

Os cursos proliferam-se e há um consumo disparado de especialidades e títulos, em fábricas disponíveis para todos os saberes. Nesse contexto a estima profissional do educador sucumbiu pois, ele vê em jogo o próprio trabalho, dominado por outros atores.

Assim sendo, na atualidade a formação do educador sexual é um desafio que se impõe. Essa demanda sensibiliza muitos profissionais da saúde e da educação pois há um imenso campo de trabalho. Esforços no sentido de formar profissionais capacitados vêm sendo desenvolvidos, embora apenas por algumas instituições e sociedades científicas.

A educação para a saúde vem recebendo incentivos de diferentes organismos internacionais, especialmente a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), centrando esforços nas administrações públicas na tentativa de engajar a sociedade civil como um todo.

Há plena consciência de que somente a educação para a saúde pode

tentar fazer frente e abordar com segurança todos os apelos e situações presentes e emergentes na sociedade brasileira. As dificuldades são inúmeras, pois caminhamos na contramão da ideologia vigente.

Entretanto, o resgate da função do educador cabe somente a ele. Muitos professores, certamente, não vêem com bons olhos o fato de serem responsáveis pela falta de preparação geral e específica, pois crêem que não são co-partícipes da situação. São, algumas vezes, as próprias vítimas do sistema educacional.

A necessidade de um profissional em educação e saúde, informado e formado em sexualidade humana, para intervir com segurança na formação da criança e do adolescente, está presente em muitos países. GARCIA (1991) afirma que “tudo parece indicar que os educadores e professores serão chamados a iniciar e assumir, em grande parte, estes tipos intervenção a partir do início escolar.” Na Espanha, um recente acordo entre os Ministérios da Saúde e o da Educação, parece caminhar nessa direção. Conforme vêm pontuado em outras publicações, a educação sexual é uma das grandes ausentes da educação para a saúde e algumas iniciativas sem continuidade não deram os frutos esperados. A experiência do trabalho de educação sexual na Espanha, de forma científica e rigorosa, é um terreno frágil e recente. Situação decorrente de falta de normas legais, somadas a atitudes de inibição, rejeição e oposição, são os fatores relevantes para explicar a situação, diferente da realidade de outros países europeus modernos. Uma advertência está presente em todas as experiências realizadas. É importante o domínio de conhecimentos científicos interdisciplinares sobre sexualidade humana. É imprescindível que a formação de professores enfatize a necessidade de personalidades ajustadas e com bom senso, além de uma razoável resolução dos seus problemas pessoais. Em alguns países a experiência, mais ou menos

sistemática, é rica e tem mais de cinquenta anos (GARCIA, 1991).

No nosso país, da mesma forma como ocorre em outros países da Europa, foram iniciados programas de educação sexual nas escolas, com conteúdos de sexualidade humana. Também foi sentida a falta de medidas estruturais no sistema oficial de ensino. Exaustivos estudos indicaram a necessidade de reciclagem de educadores e recursos técnicos e metodológicos. A experiência de outros países tem sido aproveitada. Como formação inicial todo professor deveria possuir conhecimentos sobre sexualidade humana e educação sexual, num enfoque multiprofissional, e dominar recursos didáticos e pedagógicos que facilitem e enriqueçam a sua tarefa. A análise das experiências de outros países indica que não é necessário um conhecimento enciclopédico. Os diferentes modelos mostram a necessidade de uma bagagem de conhecimentos suficiente para o educador transmitir segurança e abordar as necessidades e as demandas dos alunos, de maneira clara, certa e precisa. Do educador exige-se equilíbrio emocional, bom senso, autocrítica e razoável consciência das suas próprias dificuldades sexuais. É fundamental o respeito pelos valores de cada educando.

O educador deve preocupar-se com uma formação contínua e permanente que o mantenha informado e integrado com a realidade e o contexto social que o cerca. Tudo isso para demonstrar uma visão positiva da sexualidade e da educação sexual.

Mas o que tem ocorrido, no dizer de FAGUNDES (1995), é que até hoje conhecimentos sobre educação sócio-afetiva e para a saúde em sexualidade não fazem parte do currículo de formação do professor e por consequência, não podem fazer parte da educação dos seus alunos. As experiências de educação sexual têm ocorrido exclusivamente nos níveis de 1º e 2º graus.

Embora esses profissionais tenham que lidar com crianças e adolescentes emergentes do nosso complexo e caótico contexto social, não estão preparados para intervir efetivamente nessa realidade. Esses professores, por sua vez, são oriundos do mesmo contexto repressivo e preconceituoso e, portanto, são passíveis dos mesmos vieses e inadequações a respeito do sexo. Para entender a sexualidade é necessário compreender como ela se processa e vivenciá-la de forma sadia. No dizer de BRUNS et al. (1995), “...se é difícil entendê-la, muito mais difícil é oferecer, enquanto educador, algo adequado aos outros, no caso, aos alunos.”

Acredito que a escola é o lugar para ser vivida a utopia de resgatar o espaço ocupado pela mídia e transformar a realidade tornando-a mais justa, onde crianças e adolescentes possam perceber e possuir um saber e não serem possuídos por um saber.

A dificuldade da inclusão da educação sexual no currículo escolar é um movimento que se estende há mais de vinte anos. Acompanho-o desde 1978 quando participei do 1º Congresso Brasileiro de Educação Sexual realizado em São Paulo. Representava o Instituto de Educação do Paraná, onde atuava como docente e orientadora educacional. Nesse evento ficou evidenciado o despreparo dos professores para lidar com o assunto, em razão da conotação pessoal que impuseram aos seus discursos (CORREIA, 1997, p. 31-32).

No decorrer desse período várias experiências foram realizadas, baseadas principalmente em informação sobre biologia e fisiologia, abordando o cognitivo. A dimensão afetiva e emocional da sexualidade, pelo que ela eleva do instinto ao humano, foi deixada de lado. Pelos estudos realizados, constatei que todos os problemas sociais deságuam na escola que, perplexa, não encontra alternativas para lidar com uma realidade

extremamente complexa. Problemas como drogadição, violência, formação de gangues, prostituição infanto-juvenil, gravidez indesejada são acontecimentos que passaram a ser enfrentados pelas escolas.

A partir da década de oitenta, em decorrência de maior promiscuidade, as doenças sexualmente transmissíveis atingiram as populações infantil e adolescente, chegando também na escola, seguidas pela possibilidade de contaminação pelo vírus do HIV. A pandemia da AIDS foi o gatilho para uma chamada a um posicionamento da escola. Algumas experiências de educação sexual realizadas apontaram as deficiências pessoais dos educadores em lidar com o tema.

Pelos estudos realizados arrolei informações, mas percebo que todos os estudos não dão conta das “causas” e nem “como evitar”. Concluí que estudar causas não significa estudar o fenômeno. Fiz a mim questões sobre a compreensão do fenômeno, mais do que o desvelei. O que me interessa agora não é pesquisar as tentativas de implantação de programas de educação sexual, já sabedora de todas as dificuldades em abordar assuntos sexuais.

Pretendo conhecer as histórias de vida desvelando a trajetória e o processo de construção do conhecimento de profissionais que atuam em educação sexual. A interpretação dessas histórias de vida e a construção fenomenológica do papel profissional poderão vir a subsidiar atividades para repensar o processo de formação.

Por outro lado, em relação à metodologia de pesquisa, até a metade da década de setenta a ideologia que sustentava o padrão acadêmico valorizava apenas as pesquisas quantitativas e não eram consideradas, como modelos aceitáveis, os relatos de experiências vividas.

Num levantamento realizado por CORREIA (1997), entre 212 títulos sobre Pesquisa Educacional no Brasil pesquisados por Gouveia em 1971 não

foi localizado nenhum sobre educação sexual na escola, no período de 1965 e 1970. Segundo outros pesquisadores várias experiências estavam em curso na cidade de São Paulo.

Somente com o processo de abertura política e o afrouxamento da censura, a partir de 1978, é que uma literatura mais específica e ampla foi sendo estruturada sobre o tema. BARROSO e BRUSCHINI (1982) relataram experiências de orientação sexual desenvolvidas no ensino público, que deixaram de existir a partir de 1970, quando o autoritarismo assumiu uma conotação moralista. O Ato Institucional Nº5 intensificou o período de exceção política. Em 1970, um Decreto presidencial foi aprovado no Congresso Brasileiro, instituindo a censura prévia aos livros e jornais, e proibindo todo texto contrário à moral e aos bons costumes, estipulando aos poderes públicos a tarefa de assegurar a proteção dos valores éticos indispensáveis à boa formação da juventude brasileira. Nesse mesmo clima várias influências se fizeram presentes contrárias à educação sexual. A Igreja Católica ocupou uma posição de destaque na vida nacional até a década de sessenta. Sua ingerência constituiu-se um dos poderosos freios em relação à manutenção do que se convencionou denominar “cultura repressiva” em relação a sexo. Com a renovação pedagógica dos anos setenta, algumas experiências isoladas sobre educação sexual foram surgindo nos grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O assunto começou a tomar conta da mídia, que o colocou em discussão pública.

O clima de abertura política apresentava-se de forma lenta e gradual, com avanços e retrocessos. Nesse período, os eventos procuravam contar com a presença de autoridades educacionais, o que permitia legitimar o discurso oficial do momento.

O movimento pelo estudo da sexualidade não se restringiu à área da

educação. Na medicina, alguns médicos ginecologistas sentiram a necessidade de aprofundar conhecimentos na área e surgiram profissionais pioneiros em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Curitiba. Alguns nomes destacaram-se: Ricardo Cavalcanti, Nelson Vitiello, Jean-Claude Nahoum, Paulo Canella, Rosires Pereira de Andrade, Gerson Lopes, bem como alguns psicólogos e sociólogos, entre os quais Araguari Chalar Silva, Maria do Carmo de Andrade e Silva, Mabel Cavalcanti e Márcio Schiavo, entre outros. O Iº Encontro Nacional de Sexologia foi promovido em São Paulo, em 1983, pela Comissão Nacional de Sexologia da Federação Brasileira de Ginecologia (FEBRASGO), “embrião” da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH) criada numa Jornada de Ginecologia, em 1986, em Curitiba. A SBRASH é na atualidade a instituição que congrega o estudo, a pesquisa, o ensino e a prática da sexologia no Brasil (CAVALCANTI, 1992, p.15-27).

No ensino oficial, a partir da década de setenta, várias leis, decretos, pareceres e portarias vinham sugerindo a inclusão de conteúdos de sexualidade. Exemplo disso é o Parecer 2269/74 do Conselho Federal de Educação sobre os Programas de Saúde.

Mais tarde, por força da Constituição Federal de 1988, o Conselho Federal de entorpecentes, órgão do Ministério da Justiça, publica a Lei Nº 147 de 25/04/91, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino sobre drogas, entorpecentes e psicotrópicos e sobre AIDS, no sistema de ensino de 1º e 2º graus, nos cursos de formação de professores.

Várias portarias ministeriais revelam o compromisso com a formulação e execução de políticas educacionais que tenham por escopo o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Considerando os problemas vivenciados nos

sistemas de ensino envolvendo crianças e adolescentes relacionados com o alcoolismo, o tabagismo, as drogas e as doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDS, afirma a necessidade de preparar a escola para tomada de decisões frente a esses problemas. Esses atos legais, diante do agravamento da situação social reforça a proposta da necessidade de abordagem multiprofissional e interdisciplinar da questão. Indicam o potencial de utilização do sistema educacional na orientação da família e da comunidade na abordagem do problema.

Paralelamente aos atos governamentais uma ampla discussão se trava nos meios educacionais. Na reconstrução da trajetória e do debate em torno da inclusão da educação sexual no currículo escolar, busquei desvelar os momentos significativos desse percurso, com os argumentos e contra-argumentos que embasaram as tentativas que se evidenciaram nas últimas quatro décadas.

No espaço acadêmico a sexologia adentrou há cerca de uma década, no campo da medicina, da psicologia e da educação. Inicialmente em diferentes disciplinas, cujo foco se concentrava na reprodução humana ou contracepção e planejamento familiar, temas comuns nas escolas médicas, ou na psicopatologia em psiquiatria e psicologia do desenvolvimento, nos cursos de psicologia.

A Universidade Gama Filho foi pioneira na inclusão de sexologia como matéria eletiva no curso de Psicologia, instituiu um programa de Pós-graduação “Lato Sensu” (SILVA, 1986). Nos cursos de Medicina, as Universidade Federal do Paraná (Andrade, 1986) e do Rio de Janeiro (Serapião, 1991), ofereciam discussões sistemáticas sobre sexualidade nos seus currículos, na disciplina de Reprodução Humana e Ginecologia.

Na área da Educação, a Professora Tereza Cristina Fagundes, na

Universidade Federal da Bahia, foi pioneira na iniciativa de oferecer uma disciplina sobre sexualidade e educação, em 1994, inicialmente no Instituto de Biologia e depois em todos os cursos de licenciatura. Afirmou: “Somos pela educação sexual na escola, sim. Não para rotular pessoas ou plasmar comportamentos, mas de forma a preparar o indivíduo para a vida. (FAGUNDES, 1994, p. 17) A implantação da disciplina Sexualidade e Educação, no Departamento I Biologia Geral, do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia, “objetivou suprir carências diagnosticadas nos Currículos dos Cursos de Formação de Educadores” (FAGUNDES, 1994, p. 38).

No final de 1996, analisei os Parâmetros Curriculares Nacionais propostos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) que seriam implantados já no ano de 1997, quando a Educação Sexual é incluída nos chamados “temas transversais” do currículo de 1º grau. O Ministério de Educação e Cultura, face aos dados alarmantes dos problemas ligados à sexualidade elaborou diretrizes para uma política educacional em sexualidade (MEC, 1994). Buscou especialistas que de longo tempo trabalham com a questão e os documentos elaborados refletem o bom senso de quem se dedica com seriedade e profissionalismo ao estudo. Entretanto, é difícil atender a chamados na educação, em situações de risco e apresentar prescrições curativas e mesmo paliativas. Tentam afirmar tudo que ela “não é” e “não deve ser”...

A educação sexual **não deve ser** considerada apenas um processo de transmissão cultural, através da qual uma geração transfere a outra suas invenções e descobertas, crenças e valores, conceitos e preconceitos sexuais. Na vivência democrática, ninguém consegue impor suas verdades ao grupo humano mais jovem. A sexualidade também **não deve ser vista** apenas como um processo que instrumentalize o indivíduo para a mudança de sua vida erótica, como se cada geração quisesse construir um corpo peculiar de cultura, independente dos valores,

crenças e costumes das gerações passadas. A educação **não ocorre fora de um referencial histórico** e só se faz, necessariamente, através do caminho cumulativo. **Educamos sexualmente as pessoas para viverem no mundo do aqui e do agora**, mas, à medida que a educação se processa, mais cedo ou mais tarde o indivíduo vai atingir determinado nível crítico a partir do qual discutirá valores da própria sociedade em que vive, ocultará uns, modificará alguns e acrescerá outros, porque ao receber a herança cultural das gerações passadas, as pessoas recriam a sociedade em que desejam viver. Esta sociedade recriada é transmitida à geração seguinte, que, por sua vez, modifica e reestrutura os padrões recebidos, para doá-los a outra geração, num processo que tem o sabor da permanência, num fluxo contínuo de mudanças. **A educação sexual não pode estar a serviço exclusivo de objetivos, como, por exemplo, a profilaxia da DST e da AIDS, da gestação indesejada.** Esses são **objetivos conjunturais**; têm a fragilidade do temporal, dependem das variáveis de uma cultura específica e do progresso científico de uma sociedade em particular. A educação sexual é voltada apenas para a promoção da felicidade do indivíduo. **O homem não existe no vácuo**, mas é uma fração cultural de uma sociedade, inserido num contexto histórico, numa certa sequência de tempo. Sua felicidade implica necessariamente a resolução dos problemas do grupo a que pertence. **Sem perder sua característica de individualidade, a educação sexual não pode ser alheia à vida social presente, nem aos graves problemas da saúde pública, tais como DST/AIDS, gestação indesejada e drogas** (MEC, 1994).

(grifos da autora)

Fica claro que a educação não pode ser prescrita como vacina para problemas de saúde pública, esquecendo a individualidade e a singularidade do ser humano.

Lamento que a escola seja convocada a intervir na promoção da saúde do escolar como paliativo numa situação em que a sexualidade tenha despertado as autoridades educacionais “via” doença.

A educação sexual entra na escola por intermédio da AIDS, associando doença com sexo. Se ele já foi articulado com feio, sujo, medo, culpa e pecado, agora associa-se com doença e morte, um outro viés de repressão.

O Ministério da Educação e Cultura divulgou a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, para ser implantada, já em 1997, nos quais a educação sexual é incluída como “tema transversal” nos currículos escolares do 1º grau. Entretanto, não dispôs de recursos para a capacitação dos professores e nem sugere a formação acadêmica. A situação é complexa

pela própria dimensão dos conteúdos propostos, bem como pelos desdobramentos dos problemas da realidade do país, um país-continente com uma imensa diversidade cultural. Conhecimentos sobre sexualidade humana não fazem parte do currículo dos cursos de Pedagogia nem dos cursos de Magistério e Licenciaturas que formam professores para o ensino no 1º e 2º graus. Por conseqüência, não podem fazer parte da educação dos seus alunos.

A Secretaria de Estado da Educação do Paraná, no início desta década, desenvolveu esforços para capacitar os professores da rede oficial. Embora muitos tenham participado no Centro de Treinamento do Magistério, de cursos sobre sexualidade e prevenção do uso de drogas, poucos passaram a ações práticas.

A situação é complexa e exige novos estudos, porque no dizer de NÓVOA (1992), "... a formação do professor não se faz por acumulação de cursos, conhecimentos e técnicas mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre a prática e de reconstrução da identidade pessoal".

A análise das experiências realizadas leva-me a afirmar que somente informações não modificam atitudes. Não se faz educação sexual por decreto, improvisação ou modismo. O desafio continua.

3 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

O universo da investigação é constituído por profissionais de formação acadêmica diversa que, direta ou indiretamente, atuam com questões sexuais nas secretarias municipais e estaduais de saúde e educação, em programas de

sensibilização e capacitação de professores. Fizemos um contato informal com doze profissionais e apresentamos a credencial do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Paraná, convidando-os a participar. Algumas pessoas demonstraram receios de uma exposição pública de suas histórias de vida e solicitaram maiores informações. Foi esclarecido que a possibilidade estava em aberto e aguardei um retorno.

A amostra foi composta por seis profissionais que aceitaram o convite e concordaram em participar da investigação. Solicitei um Curriculum Vitae sucinto, para orientar a cronologia dos eventos citados. As entrevistas foram agendadas. Informamos que a fala seria livre, gravada, com o mínimo de intervenção. Foi realizado um contrato de confiança entre o investigador e investigado e garantido o sigilo da identidade.

O processo da coleta de dados foi composto de entrevistas, baseadas numa escuta empática, com a duração média de seis horas, sem interrupção. Seguiram-se três a quatro encontros de uma ou duas horas, para esclarecimentos.

No total, realizei vinte e oito contatos com os seis sujeitos, num total de trinta e oito horas de entrevistas gravadas e seis horas de novos contatos para revisões e correções.

Os discursos dos educadores sexuais abrangem o período das últimas quatro décadas.

O problema nesta investigação foi desvelar como se deu o processo da construção do conhecimento na área da educação sexual.

Tendo como pressuposto a complexidade dos problemas sociais do Brasil e os caminhos e descaminhos da educação sexual, questiono:

O que significa ser educador sexual no Brasil? Como se deu a formação?

Através da des-ocultação das suas histórias de vida pretendi perceber o paradigma que os sustenta.

A questão motivadora foi:

“Me fale da sua vida... como você chegou a fazer o que faz hoje?”

Os momentos centrais neste estudo são:

- a) história de vida dos sujeitos
- b) definição das categorias de interpretação
- c) hermenêutica das versões
- d) articulação entre as versões.

Apesar de desgastante, o trabalho de degravação das fitas para digitação foi extremamente útil porque iniciei a escuta, critério essencial do processo metodológico. Em seguida, iniciei a leitura flutuante observando as articulações da fala bem como a presença de outras formações do inconsciente.

O entrevistado recebeu uma cópia escrita para verificar a exatidão da sua fala e foi facultada a liberdade da retirada de algum trecho, de acordo com critérios de foro íntimo. As alterações feitas pelos entrevistados foram mínimas.

Para compreender a escolha da profissão enfoquei o pressuposto da escola inglesa de psicanálise que afirma que a vocação e a escolha da profissão é um chamado interno e constitui uma resposta inconsciente do ego frente a um objeto interno danificado que exige e necessita ser reparado. Esta visão contrapõe-se à visão da psicotécnica americana do início do século, que pretendia descobrir a vocação através de medições quantitativas realizadas por testes de interesses, aptidões específicas e motivações, compondo um perfil profissional.

Acredito que a identidade profissional não é um dado adquirido ou um produto. No interior da problemática da identidade situa-se a questão da identidade profissional. É um lugar de lutas e conflitos e um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Por isso é mais adequado falar em processo identificatório, numa mistura dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz profissional. A construção da identidade profissional passa por um processo complexo, na qual cada um se apropria do sentido da sua história. Esse processo necessita de tempo para refazer identidades, acomodar inovações e assimilar mudanças.

Para interpretar a carreira profissional enfoquei a perspectiva clássica da psicologia de carreira de Donald Super, que delimita uma seqüência de fases que iniciam com a exploração e a diversificação. Em seguida surge uma fase em que o profissional se põe em questão. Corresponde a várias fases arquetípicas de vida, durante as quais as pessoas examinam o que tem feito e encaram a perspectiva de continuar o mesmo percurso ou optar por outro.

Segue-se a estabilização, na qual o sujeito desenvolve-se e produz. Finalmente surge o fenômeno do recuo e da interiorização que sinaliza o final da carreira e o desinvestimento. A postura em geral é positiva, as pessoas libertam-se sem se lamuriar e preparam-se para a retirada.

Tendo como pressuposto que a sexualidade humana transcende o sexo genital e manifesta-se através de toda a realidade, as questões relativas ao sexo chegam ao erótico. Daí surge o fenômeno. Na sexualidade humana entrecruzam-se múltiplas facetas da dimensão pessoal e profissional. Este é um complicador na formação profissional e na avaliação da eficácia de currículos e programas.

Sabemos que a educação sexual é um fator importante na estruturação da personalidade e que uma postura repressiva estimula a curiosidade. No

início do século Freud propôs uma educação natural sobre os fatos da vida sexual. Desde essa época as pessoas se colocam “contra” ou “a favor”.

Várias tentativas, tímidas e limitadas, vêm sendo feitas, durante este século, sem conseguir os efeitos desejados, isto é, nem que o sexual fosse incorporado como parte integrante do humano, nem que as pessoas fossem sexualmente mais saudáveis. Os movimentos sociais da metade do século trouxeram conquistas nos hábitos e nos comportamentos. Vários limites foram transpostos, a liberdade para discutir o sexual está presente em toda a sociedade, numa verdadeira explosão de erotismo. O sexual passou a ser critério de modernidade. O sexo está presente no discurso sensacionalista, aprovando-o e, também, no discurso moralista, criticando-o.

Entretanto, liberar o discurso não tornou mais compreensível o fenômeno. A sexualidade faz-se presente nas escolas e universidades, nas salas de aula, nos corredores e cantinas, nas entradas e saídas, mas completamente ausente dos currículos, nos quais estão todos os saberes científicos, sérios e dignos de serem ensinados. A sociedade vive impregnada de mensagens e apelos sexuais e o educador continua discutindo teorias e amedrontado diante do cotidiano. Essas mensagens por serem incompletas, incorretas e descompromissadas são decodificadas de forma conflitante.

Vivemos uma época em que é moda ser liberal. O conflito está em que observa-se um discurso liberalizante sem coerência com uma prática real. Há um hiato entre discurso e prática, mesmo entre aqueles que pretendem trabalhar com questões sexuais.

Toda criança e adolescente tem direito ao conhecimento sobre os fatos da vida sexual, no domínio cognitivo (informação), no domínio afetivo (sensações, sentimentos, valores e atitudes) e no domínio comportamental (comunicação e decisão sobre possíveis riscos e perigos). O local ideal dessa

educação é a família e deve começar muito cedo. Entretanto, os pais, os primeiros educadores sexuais têm necessidade de ajuda e encorajamento. A escola deve tomar a iniciativa e constituir uma parceria. Iniciando somente na adolescência atuamos muito pouco em prevenção e intervimos apenas em assistência.

Como educadora preocupo-me com a educação sexual porque tudo o que se tentou fazer até o momento mais colocou questões sobre este fenômeno do que o desvelou.

A decisão pelo enfoque teórico-metodológico da fenomenologia hermenêutica se deu pela insatisfação com a metodologia quantitativa. Tendo como objeto o curso das histórias de vida e a análise dos discursos é a abordagem mais adequada. Com base em experiências anteriores a visão da subjetividade com respaldo teórico contribui para o equilíbrio da subjetividade.

O alvo da interpretação é o sentido e a atribuição de significado e sinalização apresentadas no tempo vivido do “formar-se educador sexual”. A atitude do pesquisador é de despojamento diante do sujeito para possibilitar “ouvir” a sua fala, para poder compreender as significações e a essência do seu “existir-aí-com-os-outros-no-mundo”.

HEIDEGGER (1981) desenvolve em seu pensamento uma vertente da hermenêutica cultural e existencial. Tem como pressuposto que a verdade não é algo que construímos usando métodos que supostamente nos distanciam daquilo que desejamos conhecer, mas surge do nosso engajamento com o mundo.

A hermenêutica comumente se associa à fenomenologia. Neste estudo a decisão pelo método se aplica porque a própria raiz do verbo grego do termo “*herméneuein*” (interpretar) sugere o processo de tornar inteligível,

trazer algo à compreensão, sobretudo aquilo que envolva a linguagem.

É assim que HUSSERL (1945) nos ensina quando se refere à “ciência dos fenômenos”. Descreve o que vê no dado imediato, “ir à coisa mesmo”. O investigador necessita liberar o seu olhar para acolher o que lhe é apresentado.

Segundo MERLEAU-PONTY (1945):

Todo conhecimento que posso ter do mundo, mesmo o próprio conhecimento científico, é construído a partir do meu próprio ponto de vista, ou a partir de alguma experiência de mundo sem o que os símbolos da ciência natural seriam sem significados. O Universo total da ciência está construído sobre o mundo à medida que ele é experienciado diretamente, e se desejarmos submeter a própria ciência a um exame rigoroso e chegar a uma avaliação precisa do seu significado e objetivos, necessitamos iniciar um reavivamento da experiência básica do mundo no qual a ciência é uma expressão de segunda ordem.

A interação entre o investigador e o objeto pesquisado e as trocas de intersubjetividade se produzem continuamente, num encontro não “a dois”, mas “de dois”. É valorizado o afetivo e as experiências de vida, que numa pesquisa quantitativa escapam às estatísticas.

Decidi pela metodologia dialógica porque desejei trilhar caminhos não percorridos na investigação científica. Busquei aprofundamento teórico nos textos de António Nóvoa. FERRAROTTI (In NÓVOA, 1988, p.18-27) afirma:

[...] a crise do paradigma cartesiano se justifica porque homem é o universal singular. Pela sua práxis sintética, singulariza nos seus atos a universalidade de uma estrutura social. Pela sua atividade destotalizadora/retotalizadora, individualiza a generalidade de uma história social coletiva. **Eis-nos no âmago do paradoxo epistemológico que nos propõe o método biográfico.** [...] Se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropriação do singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual. (grifos da autora)

A partir da década de oitenta surgiu um crescente interesse pela abordagem autobiográfica que constituiu durante muitos anos, no dizer de NÓVOA (1992, p.9) um “paradigma perdido” na investigação educacional. Surgiram representantes nos círculos educacionais mundiais principalmente na Suíça, Canadá, Estados Unidos, França, Portugal e Israel.

Toda essa corrente metodológica afirma que a profissão docente precisa de “se dizer e se contar”, como uma maneira de a compreender, em toda a sua complexidade humana e científica.

Talvez seja útil lembrar a dupla ruptura epistemológica referida no discurso sobre as ciências de BOAVENTURA (1987, p. 57) quando se refere à necessidade do conhecimento científico se constituir em senso comum: “Na ciência moderna a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico; na ciência pós-moderna o salto mais importante é o que é dado do conhecimento científico para o conhecimento do senso comum” (In NÓVOA, 1995, p. 7).

A nova atenção concedida às abordagens autobiográficas, faz ressurgir o sujeito face às estruturas e sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído. Enfoco o espaço entre o tempo vivido pelo sujeito e as condições objetivas da realidade social. Enfatizo o afetivo, pelo viés das experiências de vida, que normalmente numa pesquisa quantitativa escapam às estatísticas.

Não se forma um educador sexual somente com informações teóricas e domínio de técnicas.

O processo identificatório dos professores está sustentado por três “A”: Adesão, Ação e Autoconsciência.

“A” de Adesão, porque ser professor implica sempre na adesão a princípios e valores, a elaboração de projetos e num investimento e numa crença nas potencialidades positivas dos educandos.

valores, a elaboração de projetos e num investimento e numa crença nas potencialidades positivas dos educandos.

“A” de Ação, porque na escolha da melhor maneira de agir na prática pedagógica selecionamos técnicas e métodos que mais se identificam com a nossa maneira de ser e marcam a nossa prática docente. Essas decisões são de foro pessoal e profissional.

“A” de Autoconsciência, porque toda decisão decorre do processo de reflexão e avaliação que o professor realiza sobre sua ação. É uma dimensão decisiva da profissão docente, na medida em que a mudança e inovação estão relacionadas com estes momentos de pensamento reflexivo (NÓVOA, 1995, p.16).

(grifos da autora)

As histórias de vida e seus percursos de formação e transformação foram compreendidas e interpretadas. A noção de compreensão aqui enfocada baseia-se na concepção que “compreensão não é explicação”. A explicação diz respeito a fatos e causas, ao passo que compreensão refere-se a vivências e sentidos.

“Compreender é o ato de apreender o psíquico que se exterioriza e que não pode ser objeto de explicações” (MORA, 1981, p. 545).

Para a análise das entrevistas optei pelas categorias de Merleau-Ponty como tempo, espaço e desenvolvimento, condizentes com o objeto de investigação (MERLEAU-PONTY, 1971).

MARTINS (1992) comenta que o significado original do termo “poesia” é “fazer” ou “produzir”. Para os gregos, poesia referia-se especificamente ao “ato de poder e de fazer”. O poeta é invadido pela linguagem, pelas palavras, pelos mitos e símbolos, também habita aquilo que constrói através da sua imaginação. O termo envolve necessariamente uma criação, um pensar e um construir. O fazer e o habitar o que foi construído, constitui a “*poíesis*”.

Vários caminhos metodológicos mostravam-se à minha frente como possibilidades. Defrontei-me com a necessidade de escolha. Consciente das

seguir por ali. Parafraseando o poema de Frost constituí uma metáfora que neste momento define a minha escolha.

Duas estradas bifurcavam-se num bosque dourado, e eu triste por não poder percorrer ambas, muito tempo ali permaneci. E ambas, igualmente, naquela manhã ali. Certa de estar fazendo uma boa escolha, ainda sem trilhar a estrada, tomei uma e segui. Então, deixei a outra para outro dia. Sabendo, porém, que um caminho leva para outros caminhos, duvidei se um dia voltaria. Disse tudo isso com um suspiro, pois anos após, então, duas estradas bifurcavam-se num bosque e eu... eu percorri aquela menos usada. Esta foi a grande diferença (MARTINS, 1992, p. 90).

4 CURSO E DISCURSO DE EDUCADORES SEXUAIS

4.1 ANÁLISE DE ENUNCIÇÃO

A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos em seus conteúdos e continentes. É um esforço de interpretação na tarefa de desocultação do latente, do não aparente e do não-dito de qualquer mensagem.

Funcionando como uma técnica de ruptura a análise de conteúdo obriga a um intervalo de tempo entre o estímulo-mensagem e a reação interpretativa. A análise de conteúdo deve começar onde os modos tradicionais de investigação acabam. No plano epistemológico é um modelo representacional (em oposição ao instrumental) no qual a tônica é colocada sobre orientações de valor, afetivas ou cognitivas dos significantes ou dos enunciados de uma comunicação (BARDIN, 1977, p. 13-20).

A análise temática é transversal e a da enunciação é singular como um estudo de caso. Os dados são analisados por agrupamento em categorias com conteúdo comum. Prevê a pré-análise, a exploração, o tratamento, a inferência e a interpretação. A primeira atividade é a leitura “flutuante”, onde

o investigador deixa-se invadir por impressões e orientações em analogia com a atitude do psicanalista.

A aplicação da técnica de análise de enunciação foi escolhida porque é aquela que melhor se adapta à entrevista não diretiva.

Apoia-se numa concepção de comunicação como processo e funciona desviando-se das estruturas e dos elementos formais. Exige empatia e a possibilidade do recurso de reformulação, reenvio, respostas e reflexos.

Desenvolve-se segundo a lógica do entrevistado e a única limitação é a instrução temática como ponto de partida.

Trata-se por isso de um discurso dinâmico no qual o trabalho de elaboração é, ao mesmo tempo, emergência do inconsciente e construção do discurso. É a convergência de influências teóricas e metodológicas de várias origens. Vêm diretamente de Freud o interesse pelo jogo de palavras, pelas associações, pelos lapsos, pelos silêncios. Lacan participa na concepção de um discurso em que a manifestação formal esconde e estrutura a emergência de conflitos latentes. Considera a produção da palavra como “processo” onde é elaborado um sentido e são operadas transformações.

O discurso não é uma transposição de opiniões, de atitudes ou representações que já existem antes da passagem à forma de linguagem. Não é então um produto acabado, mas um momento no processo de elaboração e, com tudo isso, comporta contradições, incoerências e imperfeições.

Considera que um triângulo estrutura a produção: o locutor, o objeto do discurso e o entrevistador. O locutor exprime toda sua ambivalência, os seus conflitos de base, a incoerência do seu inconsciente. Mas na presença de um terceiro a sua fala deve respeitar a exigência da lógica socializada. Daí surge o discurso.

Visto assim, é por um lado uma atualização parcial de processos em grande parte inconscientes, e por outro, a estruturação e as transformações provocadas na passagem pelo “fluxo da linguagem” e pelo “outro”.

Utilizei dois níveis de aproximação: a análise lógica e a análise dos elementos formais atípicos, como omissões, ilogismos e silêncios. Apoia-se essencialmente na análise lógica do discurso, na dinâmica das entrevistas e nas figuras de retórica.

Os discursos desta investigação foram numerados de um a seis segundo critério cronológico de realização. Todos utilizaram a primeira pessoa do singular.

A análise está centrada na singularidade da elaboração individual e a redação respeitou a não-diretividade, isto é, a liberdade e a criatividade individuais.

Cada discurso é a unidade-base. Foram elaboradas fichas para anotações de inferências e categorização. A edição dos textos conservou os enunciados intactos, proposição por proposição.

O texto foi recortado dentro das categorias estabelecidas segundo a noção de tema e idéias constituintes em enunciados e em proposições portadoras de significações isoláveis.

A análise seqüencial registra sempre que ocorre uma mudança de assunto ou a passagem de narração à descrição ou à explicação.

O personagem de cada discurso é caracterizado e contextualizado com seus atributos essenciais, como estatuto social, situação familiar e idade. Quando os entrevistados se referiram a um contexto com a expressão “no meu tempo...” ou “naquela época...”, solicitei para que precisassem a época.

São registradas as rupturas dos discursos, risos, espaços vazios, silêncios ou a transição para a explicação, como “agora”, “isto é”, “quer dizer...”.

A categorização previu a classificação e o agrupamento pela parte comum existente entre os discursos. Foram discriminados os assuntos a partir dos estímulos comuns. As mensagens foram analisadas buscando significantes e significados e, isto é, passando pelo continente para chegar ao conteúdo.

4.2 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Após a leitura total dos discursos estabeleci as seguintes categorias de análise:

- Infância e memória
- Identidade e identificações
- Expressão da sexualidade
- Adolescência, estudo e profissão
- A carreira profissional
- Análise da carreira profissional

Para facilitar a leitura e a compreensão dos discursos apresento alguns dados que compõem um perfil sucinto dos educadores sexuais, não identificatório, numerados de um a seis, que corresponde ao número que acompanha cada recorte dos discursos.

Perfil sucinto, não identificatório, dos educadores sexuais

1º - Sexo feminino, 60 anos, casada, duas filhas, nascida e criada no interior do Paraná. De família humilde ucraniana, formada em História Natural, professora de Biologia. Trinta e oito anos de carreira profissional.

2º - Sexo feminino, 32 anos, casada, dois filhos, nascida e criada no interior do Rio Grande do Sul. De origem italiana, formada em Medicina, especializada em Pediatria e Adolescência. Doze anos de carreira profissional.

3º - Sexo feminino, 47 anos, casada, quatro filhos, nascida no interior do Paraná e criada na capital. Pertencente a família numerosa, formada em História Natural, Mestre em educação, Professora universitária e orientadora de jovens na prevenção de drogadicção. Vinte e seis anos de carreira profissional.

4º - Sexo masculino, 45 anos, casado, dois filhos, nascido e criado no interior do Paraná. Formado em Medicina, especializado em Ginecologia e Obstetrícia, Professor do Curso de Medicina e de cursos de sexualidade, contracepção e gravidez na adolescência. Vinte e um anos de carreira profissional.

5º - Sexo feminino, 53 anos, casada, dois filhos. Nascida e criada em Curitiba. Psicóloga e professora de segundo grau e universitária, atende adolescentes em instituição pública. Vinte e oito anos de carreira profissional.

6º - Sexo feminino, 48 anos, casada, três filhos. Nascida e criada no interior do Paraná. Formada em Medicina, especialista em Pediatria e Adolescência, professora universitária. Vinte e sete anos de carreira profissional.

4.2.1 Infância e memória

A consciência do “eu” inicia-se com a percepção do seu ser separado do “outro” nas relações parentais e segue com a descoberta da diferença sexual anatômica e a complementação do seu sexo de gênero.

A curiosidade e a investigação conduzem a atividade da criança no seu mundo infantil. A memória registra a vivência de fatos e situações significativas.

O sítio proporcionou um contato direto com a natureza, com os vegetais e animais... Desde pequena eu era muito curiosa e me interessava por tudo... acho que até era superdotada, não sei... Eu tinha muita intuição, eu descobria as coisas... (1º)

Eu me lembro das primeiras conversas... a minha mãe vem de uma família italiana, muito religiosa, pai muito severo, oito filhos, ela é a mais velha... e assim... de muito trabalho, muita honestidade, mas principalmente muita religião... e muito pecado... E a família do meu pai, também uma família humilde de italianos... mas a religião não era um ponto tão forte... Mas minha mãe sempre foi muito religiosa... Ela casou com 26 anos, meu pai foi o primeiro namorado. Antes ela foi para um internato para ser freira. O meu pai foi o único que estudou dos oito irmãos... com nove ou dez anos saiu de casa e foi para o seminário para ser padre... mas depois ele percebeu que não queria ser... não era aquilo... Ele chegou a essa conclusão... foi para o seminário para poder estudar... ele não tinha dinheiro... mas não queria ser padre e a minha mãe também não tinha nada a ver em ser freira... Ele continuou os estudos, fez Faculdade de Letras e depois Direito. Meu pai era professor de latim, português, não sei exatamente do quê... Eles se conheceram na igreja... Ele era cantor do coral, tinha uma voz muito bonita... minha mãe super religiosa... Eles casaram dois anos depois... e tiveram quatro filhas... Meu pai passou no concurso de Juiz e mudamos de cidade... (2º)

Eu não sei porque valorizo o biológico, a questão da vida... Talvez o tipo de formação familiar que eu tive, muito ligada à questão da natureza... embora sempre morando na cidade, as raízes familiares estavam no interior... A natureza era uma coisa que me atraía... elementos bastante próprios em mim... (3º)

Nós morávamos com minha avó... nessa época eu tinha muitas crises... e sempre era superprotegido pela família... Por causa da asma... é... eu imagino... ... a superproteção mesmo... de todos os lados... principalmente da minha

avó... mãe do pai... de todos... Da minha avó a proteção era total... a superproteção era por causa da asma... que começou com dois anos... dizem que na primeira crise eu quase morri... Na infância era uma superproteção terrível... Inclusive com meus outros irmãos tinha alguma relação... me protegiam demais e não protegiam tanto os outros... Isso existia e era visível... Depois eu vi que era visível. Na época eu não percebia. Na pré adolescência eu tive que tomar corticóide e engordei muito... fiquei muito gordo... tinha dez anos e pesava 64 quilos... era enorme de gordo... Aí eu vim para Curitiba e fui fazer tratamento médico. Fui aos poucos até deixando de usar bombinha... Nessa época eu tinha doze anos. Daí depois melhorei... fazendo exercício... parando o corticóide ... comecei a fazer dieta também... e comecei a emagrecer... Estava na época de crescimento também... aí consegui emagrecer... (4º)

Eu era uma menina muito mimada... era filha única... muito ligada com meu pai... A leitura era o lazer predileto do meu pai... ele tinha uma poltrona preferida... eu tinha mais ou menos quatro anos e ficava espiando no canto da sala... muito quietinha... até ele me ver... Aí ele fechava o livro e com ar de riso e satisfação perguntava... você quer colo? Eu acenava que sim com a cabeça e corria para o colo dele... Depois de um tempo ele retomava a leitura e eu... no seu colo... acompanhava as páginas repletas de sinais... ficava fascinada... comecei a conhecer os números das páginas... e as combinações das letras... parecia uma magia... (suspiro) aprendi a ler assim... quase sozinha... Depois fui experimentando copiar letras e palavras... desenhando... Minha mãe complementou... ensinou as vogais e as primeiras combinações... escrevendo com giz atrás de uma porta marrom... eu adorava... entrei no colégio com seis anos na segunda série... e sabendo ler perfeitamente... As freiras não acreditaram, acharam que era “papo de mãe” (risos) e fizeram um teste... (5º)

Nós éramos em cinco irmãos. Meu pai era casado pela segunda vez. Eu tinha dois irmãos mais velhos, eu... e mais dois. Eu era o sanduíche. Tinha um pai extremamente autoritário... mas extremamente compreensivo... eu nunca levei um tapa... nunca ouvi uma voz alta... ele era aquele que depositava confiança para você saber como se conduzir na vida... Eu não me lembro como percebi as diferença entre os sexos... não me lembro quando fiquei sabendo... sempre fui muito desligada das coisas... eu me lembro muito... eu me lembro... eu de vestidinho de xadrezinho azul... bordadinho... não esqueço nunca... eu... de vestido... de menina... isso que eu me lembro de quando era pequena... me lembro de boneca... e aí meu pai: vem cá minha filha... vem cá meu filho... com relação a carinho, afeto... era igual... a energia dele ele distribuía com aquele que aprontava mais... (6º)

Observo que a literatura referida no referencial teórico sobre a importância das figuras parentais na formação do “eu” se confirma nesses discursos. A criança inicia uma investigação sobre o mundo que a rodeia e

tem a tarefa de encontrar um lugar e um significado para a sua presença na família. Percebe a diferença sexual anatômica e as normas sociais para o sexo de gênero.

A minha curiosidade era quanto a tudo... e a mim mesma... tentar entender o que acontecia... o que via nas pessoas... por exemplo, uma vizinha no sítio... tudo meio longe... então a vizinha tinha a barriga grande... depois a barriga sumia... e aparecia o nenê... (1º)

Eu senti desde cedo uma inclinação pelo estudo da vida... Desde cedo... eu me lembro que desde os doze, treze, quatorze anos, quando a gente começa a observar o mundo e começa a se ver... (3º)

Eu nunca gostei de brincar com bonecas... achava muito sem graça... não tinha vida... Disse para minha mãe que queria brincar com alguma coisa que se mexesse... que tivesse vida... Eles acharam muito engraçado... lembro que eu não entendi porque ela achou graça... e contou para o meu pai... pensei nisso mais tarde... senti um ar de espanto e mistério... continuei sem entender... depois ganhei um cachorrinho... (5º)

Eu sempre estudei em colégio de freira... interna... Só ia para casa nas férias... mas eu gostava... Não me lembro de nada de ruim das freiras... não me causou nenhum trauma como vejo outras pessoas falarem... Eu desejava liberdade... mais tarde percebi isso... porque o que eu mais invejava... (risos) nas meninas da minha cidade é que elas trabalhavam... e o que eu mais queria era trabalhar de empregada doméstica... (risos) como elas... (risos) porque trabalhavam fora de casa... ganhavam seu dinheiro e podiam comprar o que quisessem... (risos) imagine só... (6º)

A memória infantil registra todos os momentos significativos da sua vivência infantil. No contato com a natureza a vida se oferece aos olhos da criança num espetáculo orquestrado. Todos os fenômenos apresentam-se à contemplação do seu olhar inquiridor. Percebo que um maior contato com a natureza favorece a visão e a interpretação do mundo. A criança observa espontaneamente os fatos que se passam a sua volta entre as pessoas e os animais. O mistério da vida é o primeiro enigma que desperta a curiosidade. A procriação está entre os fatos da sexualidade humana que mais atrai a atenção da criança. Os comentários sobre o nascimento geralmente são

desconsiderados. A criança guarda para si suas dúvidas e constrói teorias. Observa mas não questiona. Isso porque não é incentivada pelos pais quando tenta comentar os resultados de suas investigações. Registra em sua memória a impressão de que o assunto não agrada aos adultos porque, na maioria das situações, eles fingem que não escutaram, calam-se, escamoteiam ou camuflam. A criança ferida em seu orgulho de investigador também se cala. Segue amparada pelas opiniões dos seus pares. Inicia-se um processo de desinformação socializada. O que acaba sendo grave, é a perda da primeira oportunidade de abordagem educativa, de forma natural e espontânea, e a frustração pela perda na confiança e na autoridade dos pais. Quando as crianças percebem que os adultos fingem que não sabem, mentem ou não se interessam pelas suas dúvidas, sentem-se perdidas, sem um ponto de referência, além da decepção em sentir a queda dos seus ídolos. Calam-se e não perguntam mais nada. Entretanto, o entendimento dos enigmas da vida continua sendo a maior motivação para a investigação científica, mesmo a tarefa não sendo facilitada.

Eu via a barriga crescer depois via o nenê... e não podia perguntar... mas eu ficava quebrando a cabeça... o que é que era... como é que aconteceu... como foi que entrou... como é que saiu... Todas essas coisas normais que a criança pensa e hoje tem resposta... eu fui desenvolvendo, desde pequena, uma curiosidade normal de criança sobre a sexualidade não só das plantas e dos animais, mas quanto a tudo. Com quatro ou cinco anos já sabia que existia diferença entre meninos e meninas porque eu tinha irmão.... mas questionamento a gente não fazia... (1º)

Lá em casa sobre sexo a gente era uma negação... Nunca houve conversa sobre sexualidade na minha casa... havia inclusive muita repressão... porque minha mãe era muito repressora. (4º)

Lá em casa não se falava nada em relação a sexo... e eu estudava em colégio de freira... semi-interna... para ficar muito em cuidada... (risos) ia e voltava de ônibus escolar... as meninas no colégio contavam coisas de sexo... mas o que era curioso... eu não acreditava no que diziam... ficava superior a essas coisas... imagine só... Eu ficava tecendo minhas idéias e achava aquilo impossível

de acontecer... o nenê na barriga... Quando eu tinha uns onze anos, eu me lembro que uma vez passou de mão em mão uma carta de uma noiva... contando sobre a noite de núpcias... Eu? Não quis ler aquelas baboseiras... escutei algumas coisas que comentavam... Imagine se eu ia acreditar naquilo... **Eu ficava calada... me sentindo superior...** também não perguntava para ninguém... Outra vez aconteceu uma coisa muito engraçada... foi um “auê” no colégio porque as freiras encontraram uma “camisinha” no galinheiro... Elas ficaram muito brabas querendo saber quem tinha trazido para o colégio... Foi uma menina... que os pais tinham uma farmácia... ela trouxe para mostrar e depois não sabia como se desfazer e jogou por cima do muro no galinheiro... (risos) e as freiras acharam... nunca descobriram quem foi... (5º)

Na minha infância não tinha aquela abertura para falar de sexo como eu falo hoje na minha casa. Eu me lembro... eu era muito pequinininha... escutei uma conversa na sala... minha mãe com as tias... e tinha mais pessoas... que eu achei muito estranha... acho que era sobre menstruação... alguém tinha usado o penico a noite... (risos) naquela época no interior não tinha luz e as pessoas usavam penico... e tinha saído muito sangue... uns pedaços de sangue... Hoje eu acho que devia ser menstruação... Eu me lembro que fiquei muito curiosa... queria saber o que era aquilo... mas não perguntei... não tive coragem de perguntar... (6º)

A convivência com os amiguinhos aguça o espírito de investigação da criança e ela geralmente comunica suas descobertas e compartilha informações. Amplia-se sensivelmente a sua compreensão do mundo.

Os discursos apontam que as crianças observam mas não perguntam porque não sentem um clima aberto ao diálogo, o que favoreceria a formação de conceitos claros e corretos, promovendo a confiança e evitando que compartilhassem informações incorretas.

Com nove anos eu descobri sobre o relacionamento sexual... algumas colegas comentaram... e eu fui perguntar para minha mãe. **Porque até nove anos eu achava que isso era uma coisa assim... como piada... de televisão... tipo de brincadeira...** (risos) e achava que era uma coisa assim... muito errada... muito pecaminosa... uma coisa, sei lá... uma coisa que não é normal... achava aquilo uma bestialidade... eu não achava que era normal uma coisa dessas... Perguntei assim: Mãe... é verdade que precisa fazer isso? Eu fiz a pergunta esperando e pensando que ela ia dizer... – Claro que não, minha filha... (2º)

Eu não tinha turma de amigas... só no colégio... e aquelas que fossem muito selecionadas... só era permitido ir nos aniversários de algumas... tudo muito

controlado... era chato porque tinha que estar inventando desculpas porque não ia... ou às vezes a mãe queria que eu fosse amiga de uma filha de amiga dela... só que eu não gostava da menina... **Só brincava com duas amigas selecionadas...** escolhidas e selecionadas... e sempre alguém ia me levar e me buscar... tudo combinado por telefone... com segurança máxima... (risos) e eram meninas de boas famílias... tradicionais famílias paranaenses... Fora isso não ia sozinha com amigas a lugar nenhum... (5º)

Eu fiquei “mocinha” no colégio... A freira me chamou e disse que eu tinha que cuidar mais da roupa e que na próxima visita iria contar para o meu pai. Realmente ela disse: **“sua filha já é mocinha!”** Ele me abraçou ficou como uma coisa boa... (6º)

4.2.2 Identidade e identificações

Em seu debate com o mundo a criança busca a verdade de si mesma e sua grande tarefa é construir sua identidade. Mesmo antes de constituir-se “ser-de-fala” já está inserida no simbólico. Na relação com o “outro” deverá construir uma estrutura, um “eu”, a sua única morada na vida.

Eu vivi num universo bem feminino... Ser menina, ser mulher para mim era uma coisa boa, me sentia um ser superior... (risos) ela pode se dar ao luxo de ser inteligente... (risos) de ser esforçada... (risos) Tinha muito a questão de ser mãe, eu sempre quis ser mãe... eu dizia, **quero estudar, estudar, estudar...** (risos) e lá pelos vinte e dois anos eu vou me casar e vou ter filhos... Na minha vida sempre eu queria me casar... e queria ter filhos... sempre... sempre... sempre... A maternidade ficou como um valor importante... bem importante. (2º)

Eu percebi a diferença entre menino e menina bem cedo. A consciência de ser menina na infância... a diferença anatômica foi percebida muito cedo, que eu me lembre foi bastante cedo... e muito natural... porque eu vinha de uma família bastante numerosa, somos em sete irmãos, eu era a terceira, antes de mim tinha uma menina e um menino, mais velhos do que eu, eu sou a terceira... logo depois de mim, quando eu tinha dois anos veio um outro menino...

Eu tive a oportunidade de participar da vida dos outros irmãos, do banho... A própria estrutura da casa, a família nos dava muito forte uma identidade masculina e feminina, e o significado disso... Eu tinha meu pai e minha mãe, outros primos, eles foram os primeiros do norte que vieram para cá... então eu tinha os primos, tanto homens como mulheres, todos eles passaram pela nossa casa... a vida foi muito intensa... Em relação a roupas... a família era numerosa e a gente

passava de um para o outro...Então não tinha isso de azul para menino e cor de rosa para menina... já era mais socializado. (3º)

Eu era o filho mais velho... Eu não me lembro exatamente a época que percebi a diferença entre os sexos... Eu tenho irmãos, tenho um irmão e uma irmã, mas são mais novos do que eu... Eu era o mais velho... quando eu me lembro... que tenho consciência eu já sabia, já percebia... (4º)

Eu era uma menina ‘boazinha’... não incomodava... diziam... vivi num mundo muito controlado... me sentia diferente das outras meninas... às vezes... até pensava que eu era... muito importante... me faziam sentir que eu era diferente... mais importante do que as outras... e isso foi muito ruim... porque não era verdade. Não tive oportunidade de conviver com outras crianças e não conhecia o sexo oposto... Só recebi mensagens que tudo era um perigo... se não estivesse com a minha mãe... meninos então? Nem pensar em brincar em aniversários... eles eram um perigo... eu não sabia porquê... eu ficava sentadinha ao lado da mãe e lembro que ela dizia: ela não gosta de brincar... mas não eu que falava ... ela falava por mim...(5º)

Eu não era como sou hoje. Eu sempre fui muito dócil. Depois a vida faz a gente mudar um pouco... então eu me lembro disso. O tratamento carinhoso... minha filha... meu filho... e a roupa bem feminina... vestidinho... A aquela coisa muito de “ser mulher” bem feminino, tanto que eu repeti isso com minha filha... vestia com aqueles vestidinhos bem soltos, chapeuzinho, sapatinho de boneca... eu repeti essas coisas... (6º)

A identidade de uma pessoa está ligada com a sua história de vida. Pontuo a importância dos discursos no processo de construção de uma estrutura de personalidade saudável. No bojo do processo está a identidade sexual, isto é, a consciência íntima de ser menino ou menina, que segundo Money se fecha completamente até os três anos. A criança expressa em atitudes e sentimentos a respeito de si mesmo a sua identidade de gênero.

Minha infância foi muito atribulada, porque desde os dois anos eu tenho asma, e alergias em geral, depois fiquei com rinite alérgica e tal..., então desde os dois anos de idade que eu tinha crises e crises...

Eu tinha dificuldade com os amigos na infância... por ser gordo... até de relacionamento na escola, os meninos da escola e as professoras me protegiam bastante...E isso gerava ciúme dos colegas que descarregavam na questão da gordura... me chamavam de ‘maricas’... acabava ficando mesmo com ares de superprotegido... porque você acaba ficando um pouco mais delicado, mais sensível do que os outros... então a gordura sempre foi terrível para mim... e

era por corticóide. Fiquei com aquela face de “cushing”, tinha as características de “cushing” mesmo... (4º)

Quando tinha seis anos de idade eu sofri um acidente num parque de diversão, com uma balança, que afetou toda a parte estética, os dentes. **E eu vivi dos sete aos quatorze problemas muito intensos ligados à minha estética.** O auge da minha adolescência. Não tão forte que me bloqueasse relações mas foram muito marcantes para mim... o fato de eu ser dentuça... **eu tinha esse apelido de dentuça...** os dentes completamente tortos... **Foi um acidente muito sério.**

As conseqüências do acidente que sofri prolongaram-se por muitos anos... houve esfacelamento de gengivas... fiquei meses me alimentando só com líquidos... de canudinho... e os dentes fixaram-se do jeito que deu... todos tortos... Com o crescimento houve uma atrofia do maxilar inferior, um crescimento do maxilar inferior em relação às outras partes da face. Como se o nariz, a parte de cima tivesse crescido bastante e essa parte da boca não tivesse acompanhado. Então fiquei praticamente sem queixo, o nariz parecia que era desproporcional ao tipo da face...Então fiz cirurgia plástica com quatorze anos, fiz inserção de silicone no queixo, foi retirado parte do nariz e colocado no queixo e completado com silicone. Isso aos quatorze anos.... E quando eu completei dezesseis anos, embora a minha correção tivesse sido bastante significativa, ainda não teria feito toda a correção que seria considerado normal. Então eu tirei o aparelho com uma grande melhora e com esse processo todo... (3º)

Havia uma disputa de poder entre minha avó e minha mãe.. e minha avó **desvalorizava muito minha mãe...** quem cuidava dos filhos era ela, da casa também era ela que cuidava, da comida, tudo era ela... e minha mãe ficava de fora... **Ela era dominadora...** Tudo era ela que dominava... **Meu pai era filho único...** Então ela protegia meu pai, e claro, ela era sempre contra minha mãe... **E nós ficávamos contra a minha mãe, sempre muito protegidos...** (4º)

Sendo um processo contínuo percebo que pode ser afetada por eventos traumáticos que ocorram no decorrer do processo. A criança estabelece relações entre elementos experienciais e cognitivos e experiências, como associar e comparar.

Embora as várias facetas do “eu” sejam distintas e sustentem os vários papéis sociais a serem desempenhados, os eventos significativos não podem ser dissociadas.

As identificações surgem na relação com as figuras parentais, iniciando-se num processo simbiótico, onde o sujeito não diferencia o “eu-sujeito” e o “eu-objeto”, o “eu e o outro”.

Eu tinha adoração pelo meu pai... tinha paixão pelo meu pai... A figura importante da casa era ele... Minha mãe casou adolescente e continua adolescente até hoje... Eu achava um absurdo ela deixar a roupa para meu pai vestir, tudo arrumadinho na cama... meia, cueca... acho que é por isso que eu trabalho com adolescente, agora descobri isso... então eu desafiava muito meu pai... Eu tinha onze anos e eu queria uma calça comprida... e meu pai dizia assim: isso é coisa de homem... e eu dizia... mas todo mundo usa.. - Mas quem é o todo mundo? Eu morava numa cidade bem pequenininha... e quem primeiro usava as novidades era as mulheres da zona... aí eu peguei uma calça do meu irmão e pedi para minha mãe arrumar para mim... ela não queria, teu pai vai ficar brabo... depois cedeu... eu apareci de calça comprida... eu queira mostrar para ele que não era aquilo que ele pensava, eu era menina... Aí ele viu e disse: então quando você viajar você usa... (6º)

A percepção da expectativa dos pais em relação ao papel de gênero está bem clara nesses discursos. A criança consegue discriminar o que se passa à sua volta, fazer restrições e inclusive julgar as atitudes dos seus pais. A criança em sua fantasia projeta sua vida de acordo com as expectativas que percebe no seu meio familiar, bem como os desafios para afirmar os seus desejos.

Esses desencontros estão muito relacionados com o papel sócio-sexual desejável e aceito pela ideologia dominante. Entretanto o sentimento de ser amada e o afeto e o carinho, inclusive nas proibições e limites, marcam toda a experiência infantil. Pôr-se em questão e buscar uma resignificação para experiências negativas faz parte do processo de amadurecimento.

Sendo menino e crescendo entre os conflitos entre a mãe e a avó... sempre dominadora... e com meu pai distante, a saída de casa para estudar, na adolescência, foi muito importante para a afirmação da minha identidade... ... mas a separação dos meus pais foi terrível... foi uma crise bem difícil. Mas foi muito bom para mim. Ficar sozinho foi importante... era muito protegido... já tinha me revoltado antes... mas queria me sentir eu próprio. Me senti inseguro no começo, mas depois foi muito importante para mim... e foi bom mesmo. (4º)

A percepção das identificações ficam evidentes em vários trechos dos diversos discurso definindo preferências e direcionamentos que se

prolongaram pela vida influenciando todas as decisões, inclusive as profissionais. As identificações com a figura paterna nos discursos do sexo feminino foram uma constante.

Uma coisa que é marcante em mim é o gosto pelo estudo que eu associo com a leitura... com os livros... gosto de estudar... de fazer cursos... de coisas difíceis... não gosto de coisas fáceis tidas como tradicionais para a mulher... outra coisa marcante na infância foi a aventura pela literatura infantil. Encantava-me com os personagens... com o coelho da Alice no país das maravilhas.. divertia-me com a idéia de comemorar o dia dos *des-aniversários*, ...muito mais numerosos do que o do aniversário... Gostava de misturar sílabas e inventar palavras... as brincadeiras com as duas amigas sempre era de escolinha... E desse lugar ou *des-lugar*, como diria o coelho de Alice é que prossegui gostando de ler e estudar. (5º)

Uma coisa que ficou marcante era a confiança que meu pai depositava em mim para que eu soubesse me posicionar na vida... então sempre me levavam no colégio, um irmão ou outro, quando ele não podia.. Um dia eu disse: pai, eu sei me cuidar sozinha... Eu sempre estudei e morei fora. Só ia nas férias para casa... Aí quando eu me formei em medicina, no dia da minha formatura eu falei: puxa, passaram seis anos e o senhor não veio me visitar... Ele respondeu: você não disse que sabia se cuidar sozinha? (6º)

4.2.3 Expressão da sexualidade

A sexualidade sendo aceita ou acolhida, bloqueada ou reprimida, impôs-se de diversas formas e em vários contextos, em todos os discursos.

Através da tentativa de compreensão, da investigação natural da criança ou mesmo da transgressão.

Eu sempre fui muito curiosa... ... Minha mãe era “misseira”... então domingo tinha que ir a missa. As mulheres ficavam de um lado e os homens de outro... Daí eu saía devagarinho... dizia para a mãe... eu vou lá fora... eu preciso ir ao banheiro... inventava uma desculpa qualquer... saía devagarinho, e ia lá atrás da igreja no lado dos homens para ver se ia acontecer alguma coisa... Então ficava decepcionada porque não acontecia nada... (1º)

Confirmando as teorias sexuais infantis que afirmam que as brincadeiras de conotação sexual hetero e homossexuais fazem parte de um

desenvolvimento normal e são buscadas em vários contextos são expressadas dentro da pureza e da integridade da criança. Embora já consciente do silêncio e da culpa e são associadas ao feio, ao sujo, ao pecado. Mas o que é mais importante é a força da pulsão que apesar das proibições impõe o seu curso.

Na minha família predominam as mulheres. Quatro mulheres e o pai. Só tinha menina em casa... Os meus avós, os meus primos, todos moravam em outra cidade eu só tinha contato com eles nas férias... eu me lembro que com **cinco anos a gente tinha amiguinha, tinha coleguinha, que a gente gostava de brincar...** Aí tinha menino... tinha irmão. Com a idade de seis, sete anos, a gente fazia uma brincadeira de fazer a minha amiguinha beijar o irmãozinho de outra... na boca... Mas aquilo para nós era uma coisa proibida... tudo escondido... Não era o aprovado... Nossa... Era bem escondido..., no fundo do quintal... e depois tinha essa : uma passadinha na boca no final... limpava a boca... (risos) Eu participava das brincadeiras... e de noite eu sonhava... mas eram pesadelos... uns pesadelos diferentes... (risos)

O maior pesadelo que eu podia ter é que tinha um menino atrás de mim e que dizia: eu vou te beijar na boca. Era assim um pesadelo... Eu fugia, fugia, fugia, fugia, e ele atrás de mim, atrás de mim,...atrás de mim...O maior pesadelo possível era esse... eu tinha culpa... devia ser culpa... Ao mesmo tempo que eu tinha um sentimento de culpa tinha curiosidade.... aí que começava uma ambivalência. A primeira coisa que eu me lembro em relação ao outro sexo é isso aí, a culpa pelo estereótipo do externo, do beijo, tal... Era uma brincadeira tão diferente... (2º)

A sexualidade tem que estar adequada com o papel sócio-sexual de gênero aceito pela sociedade. Não é fácil para a criança a partir da puberdade e no início da adolescência decidir “como” reagir e se comportar tendo uma solicitação externa e um impulso interno, situações novas para administrar. As primeiras experiências de relacionamentos entre os sexos podem definir padrões aceitáveis ou imprimir marcas que se prolongam na vida adulta.

No começo da adolescência, quando a gente começa a ficar cheia de curvas, e atraente para o sexo oposto, começa chamar muito a atenção...

Eu sentia um ódio quando chegava um menino perto de mim e já começava a pôr a mãozinha, a tirar ‘casquinha’... eu chamava o menino e dizia: **E a mãozinha boba...** (risos) Coitado do menino... eles queriam **namorar comigo...** eu até gostava... mas ainda não queria... não queira mesmo... eu achava que tinha

que estudar, passar no vestibular de medicina... eu tinha outras coisas para pensar... não que eu não quisesse isso em minha vida... (2º)

As curiosidades sexuais, os jogos sexuais na infância e a iniciação sexual na juventude sempre foram em grupos entre os primos e os vizinhos mais próximos. Isso eu lembro claramente ... e foi uma coisa muito natural... (3º)

Menina só brinca com menina... em casa... era o que eu escutava... em ambiente protegido... Não podia brincar longe da mãe... participar de brincadeiras com meninos..., nem pensar... eu sempre ficava imaginando o quê os meninos faziam que eu não podia participar... (5º)

A gente brincava muito de circo com um guarda chuva fazendo o toldo... e tinha a bailarina... o palhaço... e era claro que a bailarina era coisa de menina e o palhaço só podia ser menino... (6º)

As famílias divergem no trato com o corpo e a nudez, da mesma forma que com o sigilo sobre o sexo entre os pais. As crianças descobrem e calam-se, com uma série de dúvidas. Movidas pelo espírito saudável de investigação continuam as suas pesquisas, em silêncio, e o selo do proibido já está colocado sobre os fatos da vida sexual.

Houve uma novela famosa, O direito de nascer e minha mãe ouvia essa novela. E a gente ouvia falar de amor, de beijo... e nessa novela, a moça engravidou... Eu pensava... como é que faz o nenê? Por onde é que sai? Tinha uma curiosidade, ficava pensando como é que é isso? Mas perguntar? não perguntava... ninguém falava então eu percebia que não era para perguntar... (6º)

Na minha casa existia a nudez... era normal o corpo humano... eu tomava banho com o meu pai, com minha mãe... e era natural... quer dizer... até a puberdade... não sei porquê eu comecei a ficar com vergonha... eu não me lembro bem a idade, dez, onze anos... eu comecei a ficar envergonhada... sempre foi normal... eu entrava no banheiro, às vezes meu pai estava fazendo xixi... era normal... até que... eu me lembro que eu não levanta a cabeça..... (risos) Eu acho que foi a primeira vez que eu olhei bem... e prestei a atenção... e vi que ele tinha um pênis... ah!... fiquei com vergonha... porque eu não olhava... quer dizer... olhava... mas como orelha, nariz... Eu não olhava o pênis... Eu me dei conta... ele tinha um pênis... Talvez o desejo de olhar e não achando muito legal olhar... mas agora que eu quero olhar... porque eu não olhava... agora que eu vou olhar... entrou o pudor e comecei a ficar com vergonha... Não vou mais tomar banho perto dele... decidi... (2º)

Era tratado assunto de sexo em casa... minha mãe sempre leu muito sobre sexo, sempre se informou muito, até porque meus pais tinham uma

dificuldade sexual... hoje eu posso dizer isso, eles foram muito reprimidos, então como eles tinham essa dificuldade se preocupavam muito em mostrar que sexo era bom, que o amor era bom... porque eu sinto que eles têm uma dificuldade imensa... o casamento deles, na verdade, é um casamento que... fracassou... eles estão juntos ... mas é um casamento fracassado... e muito ligado à sexualidade. Eu não percebia que eles não eram felizes sexualmente, eu não percebia isso... (2º)

A nudez não era natural em casa... era tudo escondido... também não se falava nada de sexo... mas eu descobri que minha mãe fazia ginástica pelada antes do banho enquanto meu pai fazia a barba... achei que ela era uma sem-vergonha... imagine só que barbaridade... (5º)

Nudez lá em casa não existia... Deus o livre! Ninguém ficava sem roupa... ninguém trocava de roupa na frente dos outros... era tudo bem escondidinho... Até moça nos dormitórios, porque sempre estudei fora... eu não trocava a roupa na frente das outras moças... (6º)

A escola, como extensão da família, também reprime a expressão da sexualidade das crianças. Manifesta-se livremente na via da repressão, no vocabulário e nas pichações de muros e carteiras. Mas na sala de aula a criança toma consciência de que o assunto não agrada. Entretanto, às vezes, pensa que pode ser o local aonde retiraria algumas dúvidas. Logo capta a censura dos professores e apreende que ali também não vai resolver suas questões. A repressão manifesta-se também no profissional, que cria situações e inova na sua prática pedagógica, desde que não envolva questões afetas à sexualidade. Analise os exemplos a seguir:

Na escola eu escutava... “aí ficou mocinha”, “está de chico”, essas coisas daquela época, era o vocabulário que se usava... No muro tinha escrito “boceta”, (risos) ... e eu não sabia o que era aquilo... porque eu tinha vindo do sítio, era outra expressão... (1º)

A professora regente, em 58... eu era estagiária... utilizava uma forma diferente de desenvolver vocabulário... Tinha uma aula que os alunos pesquisavam palavras novas no dicionário. Uma menininha foi lá na frente levou o dicionário e perguntou se podia pôr a palavra nova dela no quadro... E a professora falou: vai sentar. Por coincidência bateu o sinal. Eu chamei a menina e ela baixou a cabeça, constrangida porque a professora tinha ficado brava e mandado ela sentar.

- **O que você levou para ela?** Ela me mostrou, não teve coragem nem de dizer. Ela tinha doze anos e eu tinha vinte. E a outra professora era mais velha. A palavra era **“grávida”**, simplesmente. Isso não podia. Era recreio, eu fiquei com ela e expliquei... **No dia seguinte já eram três meninas. No outro dia já eram cinco e no quarto dia a diretora me chamou...** (risos)

- **Olha, não tem importância o que você fez, mas não faça mais...**

Quer dizer eu fiz um pecado. Não tem importância o que você fez mas não faça mais. (1º)

Em 61 eu comecei a **lecionar no magistério**. Ganhei a matéria de Anatomia. A diretora me disse: Olha, o livro que você segue é esse. Não existiam muitos livros como hoje. Era tudo limitado. Eu tenho o livro guardado. **É um livro assexuado.** “Compêndio de Anatomia Humana”. Célula, digestão, respiração, tatatá, tatatá, tatatá, ... **reprodução nada!** Então eu fui para a freira, novinha, uns dois anos mais velha que eu e falei:

- **Olha, eu gostaria de trabalhar o corpo inteiro...** já que vamos trabalhar o corpo. O que a senhora acha?. Porque era uma época que eu tinha de pedir licença. Ela concordou.

Daí eu criei um problema para mim. Porque eu não tinha onde pesquisar... (risos) Eu fui na biblioteca da medicina para fazer pesquisa sobre o aparelho reprodutor. E daí veio um problema maior ainda. Eu tinha que dar aula sobre o aparelho reprodutor, em voz alta, na frente de uma turma. **Falar em pênis, falar em mamas, eu ficava roxa... porque não podia... isso era em 61 em 62...**(1º)

Quando comecei a colocar a reprodução no programa as alunas do magistério jogavam perguntas... mesmo no terceiro ano do magistério, naquele tempo, **uma aluna não perguntava nada.** Não podia. Era feio. Era vergonhoso. E isso que eram perguntas sobre **menstruação, como é que faz um bebê.** Se tivesse uma pergunta de **auto erotismo**, uma coisa assim, de manipulação, **“Deus o livre”**, não podia isso. **Então as alunas jogavam bilhetinhos na minha mesa... antes de saírem para o recreio.** (1º)

Na minha idéia, desde os doze anos sempre quis medicina. Porque não tinha **ninguém na minha família que era médico**, eu não sabia qual era a rotina de um médico, não sabia a faixa salarial de um médico, não sabia exatamente o trabalho do dia a dia de um médico. (2º)

Eu sempre tive orientação do pai e da mãe, não tinha essa coisa de separar quem educa, mas eu particularmente, tive um vínculo muito grande com o meu pai. **Inclusive ele viajava muito**, para São Paulo e outros locais, eu me lembro, eu era menina, tinha dez, onze, doze anos, e **eu era companhia freqüente das viagens.** Ficava no hotel vendo televisão, saíamos, ... **eu acompanhava muito meu pai nas viagens.** (3º)

Na infância... nessa época eu me relacionava muito mal com a minha mãe. **Não tinha um bom relacionamento, de jeito nenhum...** Depois, mais tarde, na adolescência é que eu fui perceber todas essas questões... **eu era muito amigo de uma amiga da minha mãe, da idade dela...** Era amigo dos filhos dela também... e

foi ela que me fez ver... Um dia ela disse: **você não acha que é a tua avó que... tente ver tua mãe com outros olhos...** Eu fui lá reclamar de alguma coisa que a minha mãe tinha me feito, sei lá, e ela disse: **você não percebeu alguma coisa... Daí que eu comecei a ver o outro lado das coisas...** (4º)

Não temos controle sobre as figuras de identificação que surgem no decorrer do processo de construção de uma identidade. Algumas identificações são passageiras mas têm o seu significado.

Percebi nos discursos a implicação de uma multiplicidade de sentidos e significados nas vivências infantis. Muitas dessas vivências põem em questão uma série de conceitos. Pontuo a clareza desses discursos.

Quando eu era bem pequenininha eu ia ser freira... Devia ter uns sete anos... Na minha cidade só tinha freira... eu estudava em colégio de freira...achava lindo... **mas foi rapidinha essa fase... desisti...** (risos) depois me lembro de **querer ser aeromoça...** qualquer coisa de avião... e depois eu pensei em **direito...** mas foi tudo rapidinho... **ai quando eu pensei na saúde a coisa foi ficando, ficando... ficando e... ficou...** (6º)

A imagem do homem era o pai... E eu sempre tive uma idéia de criança e adolescente de que o homem ... era aquele estereótipo do papel do macho... com uma mensagem do tipo assim... **homem só quer se aproveitar... homem tem que ter cuidado... os homens só querem sexo...** aquele recado de pai e mãe que dão para a gente, tipo **“se cuide”...** **E com essa mensagem como é que a menina vai conhecer os meninos, confiar neles?** ... fica muito complicado. Então para mim... **o homem era meio animalesco... a mulher era superior...** porque a mulher não é só isso... para ela o sexo é diferente... **homem só quer aquilo...** Era a idéia que passavam para a gente dentro da ideologia da época... com o objetivo de proteger..... **proteger para casar virgem...** a mensagem era essa. Mas ao mesmo tempo que minha mãe passava essa mensagem ela procurava sempre conversar muito. A gente conversava.... (2º)

Sabemos que as identificações construtivas dentro da família favorecem uma visão de mundo e clarificam comportamentos e papéis sócio-sexuais adequados, principalmente como modelo do sexo oposto, cumprindo um efetivo papel educativo, como se depreende do discurso abaixo.

Um vínculo muito forte com o meu pai me acompanhou durante toda a minha vida. No sentido de diálogo, de apoio, de ajuda... Quando eu queria ir em baile ou festa, resolvia na última hora... ou me ligava numa determinada festa, ele podia estar dormindo... ele levantava... e ia comigo. Sem ter mesa, sem ter nada, como uma companhia.

Minha mãe não! Minha mãe é muito caseira, sempre muito preocupada em cuidar dos filhos, muitos filhos... meu pai foi uma companhia freqüente. Isso me deu muita clareza nessa relação homem-mulher, macho-fêmea, pai-mãe...

Eu sempre tive uma relação importante com meu pai... onde pude perceber a posição de um homem no mundo, o que é um pai, ligando a questão do afetivo com a questão do papel... Isso eu tive muito claro, então não tive muitos conflitos...

E uma coisa que me chama a atenção até hoje, é que predominantemente até hoje... as amizades mais fortes que eu tenho, e mais numerosas, são masculinas... para tudo, para sair, para brincadeiras, no trabalho, para... as conversas de trocar confidências. O pai provavelmente, me passou a confiança no "ser" masculino... Não ficou aquele medo do homem, mas o homem como amigo, companheiro, como confidente... (3º)

Nem sempre porém, os modelos identificatórios favorecem a construção da identidade. Com isso tornam mais doloroso o percurso em busca para a definição da personalidade. Porém, através de debates e embates é possível uma resolução saudável.

Meu pai não era uma figura forte... ... Não ... era... meu pai era... um figura muito batalhadora porque eles eram de uma família muito pobre, do interior... eles tinham uma pensão no interior, depois eles mudaram para cá. Minha avó tinha uma pensão, e ele trabalhava numa alfaiataria... costurava e tal... ...depois ele foi fazer medicina. Quando ele se formou já tinha 32 anos. Eles casaram... eu nasci quando ele estava no quarto ano de medicina. Com dois anos nós fomos para o interior. (4º)

Na minha adolescência eu tinha brigas homéricas com os meus pais... ...eu rompi com eles... mesmo... foi terrível... e nisso aí entrou junto o meu irmão também... que era um ano e nove meses mais novo que eu....Apesar do meu irmão ser muito mais solto do que eu, porque a proteção era comigo mesmo... nós saímos de casa e houve a desculpa de que era para estudar numa cidade maior... (4º)

Eu sempre dizia que ia me casar com vinte e dois anos... e ter filhos... mas para quê eu vou namorar agora se eu vou ter tempo mais para frente, para que eu vou perder tempo com isso agora? Para mim era perda de tempo... vou namorar com esse indivíduo, vou beijar, vou trocar saliva com ele... eu não estava apaixonada, na verdade... às vezes eu até achava ele bonitinho... eu tinha doze anos... vou casar com ele? Não vou casar com ele... E para mim sexo era igual a casamento... Mas eu podia ficar só no beijo, no abraço se eu quisesse

também... mas eu não queria... não queria... Minha mãe orientou sobre proximidade e contato físico como beijo e abraço... comentou... pode beijar... pode abraçar... pode dar a mão...
 ... **não deixe mexer no seio... não deixe mexer no seio...** porque aí, ela sempre dizia assim: **o que você deixar hoje amanhã é mais um pouquinho... então vai devagar... (2º)**

Eu sempre quis casar cedo... ... desde muito pequena... eu queria casar... não é claro para mim exatamente o que eu sentia... mas lembro que com uns **quatro, cinco anos**, eu perguntei assim num almoço familiar: **mãe, quando crescer eu tenho que me casar?** ...todos riram... e eu ainda continuei... **Se for sim então eu cresço... se for não... prá quê crescer?...** todos riram mais ainda... fiquei sem resposta... acho que eu sentia que a mulher só era importante se casasse... já me preocupava com o papel da mulher num futuro distante, e a dúvida era essa mesma... **a importância de crescer era para casar... também...** escutava uma mensagem assim: **o homem quando gosta de verdade respeita...** mas eu não sabia o que era respeito... também escutei mensagens do tipo assim: **mulher é como cristal... não precisa nem quebrar... se racha não tem mais conserto...** quem não ia ficar morrendo de medo de quebrar... ou rachar...(risos) **aí então eu não saía da cristaleira...(5º)**

4.2.4 Adolescência, estudo e profissão

A adolescência é uma fase de muitas resoluções. Além das modificações de ordem biológica, a dimensão psicossocial é atingida por inteiro, numa reedição da personalidade.

Entre as tarefas fundamentais está assumir o papel sócio-sexual de gênero e escolher uma área de estudo para formação profissional. Estudo e trabalho são condições para ingresso no mundo adulto. Essas decisões são muito influenciadas pelo contexto cultural, pelos padrões e expectativas familiares e pelas alternativas que se apresentam como alternativas viáveis. Ele vive uma fase ambivalente e decidir qual o melhor caminho é muito difícil para o adolescente, principalmente se ele não teve na infância a oportunidade de um treino em processo decisório.

Decisões de ordem sexual e emocional, padrões de comportamento sobre papéis de gênero e planos de estudo e carreira profissional se misturam

numa perspectiva de vida futura. Nesses recortes dos discursos estão presentes toda a problemática da adolescência.

Eu me lembro que na adolescência mesmo eu competia com os meninos... eu competia... (risos) eu queria mostrar que a mulher não era inferior... eu queria mostrar isso em qualquer coisa... no esporte... em qualquer coisa a **mulher pode tanto... e geralmente até pode mais... em tudo...** (risos) ...Eu me lembro que eu tinha uma raiva daquelas meninas que eram assim... **ai... eu tenho medo disso...** ai... ai... aquele papel bem estereotipado da menina assim... ai... eu vou desmaiar por causa daquilo... ai, fragilzinha... eu me lembro disso na minha adolescência... (risos)

... Eu tinha uma raiva e dizia: **são essas idiotas que mantêm isso...** o filme em que a **mulher torcia o tornozelo, o leão quase atacando e a mulher me torce o tornozelo?**... me dava uma raiva... eu queria mostrar que a mulher era capaz... e até melhor... **Eu não tinha essas coisas de menina boba...** Até no esporte... tinha umas meninas tão desajeitadas... e eu jogava bem, eu gostava de competir... **e com os meninos então... eu gostava mais ainda...** (risos) Mas isso foi até a puberdade... Quando eu entrei na puberdade a coisa mudou um pouquinho...

.....
Na adolescência eu lia aquelas histórias... via aquelas mulheres missionárias na Amazônia... ajudando os índios... eu achava o máximo... (risos) ai, ai, ai... (risos) eu achava assim o supra-sumo do supra-sumo... eu queria ser uma daquelas mulheres... (2º)

No momento da adolescência quando procura tua identidade adulta para justificar determinados comportamentos que você quer ter e quer assumir, eu tinha muito claro esse papel... **a visão do biológico, do laboratório, a questão das descobertas, a curiosidade da pesquisa...** variava neste campo de trabalho...(3º)

Na época da adolescência a avó não era mais a figura central. Nessa época eu rechacei todo mundo... Foi terrível.... Eu me revoltei contra todos!... Era revoltado... (4º)

Minha mãe explicou... contou... Ela colocou que Deus criou isso...o sexo... que era uma coisa muito boa,... colocou assim nesse sentido... .. que não era assim... uma obrigação, não..... Ela colocou que tinha prazer .. Acho que ela colocou isso, não porque ela sentia... mas era o que ela gostaria que fosse... hoje eu estou analisando... **Ela tentou me passar essa mensagem,** mas depois a gente foi percebendo, hoje, principalmente, percebo que a minha mãe, na verdade, foi muito infeliz nesse campo.. .. mas na época a gente não percebia...Nunca falou abertamente, justamente ela estava ensinando para a gente... agora claro, é completamente diferente...Na época, pelo contrário, ela queria mostrar que a gente poderia ser diferente dela, masdepois que entramos na adolescência... ali quinze, dezesseis, dezessete, dezoito...

O meu pai, sempre foi um homem com um temperamento extremamente calado... Ele não é de fazer grandes comentários... Meu pai é a pessoa que a família inteira vem pedir conselho, a pessoa que todo o mundo considera uma pessoa superior... bom, ele é um Juiz... e acho que ele assume bem aquele papel de Juiz... Ele é ponderado, sempre vê os dois lados da moeda... não emite crítica... A gente fala sobre uma pessoa... Ele sempre diz: ela deve ter os seus motivos... sempre me passou isso... Meu pai sempre me passou ser uma pessoa justa, uma pessoa bondosa, uma pessoa muito inteligente... nunca emite comentários bobinhos... assim do dia a dia... mas isso também faz falta... então ao mesmo tempo eu senti um pai ausente... Eu o sentia distante, mas por outro lado, sempre que eu precisei, ele estava lá... mesmo meio no andar de cima... Meio como uma perfeição, sabendo o certo e o errado... E essa imagem não é só para mim... mas acho que para todo mundo... Na identificação com a figura masculina, a imagem de homem, o estereótipo de homem estaria ligada à figura dele... Mas eu fui buscar o contrário. Porque quando eu analiso o que eu busquei, com o meu marido, que foi meu primeiro namorado... ele é o oposto... (2º)

Eu planejei o futuro... queria casar e ter quatro filhos... planejava tudo... dois meninos e duas meninas... e tinha umas idéias de trabalhar junto com meu marido... na mesma profissão... uma situação bem idealizada... e cooperar em tudo... progredir junto... construir uma casa... ser bem sucedida... Eu não sou doméstica, eu dizia... sou intelectual... (risos) Era a ideologia sobre o papel da mulher que eu tinha captado... e eu já era meio socialista (risos) queria ser independente... não depender do marido... De forma utópica eu achava que iria conseguir tudo que queria... por que não haveria de dar certo? ...O que poderia impedir? (risos) não deu certo... (risos) (5º)

Eu era muito magrinha... e me achava muito feia... às vezes me olhava no espelho e via que não tinha espinhas... daí pensava... eu não sou tão feia assim... Também sempre questioneei muito... Por que homem podia fazer as coisas e mulher não? ... por exemplo por que eu não podia viajar sozinha...

Eu sempre estudei fora... ... em colégio de freira... tinha que o meu avô me levar... ou meu pai me levar. Minha mãe me levar... e eu via outras meninas que viajavam em bando... ia um pai e uma porção de meninas... eu não... podia ir um pai de uma colega e o “bando de meninas” mas eu tinha que ir com alguém da minha família, mãe ou avô... sempre alguém ia junto comigo... minha mãe ia sempre junto comigo também... Uma vez numa semana santa meu pai estava com dificuldade de me levar... e eu falei: não precisa me levar... eu já não sou criança... eu sei me cuidar... ... seis anos depois... no dia da minha formatura eu disse... que coisa boa, o senhor está aqui, eu fiquei seis anos aqui e o senhor não veio me ver... Ele respondeu: você não disse que sabia se cuidar?... Veja como ele era ... (risos) Ele sonhava comigo e mandava minha mãe ir me visitar... (6º)

Entre a década de sessenta e setenta a questão da repressão estava muito presente. A cultura e a ideologia da igreja católica dominava o pensamento de todos os educadores e as noções morais tinham o objetivo de preservar os bons costumes. Os livros das Edições Paulinas eram os únicos recomendados para os jovens.

Há muito preconceito contra as Paulinas. Muita gente fala: Mas como? Nas Paulinas? **Não é só Bíblia que tem lá?** Mas tem livros ótimos lá, de psicologia, de tudo. O pessoal acha que nas Paulinas só tem Bíblia, livro de missa... livro de igreja.

.....
Eu comecei a dar aulas para as meninas do magistério usando um livro que eu descobri... Eu achei um livro “Educação da Pureza”... o autor é Cortois, a editora eu não lembro... devo ter o livro aí... ... A gente tinha aula sábado a tarde. Então ficou combinado que as meninas comprariam o livro, era uma turma do terceiro ano de magistério, e no sábado a gente ia estudar a tal da “educação da pureza”. Ali tinha alguma coisinha de sexualidade, **não era reprodução era sexualidade.** De uma forma hoje engraçada até, porque era outro mundo, outra época, que o pessoal de hoje nem entende. Minhas próprias filhas, muitas vezes, eu dou alguns artigos, algumas coisas da época para elas leram, para entenderem essa realidade que a gente viveu... (1º)

Na adolescência você começa a se dar conta... começa a questionar... e a minha mãe começou a contar muita coisa... ... **das dificuldades dela...** e acho que por isso **na infância ela procurava orientar...** Ela comprava para a gente discutir nas Irmãs Paulinas... livros sobre sexualidade... a gente lia... a gente questionava... (2º)

Em **82**, os **únicos livros de orientação sexual para crianças**, que existiam, eram daquela Maria Claudia, nas Paulinas, traduzidos de livros franceses. **Livros lindos que eu comprei para as minhas filhas...** porque desde pequenininhas já eu deixei no meio dos livros de história, as coisinhas assim, para irem se informando, para a gente ir formando uma conversa, um diálogo desde a infância, sobre a sexualidade. **“Veja a idade dos meus livros, são de 82.** Os outros todos são depois. Só que **ninguém sabe disso**, porque é das **Paulinas...** (1º)

Queria comprar bala, chocolate ou sorvete? Precisava ver aonde... pois menina não entra em qualquer lugar... não entra em “boteco”... por exemplo... nem só na frente para comprar bala... é um perigo... só tem bêbado... (5º)

Eu não lembro nada de ruim de colégio de freira... nada... eu só questiono porque **tinha que dormir com duas calças.** Uma calcinha e uma calçona... Não tenho trauma de colégio de freira... (6º)

Nesse ambiente o discurso sobre sexualidade foi utilizado para reforçar os bons costumes dentro da moral sexual vigente. A religião teve influência nessa repressão. Apareceu mesclada com os comportamentos aceitos como corretos para a conduta do homem e da mulher. Por isso a sexualidade adulta sempre tem a marca das vivências infantis.

Na época da minha adolescência, dentro da década de sessenta, ainda pesavam muito os valores morais e a questão da repressão... O magistério era considerado o caminho normal e natural para a mulher... e eu não quis... Eu fiz o científico...

Eu sempre fui muito católica... até casar e mesmo depois ainda continuei mais tarde diminuí um pouco mas isso nunca interferiu na minha sexualidade...

Existiam comportamentos que eram aceitáveis e outros que não eram aceitáveis... Por exemplo, os meninos tinham a possibilidade de ser mais agressivos, passar a mão nas meninas, de falar um palavrão... Era muito chamada a atenção: você é uma menina, comporte-se como uma menina, “contenha-se”... O “fumar”, na minha família ninguém fumou, mas não se fazia crítica ao homem, ou a figura masculina que fumasse, mas a mulher, era feio fumar, fumar na frente das pessoas... O “fumar” era feito para o homem mas para a mulher era feio... Eram os comentários da família que marcaram... (3º)

Uma grande frustração da infância foi nunca ter ido a uma matinê sozinha ... isto é... com as amigas... imagine só... cinema... ainda mais no escuro e em turma... era visto como um perigo..., eu não entendi perigo do quê... e também em festinhas... minha mãe dizia assim: aonde minha filha é convidada eu também me sinto convidada... e ela ia mesmo... ou ia com ela ou não ia... morria de vergonha... as outras mães não iam... mas sempre ela encontrava uma ou duas e daí dizia: viu? Tem mães que pensam como eu... Eu questionava e ela respondia: isso é carinho... Eu não sentia assim... Somente mais tarde, em terapia meu analista disse: você não se pertence... você é dela...(5º)

Eu comecei a namorar tarde... estava já no primeiro ano de medicina... E aí a coisa foi evoluindo como uma menina de doze, treze... Foi natural, não teve nada complicado na sexualidade... porque eu queria... era uma coisa boa... era uma coisa normal para mim... Minha mãe relaxou na parte sexual... naquele ‘toma cuidado’... E no curso eu já comecei o namoro com meu marido... com dezessete anos eu entrei na faculdade e já comecei a namorar... Foi muito bom para mim e para ele... Foi uma descoberta para mim... foi uma experiência maravilhosa, Imagine, a pessoa que você ama, que tem atração... e ir descobrindo aos poucos e junto com a afetividade..... tudo aquilo que eu li, a gente tem a opção de discutir... olha a gente tem desejo, tem atração...

Tudo que a gente estuda e que eu li sobre sexualidade, meus Deus do céu, que bom... para mim foi tudo assim... (2º)

Eu comecei a namorar cedo... com onze, doze anos... tudo de longe e cheio de muito mistério e controle... não ia a lugar algum sem “**guarda costas**” como minhas amigas chamavam minha mãe ou minha avó que sempre **surgiam inesperadamente...** elas riam e eu **detestava isso...** ... **meus pais queriam que eu fizesse o curso normal e eu não queria...** achava que era coisa de menina boba e burra... curso mais fácil, aprendia a fazer trabalhos manuais... tricô... sapatinho de bebê... diziam que era mais apropriado para a mulher... acho que foi a **primeira situação que teimei...** até **mudei de colégio...** para fazer o científico. (5º)

Hoje eu não tenho nenhuma marca forte, que me chamasse atenção, que eu me lembre, de algum problema, de alguma inibição, **alguma insegurança em relação à sexualidade,** ou da descoberta, não é ... Ser mulher e de um papel feminino sexual. (3º)

Eu já estava na faculdade e surgiu aquela moda de bota e minissaia. Eu fui para a minha cidade, é lógico de bota e saia curtinha... meu pai viu aquela roupa disse: volta e tira... **isso é coisa de puta, de mulher da zona, não sei o mais o quê...** ... Mas pai, sabe... mas é moderno, aqui é uma cidade pequena...do interior... lá em Curitiba todo mundo está usando... Sabe, mas não era grito nem briga... era conversa... . novamente ele se saiu assim : **então está bom... vamos entrar num acordo, aqui você não usa... você usa em Curitiba...** então eu acho que a vida inteira eu sempre desafiei... (6º)

A identidade profissional vai se construindo no decorrer do amadurecimento da personalidade em constantes escolhas e rejeições identificatórias. Uma reopção não caracteriza um descaminho, mas são momentos de construção e reconstrução. Muitas vezes não é vista dessa forma pelas famílias e intensificam tensões e conflitos.

O adolescente necessita de apoio para encontrar o seu caminho, porque uma mudança exige coragem e desestabiliza, cria dúvidas e incertezas, mas é muito mais saudável do que uma atitude de acomodação.

A minha escolha pela medicina deve ter tido alguma coisa a ver com o meu pai... de influência... É... com certeza teve... Ele era um médico muito bom...

Na cidade do interior aonde ele foi... na cidade tinha **três médicos...** Ele era o **único que era cirurgião**, tinha trabalhado com médicos famosos aqui em Curitiba. Fazia **ortopedia e cirurgia**. Mas foi para o **interior fazer tudo...** Era o **único que operava e ensinava os outros a operar...** porque os outros tinham menos experiência do que ele... tinham mais prática na clínica. Ele era um **médico muito bom...** no interior **ele se sobressaiu**. **Lógico, isso me serviu um pouco de modelo.** (4º)

O adolescente amplia e explora novas associações que permitem uma tomada gradual de decisões. Antevê conseqüências e dá direcionamento numa seleção de alternativas.

Com dezessete anos foi a paixão... quando conheci meu marido... hoje vejo... Ele é completamente diferente... Ele é tudo aquilo que eu queria no meu pai... mais pé no chão... eu prefiro que fale... mais humano, que dá palpite... que vê defeito... que pode ver até os meus defeitos... É o oposto... Aí eu comecei a ver o homem realmente como ele pode ser ... como uma mulher... porque eu tinha aquela imagem que a mulher era até superior, eu lembro que na adolescência eu achava que a mulher era superior mesmo... que os homens, realmente... não estavam com nada... Era um ser possuidor de necessidades vis e baixas, Baixas... não só nesse campo... aí quando eu conheci meu marido, meu namorado, na época, foi aí que eu vi... meu Deus, que realmente não tinha nada a ver, que aquilo era muito próprio do meu pensamento... **Foi aí que eu fiz as pazes com os homens...** senão estaria me defendendo dos homens até hoje... **ao invés de compartilhar.** (2º)

Minha mãe foi coerente em sua repressão... Como eu não ia a matinês ou festinhas em criança, quando fiquei adolescente também não ia a “chás dançantes” famosos na época... promovidos pelos diretórios acadêmicos... Minha mãe dizia: **coisa de estudante... tudo gente de fora... não se sabe a procedência... se era de boa família... Para mim ficou a fantasia pejorativa de “estudante” como alguém irresponsável... de origem desconhecida... e por isso perigoso...e ainda mais as meninas iam sozinhas domingo à tarde... e adoravam...**, eu? ... só escutava os comentários no colégio na segunda feira... tinham conhecido fulano de tal... porque sempre tinha um monte de rapazes... Mas eu? somente nas festas de clubes onde apenas freqüentavam rapazes das tradicionais famílias paranaenses... e é lógico sempre acompanhada e muito vigiada... mesmo no clube... **não era perdida de vista...** pode uma coisa desta? Eu fiquei com uma fantasia de perigo tão grande.. e ainda eu era dócil... que nunca desobedeci indo escondido, que era uma possibilidade de desafiar...porque tinha medo... **Para levar uma vida mais normal só casando... mesmo...** (5º)

Dentro desse contexto repressivo os jovens tinham apenas duas possibilidades: acomodar-se ou desafiar o já convencionalizado e já estabelecido como certo ou errado. Os discursos dos educadores sexuais pautaram suas decisões pela via do desafio sadio e positivo. Parece que passou a constituir uma característica das suas personalidades.

Eu fui rebelde desde pequena, eu sempre fui diferente, na questão de brinquedos, de tudo, eu sempre era na frente...

.....
Eu sempre gostei de desafios... até hoje... se têm desafios eu vou lá... Eu queria uma escola dinâmica... ..eu não queria aquela ‘mesmice’... do tempo em que estudei... .. Nos anos 70, eu fiz o primeiro curso de drogas em Curitiba, lá dentro do colégio... e como estava naquela “bendita” ditadura eu fui “fichada... sempre fui meio louca... sempre na frente... (1º)

Eu sempre fui a primeira da classe... era uma coisa de desafio. Eu sempre fui a primeira... eu queria uma coisa mais difícil, uma coisa que não seja tão fácil... uma coisa mais difícil... para provar alguma coisa. **Eu posso... É difícil? Então eu quero...** E a medicina é uma profissão difícil... é concorrido... a gente pode ajudar os outros... mas é difícil... (2º)

Para seguir na área biológica **eu tinha até uma expectativa** de fazer medicina talvez... mas tinha que ser **medicina psiquiátrica. Essa coisa de trabalhar com o difícil, com o complicado, com a descoberta, com os mistérios...** (3º)

Quando pediram para eu escreve um capítulo para um livro... achei um absurdo... não tinha nada a ver... Aquela idéia de que escritor era uma coisa muito superior... eu tinha essa idéia. Era uma atividade nova. **Mais um desafio. Resolvi experimentar... mais um desafio...** (1º)

Foi uma ruptura mesmo com a família... não dava a mínima bola para o que eles falavam... foi um desafio para mim... foi uma crise mas foi muito bom para mim... e fui encontrando o meu caminho... (4º)

Eu queria fazer coisas **bem difíceis** para **provar que podia...** fui diferente das minhas amigas, fui a única que seguiu **curso superior...** embora eu sempre quisesse casar... **gostava de desafios... queria provar que era possível fazer tudo e bem... estudar, trabalhar e casar e ter filhos...** (5º)

Eu desafiava muito meu pai... quando eu acabei o ginásio eu queria fazer o **científico** e ele queria que eu fizesse o **normal...** Dizia: mas minha filha científico não dá diploma, como é que você quer fazer científico... Eu respondia: **Mas pai, mas eu não quero ser professora...** Acho que ele sabia que eu queria ser

professora, hoje eu dou aula eu adoro dar aula... **eu negociava as coisas com ele... a vida inteira eu acabava negociando as coisas com ele... minha mãe não opinava nada...** a figura forte sempre foi ele...

.....
Minha mãe casou adolescente e é adolescente até hoje... acho que é por isso que eu trabalho com adolescente, eu cheguei a essa conclusão... que é por isso... Então eu falei para o meu pai: **então eu vou fazer os dois cursos... e fiz os dois cursos...** (6°)

Eu não gostei dessa superproteção da minha mãe e não repeti com meus filhos, procurei fazer completamente diferente... Eu desafiava as suas críticas quanto à educação deles e ela ainda reafirmava rebatendo: Se eu tivesse outra filha educaria igualzinho... da mesma forma... faça diferente e vamos ver no que vai dar... A preocupação dela era maior, é claro com a menina... Eu deixava eles irem a festinhas sozinhos... Ela telefonava e criticava... Você consegue ficar tranquila com tua filha fora de casa? Eu respondia: **Sim. Confesso que muitas vezes estremecia... mas mantinha a mesma postura...** (5°)

4.2.5 A carreira profissional

A identidade profissional emerge de um processo dinâmico que entrelaça o modo como cada um sente a si próprio e o campo profissional.

É o resultado de identificações que foram se apresentando no decorrer das suas vidas como alternativas e possibilidades.

Ela carrega as marcas das vivências, das experiências, dos interesses e das habilidades e, tendo por base as representações reais e ideais do mundo profissional, vai convergir na tomada de decisão. É delineada sobre conhecimentos adquiridos e sobre uma ordem de valores.

No secundário eu **fui bastante resistente**, em relação a minha família, aquela questão de época, de que **teria que fazer magistério. Eu me neguei a fazer magistério** porque eu sabia que **não queria ser professora.** (3°)

Na minha idéia, desde os doze anos eu queria fazer medicina. **Eu sou a única médica da família... desde os doze anos eu quero ser médica.** Eu não me lembro de antes, mas... me lembro que **sempre fui muito curiosa, gostava muito da natureza... e meu pai dizia: ah, quem é curioso, quem gosta da natureza é biólogo, ou é geólogo...** eu me lembro que eu dizia: **mas o que é que eu posso**

fazer?... Eu me lembro que quando fui estudar o corpo humano na sexta série ...meu Deus... eu me fascinei por aquilo... você junta... gostar do corpo humano mais querer ajudar as pessoas? **Medicina... (2º)**

Nada é por acaso... No momento da adolescência **quando procura tua identidade adulta** para justificar determinados comportamentos eu tinha muito claro esse papel, a visão do biológico, do laboratório, **a questão das descobertas, a curiosidade da pesquisa**, variava neste campo de trabalho...

E o interessante é que **eu tinha a clareza da farmácia e bioquímica...**

Eu tinha paralelo a isso uma tendência dentro da carreira biológica, uma expectativa, **eu sabia que não chagaria a isso... era como se fosse um sonho...** que era a **carreira psiquiátrica**. Desde o segundo grau eu pensava em fazer o curso de farmácia e bioquímica na Federal... Acabei me inscrevendo também em História Natural na Católica, **mais para tentar junto com os amigos**, me diziam, É a mesma área... fui satisfazer e fortalecer o grupo de amigos... **Aí eu passei na Católica e não passei em farmácia**. Comecei o curso de História Natural **imaginando** que eu ia fazê-lo enquanto eu não prestava o vestibular novamente em farmácia e bioquímica. Só que foi **decorrendo o primeiro ano do curso eu me identifiquei com o trabalho**, com a área, acabei indo junto com meus amigos... **O meu marido eu conheci ali, fui apresentada para ele no começo**, ele passou no mesmo curso...

.....
No fim eu me adaptei, fui me acomodando e resolvi não fazer mais a farmácia e a bioquímica, pelo menos por um tempo... Era minha idéia concluir o curso e no futuro quem sabe voltar...

.....
Me neguei ao magistério o máximo que eu pude, burlei todos os tipos de trabalho ligado ao magistério... eu não fiz Prática de Ensino e não fui para a escola... Eu tinha uma resistência a ser professor, ao magistério, não queria assumir essa profissão... Eu não tenho clareza sobre isso.

A minha descoberta da educação se deu, praticamente no último ano do curso, depois de já ter passado pelas disciplinas em que eu deveria ter dado aula e não dei... quando um amigo meu que era professor de uma escola pública, para fazer o próprio curso ele já dava aula desde que era aluno... e ele adoeceu bastante, e praticamente teve que ficar afastado da escola quase uma semana. Isso seria a perda do trabalho para ele, porque na época o professor era chamado de suplementarista, **não** era concursado e nem formado e **não podia ter falta...** eu me lembro que ele solicitou ao meu hoje marido, na época namorado, se podia substituí-lo para que ele não tivesse falta... E eu vendo na época meu namorado preparar as aulas, era uma escola pública noturna, **eu pedi para dar uma aula... me deixe dar uma aula para ver como é que é... para eu experimentar...** A partir desse momento, pelo **tipo de trabalho que eu desenvolvi e pelo retorno que eu senti...** eu descobri que eu queria ser professora... mas não necessariamente pelo conteúdo... mas **pela relação**. Foi algo extremamente gratificante. Eu tenho clareza até hoje que embora eu tenha competência teórica, o mais importante no meu trabalho e o que estabelece um vínculo com os alunos desde comigo como deles para mim, não é tanto a competência do meu trabalho mas **a maneira da minha relação com eles**.

Não tanto a transmissão de conhecimento mas **como se estabelece essa relação... onde junto vai o conhecimento...** Então o que é gratificante para mim é a **relação professor-aluno...** (3º)

Eu só fui me decidir pela medicina só na época que eu fui fazer o científico com os amigos... Aí que eu pensei em medicina... porque antes eu não pensava em fazer medicina, principalmente pela imagem que meu pai passava... porque ele era um pai muito ausente... Devido, claro, a própria profissão e depois ainda ele se envolveu com política... ele foi Prefeito da cidade oito anos na Prefeitura, daí ficou mais ausente ainda do que ele já era... se já era ruim ficou ainda pior... (4º)

Eu sempre tive curiosidade por essa coisa da vida, de hospital... minha mãe fez uma operação... retirou um ovário, eu acompanhei no hospital... eu vi o ovário num vidrinho... E aquilo me deixou muito curiosa... ...e também meu irmão mais velho tinha convulsão, eu via acontecer aquilo, era criança e ficava assustada, achava uma coisa horrível... não sabia o que era aquilo ...(6º)

A teoria psicanalítica sobre a profissão afirma que a escolha é uma resposta inconsciente a um chamado interno, como reparação de um objeto danificado no tempo vivido de cada um. A satisfação pessoal e profissional presentes nas reflexões são sinais de que a profissão “deu conta” desse chamado interno.

Eu gosto do que faço... Eu preciso da dimensão humana... (risos) eu preciso... Eu preciso dessa troca... No começo eu tinha muita dificuldade com empatia.. porque acho que é uma coisa que a gente vai trabalhando com o tempo... (2º)

No magistério... O que era mais importante para mim, era a relação... e até hoje ainda é... Dentro das questões do ser humano e o vínculo com as questões ligadas aos problemas do ser humano... ligadas a álcool e drogas... e que hoje eu vejo... será que não uma ligação com aquela minha vocação escondida da psiquiatria? Da bioquímica e da farmácia... porque é um certo tipo de vínculo pessoa-química... Hoje eu vejo... a impressão que dá é que foi acontecendo por acaso, que foram surgindo oportunidades, e eu fui descobrindo isso no caminho... Hoje eu tenho clareza de que era uma linha muito clara em mim e que na realidade eu devo ter buscado isso... Foi um fio condutor que inconscientemente me acompanhou... há pouco tempo que eu me dei conta...das minhas tendências e do que eu faço hoje, que aparentemente são coisas completamente diferentes mas que na realidade vieram seguindo, que é a saúde mental, a qualidade de vida, a força da sexualidade como um todo, da vivência mulher/homem... Está tudo interligado... Por isso eu disse no início que nada é por

acaso! Eu não tenho consciência do por quê que isso acontece, mas se definiu assim na minha vida... (3º)

Sempre tive facilidade para fazer amizade, fiz um grupo de amigos como não tinha feito antes... na primeira infância... porque tinha essa dificuldade de superproteção familiar. Não era permitido... Esse grupo de amigos me reforçou muito. Tínhamos um grupo de estudos e isso ajudou a minha definição profissional. Soltar as amarras nesse período de adolescência e tal... Comecei a me libertar... mas foi difícil...

.....
 ... **A minha adolescência pode ter sido a semente para trabalhar na área da educação e na educação para a sexualidade... porque a minha foi terrível...**
 (4º)

Essa coisa da saúde criou um enigma na minha cabeça... essa coisa da saúde... voltada para a área biológica... E também a minha cabeça não é nada exata... jamais eu teria condição de fazer qualquer outra coisa que não fosse medicina... Aí eu fiz medicina. Passei em medicina em Florianópolis e em Curitiba. De novo meu pai manda um telegrama: Fica ao teu critério a escolha da faculdade. E eu lógico, praia, ôba, vida boa, aquela maravilha a vida lá, escolhi Florianópolis. Quando eu vim em julho ele falou: -Veja filha, é tão longe, porque você não vem para Curitiba... Ele tanto falou que me convenceu e eu peguei minhas malas e vim para cá. Cheguei aqui e fui morar em colégio de freiras. Eram apenas três mulheres. Eu participava do time universitário de vôlei. Nós criamos um grupo teatral, viajávamos por várias cidades... Por três anos... nós viajávamos... Eu tinha muita liberdade, muito afeto e muito carinho de todos os meus colegas, mas muito respeito e muito limite... Quando terminei a faculdade logo em seguida eu casei... (6º)

As histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões estimulantes. Há um movimento socio-educativo na atualidade em torno das histórias de vida, com objetivos essencialmente práticos, relacionados com a investigação e a formação profissional. No processo da construção da identidade profissional existem articulações entre a formação da pessoa como um todo e em interação com todos os seus espaços de sua vida. O papel profissional não é a soma nem o produto de cursos e conhecimentos. A escolha vocacional resulta de uma série de escolhas realizadas durante o desenvolvimento, que levam, no final, à escolha de uma ocupação. Entre as teorias da escolha vocacional, SUPER tenta explicar o desenvolvimento

vocacional como um processo que vai da infância à velhice. A teoria supõe que o sujeito opta entre alternativas a partir de escolhas anteriores e sucessivas, considerando suas características pessoais. Supõe que a escolha se fará em função do autoconceito, em sucessivas resignificações seguindo um fio condutor. Esse desenvolvimento se dá de forma orientada, previsível e dinâmica, na medida em que resulta da interação entre a bagagem do sujeito e a solicitação da cultura. Esse desenvolvimento se dá por estágios.

Por que eu faço o que faço hoje?... Essa é uma questão que me levou a refletir... Depois eu vi... meus Deus, **a vida inteira meu pai ajudou os outros...**, eu quero fazer mais ou menos o que ele fez... e aonde que eu posso ajudar os outros? E ouvindo os outros, é ajudando a curar as doenças dos outros... sem deixar de ser um forma de poder também... **ser tão poderosa quanto um Juiz... eu sempre procurei fazer o mais difícil... A profissão veio pela via de ajudar os outros...** É... interesse em ajudar os outros... (2°)

Eu fui **a primeira filha mulher e da família** que foi para um curso superior. (3°)

Pensei em fazer medicina para poder ajudar as pessoas. E achava que eu tinha jeito... e o grupo de estudos também ajudou muito... Éramos em oito, eles me reforçavam muito... **Eu vim fazer o terceiro ano e o cursinho...** **Aí eu estudava de manhã no cursinho e de noite entrei no estadual.** Fiquei morando com a minha avó... Mas aí era a **outra avó...** mãe da minha mãe, que tinha dez filhos e cada um tinha que se virar. Eu morava no sótão e tinha que me mirar. Não tinha superproteção. Tinha, é claro o básico, casa e comida. **Aí eu já tinha definido o quê fazer.** Como tinha curso de manhã e de noite só tinha para estudar a parte da tarde e na casa da minha avó não dava... Era um entra e sai que não tinha jeito... e eu não conseguia estudar. Eram tios entrando e saindo o dia inteiro. Então passava a tarde estudando na Biblioteca Pública. Não passei na Federal, passei na PUC e fiz logo um grupo de estudos. Continuamos muito amigos, até hoje, as famílias se dão, os filhos nos chamam de tios até hoje. Na época o grupo de estudos era conhecido como CDF... passava a noite estudando os cadáveres... tirávamos do tanque... também deixávamos tudo para a última hora... **Mas nós estudávamos mesmo... éramos mesmo CDF...** íamos de noite, estudar os cadáveres... O Professor tinha confiança em nós... Se tivesse monitoria nós seríamos monitores. Ele dava a chave para nós... e aí surgiu um monte de boatos... **eles gostam de estudar... são CDF...** (4°)

Entre minhas colegas e mesmo na família eu fui a primeira a casar e também a primeira a ir para um curso superior.

.....

Às vezes eu não entendia as pessoas... Elas são tão diferentes... **compreender essas diferenças é tentar participar do universo do outro...** já tinha feito filosofia e dava aulas... **fui estudar psicologia e psicanálise.** (5º)

Sempre estudei fora... Muito mocinha... saí de Londrina... fui fazer vestibular em Campinas... enquanto esperava o vestibular de medicina eu fiz odonto... e passei e depois fiz medicina eu não passei... daí meu pai mandou uma carta para mim dizendo que eu queria medicina, que não fizesse o que eu não queria... mas eu fiquei empolgada... saí de Londrina passei na Pontifícia Universidade Católica que tinha um prédio imponente... lógico... vou fazer odonto... mas depois... **eu queria todo mundo desdentado para não ter que lidar com dente...** Aí quando eu quis largar a faculdade ele não queria...

Dizia: **Minha filha faltam dois anos, é um curso bom...** Bati pé, bati pé e um dia sem ele saber larguei... **não vou mais fazer, não quero, vou fazer cursinho...**

Vou fazer vestibular para medicina em Florianópolis e em Curitiba... escolhi é lógico Florianópolis, praia, mais divertido... Cursei um semestre e meu pai me convenceu a vir para Curitiba... para a PUC... **eu relutei a princípio mas vim...**

.....
Eu passei a minha vida negociando com os homens. Me formei em medicina e me casei... Na família do meu marido têm um monte de médicos, as mulheres são cultas, estudam, tem dentista, advogada... **mas ninguém trabalha...** Acabei escolhendo a pediatria porque não sobrou mais nada... (6º)

A ciência era, e aliás continua sendo, assexuada no período dos anos sessenta a oitenta. Também não se fala em sexo ou sexualidade no cursos de formação da área biológica e de saúde. Apenas no final de oitenta surgem algumas iniciativas em alguns cursos. Se a sexualidade não fazia parte dos cursos de formação também não fazia parte da prática profissional. Na medicina os conhecimentos sobre a função sexual resumiam-se à vertente reprodutora ou às doenças e disfunções do aparelho reprodutor. O sexo era tratado via doença. Sobre a sexualidade humana na sua dimensão psicológica, em desejo e prazer, no aspecto sócio-cultural, práticas e comportamentos nada se falava. A inovação na prática profissional representava um desafio e provocava reações porque desestabilizava o já consagrado.

Porém, estes profissionais demonstraram possuir características de personalidade e atitudes de desafios em toda as suas histórias de vida e continuaram ousando para avançar na sua caminhada profissional.

Concluí o curso de Biologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, e dentro do curso da faculdade nunca se falou nada de sexo ou sexualidade, nem sequer de aparelho reprodutor... nunca....e isso foi em 60. (1º)

A medicina era uma profissão basicamente masculina... tanto que eu entrei e disse: eu vou fazer medicina e jamais farei pediatria nem ginecologia, porque essa é uma especialidade que as mulheres querem... eu vou mostrar que a mulher... (risos) feminista eu era... como é que pode... mas teve essa fase... e o que eu faço hoje? Sou pediatra... justo eu... Na prática do dia a dia começam a surgir as dúvidas, as perguntas sobre sexualidade eu não sabia o que ia responder.. Incomoda... Ai você começa a se informar mais... O curso de medicina é assexuado... Na faculdade não se toca em assunto de sexo... não se fala nesse assunto... Eu sinto que eu fui tão feliz em relação a descoberta da sexualidade... comecei a ver que tem pessoas que são tão infelizes...

E o pediatra é muito de orientar... Eu sempre gostei muito de conversar e de orientar... e de repente você começa a estudar e a ver que as pessoas precisam daquilo. No consultório o pai e a mãe criticando o adolescente, rotulando... O clínico não quer saber da criança, meu Deus do céu, como é que eu vou responder? A partir do momento que comecei a ler qualquer coisa sobre o adolescente me apaixonei ... por querer ajudar também... E depois você vê que tem uma demanda... que ninguém faz aquilo... meu Deus, ninguém faz aquilo... ninguém gosta do adolescente... a gente se apaixona por esse potencial de mudança, por tudo que representa a própria adolescência... À medida que eu fui lendo sobre adolescência, o que me fez gostar muito, foi porque na minha casa meus pais sempre ajudaram na minha autonomia... você decide... ao mesmo tempo em que eles me protegiam na sexualidade, por exemplo, diziam: você vai sofrer a consequência... a vida é tua... a responsabilidade é tua... E eu sentia na família do meu marido o contrário... que se metiam, se intrometiam nas decisões... e bloqueavam esse crescimento.. Graças a Deus meu marido tem uma personalidade fortíssima... mas isso atrapalha...E à medida que eu lia isso sobre os adolescente, do direito da autonomia, do crescimento, que a gente aprende com erro e com acerto... quando eu tinha dezessete, dezoito anos, ainda adolescente...eu usava isso para o lado meu também... Depois de casada eu lia aquilo e dizia assim: Coitado dos adolescentes... Eu pensava no passado... (2º)

A Ginecologia surgiu mesmo durante o curso. Eu já pensei na minha história familiar... com mulheres como figuras mais numerosas e importantes e eu fui trabalhar com a mulher... mas o que foi importante a fase de formação... mesmo. Nós começamos a fazer estágio e plantão e eu me identifiquei com a Obstetrícia... porque eu não sabia qual especialidade ia fazer... Algumas coisas eu não queria. Eu e alguns colegas tínhamos algumas dúvidas com a Psiquiatria,

mas eu achava **muito complicado...** No momento que começamos o estágio acabou a nossa vontade de fazer psiquiatria... **No dia que começou a psiquiatria acabou minha vontade de fazer psiquiatria...** Entre o quarto e o quinto ano de medicina fui no **Projeto Rondon... fiz tudo que não tinha feito... foi uma época muito boa... comecei a namorar e casei...** A **obstetrícia foi por identificação e realização.** Eu me identifiquei com o nascimento, com a vida... me identifiquei muito com uma professora... me identifiquei atendendo as gestantes... A **obstetrícia tinha muito a ver com a vida,** não lidava muito com a morte, com perdas, **você não lida muito com as perdas na obstetrícia,** como na oncologia... (4º)

Eu fui fazer primeiro o curso de Filosofia... era só estudar a Patrística, São Tomás de Aquino... Santo Agostinho só valorizando a sua conversão... tudo bem intelectual e abstrato... Depois **Psicologia,** as coisas começaram a clarear... **já tinha sensação, percepção, inteligência, afeto, sentimento, emoção...** mas de **sexo nada se falava...** muitas dúvidas vinham à minha cabeça e **lecionava para o magistério... que também era assexuado,** começaram as questões das alunas no estágio, em escolas da periferia... onde as crianças perguntavam certas coisas... tia... você é virgem? Você já foi ao motel? As alunas não tinham as respostas nos seus primorosos planos de aulas... ainda as gracinhas que os meninos faziam com elas... olha... **foram muitos anos de dificuldades que só mesmo um pós graduação em sexualidade e uma análise pessoal bem conduzida...** (5º)

A minha infância foi assexuada... No curso de medicina não teve nada de sexo. Depois fui trabalhar com bebê onde também não tinha nada de sexo. Na especialização em ginecologia infantil que eu fiz em São Paulo também não tinha nada de sexualidade... só o orgânico e mais a parte prática. Quando eu voltei o hospital abriu um ambulatório de ginecologia infantil. A clientela era diferente de um ambulatório de pediatria. **Comecei a atender e vinham as mães com aquelas problemáticas sexuais delas e mais os conflitos das crianças.. aí minha cabeça fundiu... fundiu de vez... deu um nó... meu Deus... o que é isso?** eu vou ter que conversar essas coisas com as mães dessas meninas, com as mães... como é que eu vou conversar essas coisas que são tão sigilosas... Tudo tão fechadinho... porque até então para mim essas coisas eram assim... porque apesar de faculdade eu não aprendi nada... em curso de faculdade ninguém fala em sexo...além do mais eu sempre em colégio de freira, aquela coisa de colégio de freira, educação em casa, vigiada, controlada, é assexuada totalmente... nesse período eu comecei a entrar em parafuso... o que eu vou fazer?... fui fazer análise... eu não sabia responder a nada... eu não sabia responder nem as minhas perguntas... olha eu não sabia nem porque transava... para falar bem a verdade, acho que é porque tinha que transar, aí a gente transa...risos... **Comecei a fazer cursos de psicologia, de sexualidade... tudo que aparecia eu fazia...** todo esse pessoal que está por aí hoje... acho que foi por aí que eu comecei as coisas... aí eu comecei a me liberar. A ser mais descontraída. **Dizer palavrão, contar piada, ser mais solta...** A **análise fez muito bem. Resolveu tudo? Claro que não.** A análise não resolve nada de ninguém totalmente. **Mas ajudou bastante.** Aquela coisa de ficar tensa por ouvir determinadas coisas... com medo de falar alguma coisa e não ser aquilo que devia

falar... eu não sabia o que fazer com aquilo, não sabia o que fazer com as meninas e não sabia o que fazer com as mães... nem com o que escutava... e as mães vinham contar coisas delas...era absurdo que alguém estivesse falando aquilo na minha frente. Apesar de eu ser uma médica. Veja o cúmulo da barbaridade...as coisas não resolvidas e meu começo foi por aí comecei a lidar com mais tranquilidade com essas questões. Aí começou surgir convites para ir a colégios... e falava muito do orgânico que eu conhecia. Depois vi que não era por aí... comecei a fazer tudo que era cursinho de psicologia para ver se eu conseguia aprender que é a pessoa... a me conhecer melhor... buscando a minha formação. (6º)

4.2.6 Análise da carreira profissional

Na perspectiva clássica da análise da “carreira profissional”, uma série de atividades de experimentação e diversificação são características do período exploratório. Observações empíricas indicam que as pessoas vivenciam certas seqüências de fases.

No início da carreira, diante de um leque de opções, há uma fase dita de “exploração” e de “diversificação”.

A exploração leva a uma diversificação de atividades e opções provisórias, investigando os contornos da profissão, experimentando um ou vários papéis. Buscam uma especialização, em que pesem as oportunidades, as condições de trabalho, os valores considerados individualmente como satisfatórios para uma realização pessoal. É a fase em que o profissional está mais motivado. Toma consciência das limitações, é mais dinâmico e participativo propondo reformas e inovações. Pode perceber as inconsistências e busca atuar na prática tendo como pano de fundo os seus ideais.

Estão presentes as suas idéias pessoais tecidas no curso de formação e nas primeiras experiências. A partir das primeiras vivências profissionais busca novos projetos, novos compromissos, sentindo a necessidade de se comprometer com algum projeto que contenha a sua marca pessoal.

Assim eu comecei e fui criando uma formação. Descobri que reprodução era uma coisa, que sexo era outra..., então eu fui me construindo, mas sempre no magistério.

Eu não sei explicar de onde vem o meu gosto para escrever... desde menina eu gostava de escrever, minhas redações na escola eram sempre elogiadas. **Não foi nenhuma influência familiar, não...** A gente era muito pobre. **Meus pais não têm nem escola primária.** A leitura em casa era muito escassa, porque a gente era muito pobre, não é... **Eu tinha um livrinho de história, que eu ganhei, usado, livro velho, único...**

O colégio ia fazer uma Feira de Ciências com os pequenos e convidou-me para orientar os alunos. Organizei os alunos em grupinhos, escrevia um texto para cada equipe, com temas bem simples para as meninas darem conta. **E o jeito que eu escrevi para criança ela achou ótimo...** Isso foi um marco na minha vida profissional.

- Você vai escrever um livro.

Imagine se eu vou escrever livro... nunca na vida imaginei uma coisa dessa. **Não tenho capacidade, não vou fazer, não...** Estava fugindo da raia mesmo... **Eu tinha que aquilo de autor assim uma coisa, assim lá no pedestal... Depois da publicação dos livros... além dos pedidos de palestras... começaram os professores a pedir uma orientação...** O que eu vou fazer com esses professores? **E surgiram pedidos de cursos...** Aí eu fui fundir os miolinhos... e criar... (1º)

Como pediatra eu atendo crianças até doze anos, como todo mundo atende. Só que nessa população de doze anos, você começa a ver um sofrimento naquele jovem.. **E vê que ninguém entende nada, muito menos eu... não entendia de nada... só sabia que aquele jovem estava ali, coitado... me fazendo um monte de pergunta...** O pai e a mãe criticando, rotulando... **O clínico não quer saber da criança, e meu Deus do céu, como é que eu vou responder?** (2º)

A inserção da sexualidade como importante também na prática de trabalho, no magistério, na orientação de droga, de prevenção, a idéia foi de imediato. Pelo conteúdo de ciências. Primeiro porque eu trabalhava com sétimas séries, o corpo humano **Essa coisa do vínculo com as pessoas, compreender... não sei se eu tinha consciência disso, mas eu nunca tratei o aluno como assexuado, meninos e meninas são iguais.** Sempre percebi isso. Eu me lembro que quando comecei como professora numa escola as turmas eram separadas, **meninos e meninas, eu fui uma que estimulei a montagem das turmas mistas...** Fui a primeira que trabalhei com as essas turmas, algumas professoras não queriam, eu quis e achei que as turmas funcionavam muito mais com turmas mistas... Veio como uma coisa natural e como importante porque eu vi que **respondia questões que eram importantes... Porque a matéria em si favoreceria.** Eu não escolhia os conteúdos. Estavam lá... Quando eu trabalho com **capacitação de professor, sempre que eu trabalho com oficinas, nunca fiz que o professor**

fizesse de conta que ele era o aluno. Sempre me preocupei que ele vivesse aquele assunto como professor enquanto adulto. Para que ele possa fazer a ponte... Nunca me preocupei em dramatizar uma situação para que ele soubesse como fazer... Ele tem que se sentir bem enquanto ele adulto, do jeito que ele é, com as condições que ele tem... E o conhecimento não conserta a vivência. São coisas diferentes. (3°)

O interesse pela sexualidade surgiu com um congresso... foi muito bom e eu comecei a me interessar pela sexualidade... Mas eu não entendia nada de sexologia... E no consultório surgiam questões das pacientes... E o que eu entendia de sexualidade? Nada... absolutamente nada.

Eu comecei a sentir nas pacientes uma expectativa de ter respostas... mas eu também não sabia o que dizer... Comecei a me interessar pela área e a estudar o relacionamento humano... Depois desse congresso eu comecei a fazer um curso de formação por dois anos. Era uma vez por mês sábado e domingo... formação baseada em estudo de textos e vivências. Iniciou em 1985/86. Comecei a participar de congressos e fui convidado para um curso intensivo de 220 horas em Brasília. Fiquei dezoito dias tendo aulas em período integral. Foi muito bom. O curso terminava lá com o compromisso de repassar o curso aqui. (4°)

Estávamos no final dos anos oitenta. Eu já convivía com questões ligadas à sexualidade, de crianças, de pais, de professores... há uns vinte anos... mas nessa época as questões surgiam em toda a parte... na escola, os pedidos de palestras nas escolas, no consultório... os adolescentes com muitas dúvidas, mães assustadas com o início da atividade sexual precoce das filhas... ...com a questão da homossexualidade dos filhos... as dificuldades de relacionamento familiar... as questões dos pais de adolescentes... as questões deles mesmos... as insatisfações sexuais dos casais... ... eu lembro que a novela Pantanal causou polêmica e foi alvo de várias consultas... O quê fazer com os filhos na hora da novela?... Na apresentação já surgia um nu frontal... as crianças faziam apostas se no capítulo do dia iria aparecer cenas de sexo... faziam apostas... essa novela foi um marco na televisão brasileira... imagens lindas e ecológicas... transas no meio do rio... Tudo apontava para a necessidade de buscar mais conhecimentos na área. Iniciei um pós graduação sobre sexualidade humana em 89... (5°)

Por que eu fui fazer pediatria? Porque foi o único que sobrou. Eu já tinha feito mil estágios. Gineco me marcou demais. Eu nunca tinha visto uma mulher em posição ginecológica. Ambiente feio... foi um choque. Tudo foi feio naquela sala. Depois daquele dia não queria mais fazer ginecologia. (risos) Experimentei anestesia, cardio, plástica, psiquiatria... Quando eu saí do sexto ano eu ia casar... e o quê eu ia fazer? Meu noivo um machão... na família nunca ninguém tinha trabalhado... apesar de pessoas cultas, a irmã dele fez odontologia e nunca trabalhou na vida... casada com um médico.. na família dele tem médico de montão... as mulheres eram cultas, estudavam mas ninguém trabalhava... Aí pensei... preciso encontrar uma forma de convencer meu marido de fazer pediatria. Primeiro vou lidar com criancinha... não tem que ter ciúme... segundo

porque vou cuidar dos meus próprios filhos... já tinha feito um ano de residência voluntária, para não fazer plantão e não dormir fora de casa... foi um acordo que eu fiz com ele. **A vida inteira eu tive que negociar com homem... eu vou fazer pediatria, eu faço só de dia...** aí surgiu um serviço para atender o berçário no domingo de manhã. As concordâncias foram assim devagarinho... Quando chegou no final do ano eu disse: **vou fazer residência porque senão eu vou ficar trabalhando e nem título eu tenho... mas não fazia plantão de noite... eu trocava, fazia em dobro de dia para não fazer de noite...** Depois surgiu outro serviço em outro lugar... e assim foi indo... eu tinha muito curiosidade quando acontecia alguma coisa, por exemplo quando surgia uma menininha com um corrimento que não resolve... eu me questionava... que negócio é esse que não resolve? Por que é que não resolve? Um professor me disse... já que você tem tanta curiosidade porque não vai fazer ginecologia infantil... Um dia eu larguei tudo e fui... comecei a frequentar um ambulatório no hospital de clínicas com uma professora, e pensei em ir para São Paulo... Aí meu marido disse: já que você quer ir porque não vai de vez, aluga um apartamento, leva as crianças, leva tua mãe e vai. Na verdade ele sempre me deu apoio.. **Quando voltei o hospital infantil criou um ambulatório de ginecologia infnto-juvenil.** Aí começaram a vir aquelas mães, e começaram a contar toda aquela problemática sexual delas e de repente os conflitos das meninas... porque na especialidade em ginecologia eu não tive nada de sexualidade... só o orgânico e eu tive a parte prática. (6º)

No desenvolvimento de uma carreira profissional surgem novos desafios e novas decisões apresentam-se em vários momentos. Não é um processo contínuo que se define com a escolha do curso profissionalizante.

Vários acontecimentos da vida transcendem um planejamento inicial e há fases que levam a pessoa a “pôr-se em questão”. Nos vários discursos houve a busca de uma análise pessoal. São várias fases arquetípicas da vida, durante a qual a pessoa pára para uma reflexão existencial e vê-se diante de caminhos e bifurcações. A dimensão da temporalidade é a mais importante do existir humano, pois é o que torna possível a unidade do tempo vivido - passado - e no presente transcender as fronteiras do concreto para prever possibilidades futuras. As experiências que promovem a realização pessoal influenciam a totalidade do existir das pessoas. Examinam o já fizeram e deu certo, num confronto de objetivos e ideais dos primeiros tempos, e encaram a perspectiva de continuar no mesmo percurso, ou mudar a trajetória.

Para essa determinação vai influenciar a avaliação subjetiva do sucesso conseguido e as possibilidades de seguir nesse percurso.

A criança que fica “grande” e que vive no adulto, insiste em estar aí, e é a partir deste novo lugar que faz suas demandas, e conta insistentemente a sua história de vida. As experiências marcantes vividas na infância representam marcos nas histórias de vida que vão demandar um trabalho de re-significação.

Sofro demais em relação a problemática do adolescente..... Você consegue separar até onde **você pode ajudar** e até onde **a pessoa tem que se ajudar...** Hoje eu consigo separar... a gente vai amadurecendo... Eu até busquei uma terapia e vou continuar este ano... (2º)

Para trabalhar com sexualidade temos que rever nossos medos, nossos mitos... (3º)

A minha vida no magistério acabou sendo uma surpresa para mim. Não era uma opção profissional. Eu me neguei a fazer magistério porque eu sabia que não queria ser professora. (3º)

É possível que eu trabalhe hoje com adolescência e sexualidade porque a minha foi “terrível”... porque eu sofri muito com isso... (4º)

Quanto mais você lida com o jovem e você vê aquele processo de auto conhecimento... a gente revive um monte de coisas. Eu tenho vivido isso, desde que trabalhado com adolescente, dos 28 anos para cá, faz cinco anos que eu estou trabalhando com adolescente... eu tenho sentido... não sei se coincide com a fase da vida... se não estivesse trabalhando com adolescente... não sei... (2º)

Por que será que eu sempre quis ajudar os outros? A vida profissional vai seguindo certos ciclos... **Eu me questioneei de um monte de coisa na minha vida... A minha profissão tem a ver com a minha história de vida... tem tudo a ver... não foi uma decisão racional...** Quando comecei os atendimentos a adolescentes **comecei a me pôr em questão** a fazer questões... e a assumir uma postura não somente de pediatra, mas de **educadora na sexualidade...** Acho que amadureci muitíssimo nesse período. É um processo... e é muito bom... Eu até achava que estava na crise de adolescente... nunca atravessei grandes crises, aquela crise existencial que tem o adolescente eu não tive... **Na pediatria eu gosto muito mais da parte de prevenção ambulatorial...** veja a minha opção, **eu faço ambulatorio, não trabalho em hospital....** Por que? Porque eu gosto muito mais da parte de prevenção... de orientação de puericultura, **faz a sopinha assim... é educação.** Dentro da pediatria eu tinha um leque de opções...podia ser

neonatologista, trabalhar só em UTI, trabalhar só em hospital, tem colega que odeia consultório... Eu ao contrário... **eu faço só consultório...** Porque é conversar é bater papo é orientar... Gosto muito mais disso do que uma emergência... Eu odeio uma UTI... Eu odeio uma cirurgia... odeio... odeio... é muito técnico... **E o trabalho como educadora sexual surgiu assim... fui mudando no sentido de deixar um trabalho curativo e fui passando para um papel de educadora sexual...** Eu tenho dez anos de profissão... e gosto de trabalhar com adolescência... mas eu não tenho pressa... Eu gosto de pisar muito firme onde estou pisando... Primeiro eu fiz um ano de acompanhamento em um ambulatório de adolescentes, para depois eu começar a trabalhar com adolescente... indo bem devagarinho... Hoje já trabalho dois anos com adolescentes diariamente... Agora estou acabando o meu pós graduação em adolescência. É uma construção... é assim que eu vejo. Eu não gosto de colocar um tijolo aqui, o cimento ainda não está bom, eu não sou assim, é uma questão de personalidade... (2º)

No ambulatório de ginecologia infanto juvenil apareciam adolescentes e aí que era o “pepino”. Porque aí vinham os conflitos... eu não esqueço de uma menina que depois eu encaminhei para terapia... Olha a problemática dela... ela tinha horror a passarinho.. pena... essa menina me chega no ambulatório. A mãe preocupada porque ela tem há dezesseis anos e não tinha menstruado. Eu examinei a menina e ela estava pronta, tudo indicava que era uma menina que tivesse menstruado. Mas ela dizia que não... então não... depois numa quarta consulta ela entrou sem a mãe e falou assim: não é verdade que eu não sou menstruada... **Aí eu embananei...** porque eu não sabia se acreditava nela ou na mãe... mas fiquei quieta... numa outra vez que ela foi ela disse: a senhora quer ver como eu estou menstruada... estou menstruada hoje... ela percebeu que eu não acreditei nela... Daí ficou para mim assim: **por que ela não contou para a mãe que ela estava menstruada?...**

Por que aquela coisa de sigilo com o que é relacionado com a feminilidade, com as reprodução, com o órgão genital, com a sexualidade... está tudo junto... por que aquele pavor de passarinho que ela tinha... olha a minha cabeça para entender isso em 1980... Depois de um tempo em 1983, as mães começaram a falar assim: **Puxa doutora... tão bom o ambulatório das meninas por que a senhora não atende também os meninos? ... (risos)** Começou tudo de novo... **aí com os meninos...(6º)**

Após a fase inicial de carreira que corresponde a uma exploração de possibilidades e opções provisórias os profissionais desembocam num estágio do comprometimento definitivo ou da estabilização. Na vida profissional tem o significado de emancipação e independência. O profissional afirma perante os outros o seu modo de funcionamento.

Eu estou começando a me estabilizar agora, estou no início ainda... Aí que a gente vai ver... Não sei se o resultado vai ser bom, se vai ser legal ou não vai... Digo sempre, não diga... faça... Só posso saber depois de vivenciar... eu estou na fase de investir em mim mesmo e na sua profissão... **Agora vou vivenciar isso...** (2º)

Embora fossemos vários médicos, não queríamos trabalhar em terapia, e a maioria foi trabalhar com educação sexual. A minha finalidade na formação foi sempre para trabalhar com educação. Eu não tinha vontade de fazer terapia no consultório, por exemplo... ...e não faço... Faço orientação... mas terapia eu prefiro indicar para alguém... Sabe por que? Aí você fica dividido. Porque tem que fazer um contrato diferente... fazer as duas coisas não dá certo. Ou faz uma terapia ou faz a ginecologia...

Depois de todas essas atividades de formação no conhecimento da sexualidade humana mudou muito a minha prática profissional... mudou muito mesmo. Me ajudou muito na clínica, no relacionamento com as pessoas... ajudou muito na forma de você conversar com as pacientes. **Você sabe da vida delas e não só da doença que elas têm...** É importante, ficar sabendo um pouco da vida dela e não só da patologia que ela vai se queixar. **A relação médico-paciente melhorou muito.** É importante... tem pacientes que gostam disso e tem pacientes que não gostam, preferem não conversar sobre isso... Mas isso fica a critério... **E acabo fazendo informação e orientação no consultório.** (4º)

Nos últimos três anos tenho viajado com um projeto de sensibilização e capacitação de professores na área de sexualidade e adolescência, feito muitas palestras, programas de debates em televisão com profissionais e jovens, teleconferências... Tenho sido convidada para cursos em universidades, para educadores de instituições que atendem crianças onde as questões sexuais estão muito presentes e esses profissionais não sabem como atuar... (5º)

Eu e meu marido como professores sempre fomos atuantes, politicamente. Extremamente críticos, não acomodados. **Nossa história de magistério traz muitas experiências pioneiras, peculiares...**

.....
Hoje analisando, **elas tem validade social...** E elas são fortes, que poderiam ser repetidas até hoje que elas ainda continuariam sendo diferentes... **Tem coisas que as pessoas estão fazendo hoje que... oh! a gente fica quieto mas a gente já fazia isso...** muitas dessas coisas, às vezes muito melhor... **em anos em que não se tinha nem consciência do meio ambiental, das relações e estudos sobre o meio...** Sempre **tateando muito** e a gente aproveitava para se avaliar, **um ao outro...** Às vezes eu preparava as coisas para ele fazer. Eu fazia provas, ele testava... Tanto é que hoje eu tenho a certeza que essa minha maneira de ser, em termos do que eu gosto, do que eu faço, fazem muito parte da minha característica, mas se eu tivesse me casado com uma outra pessoa talvez eu não tivesse descoberto todas essas coisas porque foram construídas nessa relação, e vice e versa.

... Mas eu tenho clareza de que as coisas que há, a importância da maneira dele ser, **a importância da convivência na construção dessa minha maneira de ser...**

da maneira dele encarar a nossa relação de trabalho e vice e versa. Ele, me parece mais marcante, porque **eu quase não falo disso mas ele fala...** Ele sente necessidade de falar. Não tem um curso que ele não fale nisso, que ele não cite, que exemplifique, que ele não traga que ... me conheceu quando me viu trabalhar... quando conheceu o meu trabalho..

Trabalhar em orientação e em prevenção...Isso eu vejo assim... dentro da área biológica, trabalhar com a vida... A facilidade que eu tive, a identidade que eu tenho nos conteúdos biológicos com as pessoas que dizem relação ao ser humano ... **E ser humano significa basicamente ser macho e fêmea, homem-mulher, mas não apenas essa dimensão...** A facilidade que sempre eu questioneei a maneira como era encarada o conteúdo do ser humano, homem-mulher, no próprio contexto... **a facilidade que eu sempre tive de discutir com eles as questões da sexualidade...**

Sempre fui muito crítica ao aspecto formal da sexualidade que era colocada... nem tinha sexualidade... A dimensão do corpo humano que era abordada na biologia era a anatomia ... apenas anatomia, fisiologia, sob o ponto de vista técnico funcional: o que é a menstruação, o que é a fecundação... como conceitos estanques. **Eu nunca me contentei com isso e sempre estabeleci abertura...** Dentro das questões do ser humano e o vínculo com as questões ligadas a álcool e drogas... e que hoje eu vejo... **será que não uma ligação com aquela minha vocação escondida da psiquiatria? ... da bioquímica e da farmácia... porque é um certo tipo de vínculo pessoa-química...** Hoje eu vejo... **a impressão que dá é que foi acontecendo por acaso, que foram surgindo oportunidades, e eu fui descobrindo isso no caminho... mas há inconscientemente um fio condutor que me levou a isso. (3º)**

Quando eu voltei do curso intensivo em Brasília eu e os colegas que foram junto... **nós fizemos um treinamento em educação sexual para professores.** Era uma semana de curso, para professores de 5ª a 8ª série. Com esse grupo nós fizemos três cursos para professores e repassamos os conhecimentos. **E continuávamos o curso de formação .. que estava no meio...** Aí que **criamos sociedade de terapia e educação sexual**, juntando outro grupo do segundo curso... **A finalidade era promover cursos.** O segundo depois de virmos de Brasília já foi promovido pela sociedade. Registramos em livro mas não foi para a frente porque um não batia com o outro...

Algumas pessoas eram altamente repressoras e autoritárias... não aceitava as idéias de ninguém e não dava certo mesmo... Algumas pessoas falavam, **a gente não concordava e não podia falar...** Houve dificuldades em trabalhar em equipe. **E daí surgiu minha ligação com o atendimento de adolescentes grávidas lá no hospital.** É a forma de colocar a educação sexual dentro da obstetrícia também. E agora **acabei viajando três anos pelo Paraná todo com a capacitação de professores em adolescência, sexualidade e educação sexual...** e já fazemos parte da história da sexologia no Paraná. (4º)

Eu gosto de trabalhar com adolescentes... com educação sexual... no consultório também acho que faço orientação e educação sexual quando oriento as pessoas...

Agora com adolescentes e em cursos para professores tenho certeza de que ajudo a abrir perspectivas e horizontes... gosto do que faço...Eu disse outro dia num final de palestra para adolescentes: o que eu desejo quando trabalho com educação sexual é vocês se conheçam e se percebam enquanto homem e mulher, encontrem seu par complementar e sejam felizes... é o que mais desejo... e é isso mesmo. (5º)

Eu fui buscando formação por conta própria. Não tem nada no campo acadêmico sobre educação em sexualidade, nem para professores nem para médicos. Eu ia fazer curso de sexualidade, de psicologia, para associar as coisas... fiz cursos de psicologia de sessenta horas, de trinta, de vinte... tudo que aparecia eu ia fazer... só por aí eu podia conhecer um pouquinho... e como eu estava fazendo terapia era bom porque o que eu aprendia eu discutia na terapia... para poder me conhecer melhor... então foi muito bom... Eu gosto muito do que eu faço atualmente, eu sei que não sou liberada totalmente, eu sei que eu tenho muito para aprender... tudo que aparecer na frente para fazer curso para aprender eu estou lá para indo... Vou trabalhando com os meus adolescentes... eu acho que a gente aprende muito com eles... Sempre que eu vou fazer um trabalho com eles eu digo: eu estou aqui porque me convidaram não só para trazer alguma coisa para vocês, mas também para poder levar... porque com certeza vocês vão me ensinar alguma coisa ... porque a gente aprende mesmo com eles... (6º)

Entre os muitos fatos da história profissional, alguns ocupam na memória por um lugar especial, provavelmente pelo fator adicional da dimensão afetiva. As histórias são valiosas em todas as profissões em que seja importante descobrir o significado das relações humanas, pois permite partilhar com seus pares o conhecimento e a emoção.

Eu fiz uma palestra que me marcou muito... eram mulheres simples, da roça... as mulheres gritavam, uivavam... foi uma loucura... perguntavam tudo... Depois queriam que eu fosse para fazer com os homens, os maridos. Porque nessa foi só a mulherada...

... Quem me convidou foi a esposa do Prefeito, depois ele saiu e acabou tudo... Ia lá para fazer um trabalho tão lindo com a mulher rural. Não só com palestras, mas também trabalhos com higiene, coisas assim... (1º)

Entre os profissionais estudados, cinco possuem tempo de carreira profissional que varia entre vinte e um a trinta e oito anos e apenas um possui

doze anos de prática profissional. Nesse período as oportunidades profissionais vão surgindo e a carreira vai se desdobrando.

... as coisas vão acontecendo... vão se desdobrando... Hoje eu tenho estruturados bons cursos. São em módulos... São respeitados... ...Meu maior cliente é o Rio Grande do Sul. (1º)

O livro sobre educação sexual para crianças de 9 a 12 é a faixa que mais vende. ...Por exemplo, o meu, de 9 a 12, o “Convivendo com o seu Sexo”, além de estar traduzido para o espanhol, está na 12ª edição. E são tiragens de oito mil exemplares em cada edição. Esse livro vende a beça. Porque justamente é pré-púbere, Começam as perguntas, as transformações... os pais se preocupam e não sabem como agir. As Irmãs Paulinas levaram para “Buchmesse” em Frankfurt, na Alemanha, onde acontece uma feira de livros novos. O livro de ponta foi esse que eles levaram representando a editora nessa feira. Essa Feira de Frankfurt é uma feira de intercâmbio. Todos os livros que as editoras julgam que são de linha de frente, elas levam para expor. Os editores da Colômbia compraram os direitos autorais das Paulinas lá na Alemanha.

Então são quatro volumes. Esses três, o infantil, o pré adolescente e o adolescente estão na língua espanhola.

Se você percorrer toda a América do Sul, até Buenos Aires... Uruguai... você compra o livro em espanhol. Ele está em toda a América do Sul, em língua espanhola. (1º)

No ciclo da vida profissional a aceitação e a realização pessoal conduzem para a fase do desinvestimento profissional. Para alguns essa fase pode ser melancólica e repleta de mágoas e frustrações em relação ao já vivido e pelas poucas possibilidades de tempo futuro para reverter a situação. Para outras, após muitos anos de profissão a pessoa tem o sentimento de já ter visto tudo e de ter encontrado respostas para a maior parte das questões que a inquietavam no início da sua carreira. O desinvestimento então é sereno. Em grande parte essa serenidade provem do sentimento de certo domínio sobre a situação. A carreira profissional é então, avaliada no plano subjetivo.

Nunca senti falta de fazer um curso de pós graduação... ou coisa assim...

Aprendi tudo sozinha... lendo... estudando... O ano passado, eu ganhei uma placa de prata, do Governo do Estado do Paraná, de “mulher pioneira” na área de trabalho.Já fiz tudo que tinha que fazer na minha vida... .. tenho sessenta anos... Não tenho interesse em investir... em fazer cursos ou participar de congressos... .. Até já fui alguns... mas não acrescentam nada... começaram a repetir, eram sempre os mesmos... .. e sempre falando a mesma coisa... Eu não vou gastar tempo e dinheiro para escutar a mesma coisa que não me acrescenta nada... então ... eu não vou... Eu fico aqui no meu canto e vou fazendo as coisas que acho certo, do jeito que acho que devem ser...

E é tudo muito complicado. Se quero fazer alguma coisa querem que tenha pós graduação... - você não tem mestrado...? Não tem não sei o quê...? ... Não pode... Na minha vida eu já fiz tudo... nunca senti falta de curso de pós graduação... esses mestrados doutorados... fiz tudo sozinha... sozinha... sozinha... eu e Deus... Então eu continuo no meu canto, aqui, fazendo as minhas coisas, do jeito que eu acho que tem de ser, e... pronto!

Eu fui a um curso em Buenos Aires, eu fui só para ver como é que era... As Paulinas que pediram que eu fosse a um curso ministrado pela Doutora Mary Pol, de Quebec, Canadá. Ela é médica e é freira ... e trabalha lá com a sexualidade. Eu fui para confrontar com o que eu fazia... Então foi gostoso pela viagem... é sempre bom... .. três dias, é interessante para confrontar... Fiquei lá com as irmãs, em outra realidade e em outra cultura... O curso era das três da tarde às nove da noite: teoria. A mulher falando em espanhol com sotaque francês. Eu morria de sono, de tédio. Eu cansei para prestar a atenção para anotar alguma coisa, e não tinha nada para anotar. Me deu desespero... Mas foi bom para ver. Para traçar parâmetro. Por que de repente eu nunca tinha feito um curso de respeito. E será que eu estou fazendo as coisas correto? .Porque eu estou fazendo tudo por mim... Eu nunca tive uma supervisão, nunca tive uma orientação, nunca tive nada... Eu criei tudo sozinha. Lendo, estudando, tenho uma grande bibliografia em casa, uma biblioteca boa. A maioria dos livros que eu descubro, quando eu saio, que eu vou, que eu vasculho, eu compro... Ultimamente até nem tenho comprado mais nada. Então eu queria fazer um confronto, queria ver. E ela foi falando, falando, falando, lá pelas tantas colocou uma lâmina de transparência. Não usou slide nenhum, não usou dinâmica nenhuma, nada, nada, nada. Seis horas, com dez minutos de intervalo, de “falação”. Eu saia de lá meio de quatro, de tão cansada. Porque a gente entende o espanhol, mas tem certas expressões que são próprias, e ainda o espanhol lá com o francês de Quebec.

A Mary Pol é muito boa. E ela ficava hospedada na mesma casa que eu... então valeu pela conversa que a gente tinha fora. (1º)

5 CONCLUSÕES

A história de vida vai conduzindo o fluir da existência, confirmando o pensamento de Heidegger de que a existência precede a essência. A importância da investigação narrativa da experiência profissional reside no fato de o homem ser um potencial contador de histórias. O estudo da narrativa é, por assim dizer, o estudo do modo como cada um sente o mundo. Esta noção geral traduz a opinião de que a formação profissional é a construção e a reconstrução de histórias pessoais e sociais. Todos são contadores de histórias e personagens das suas histórias e das histórias dos outros.

A apropriação do sentido e da riqueza em experiência humana das suas histórias de vida leva-me a conceder um estatuto ao saber emergente da experiência dos educadores sexuais. A profissionalização se fez a partir desse saber da experiência e o apropriar-se desses saberes e trabalhar em cima deles de forma teórica e conceitual, leva-me a repensar a formação profissional, buscando o que Antony Giddens denominou de “confisco da experiência” (In: NÓVOA, 1995, p. 17), acreditando que o mais importante não é o que cada um fez mas o que conseguiu fazer com o que os outros fizeram com ele.

A interpretação dos discursos foi uma tarefa fascinante porque as histórias de vida falam por si só, articuladas com o referencial teórico, como duas faces da mesma moeda. São exemplos vivos, com variações sobre o mesmo tema, tendo como pano de fundo os mesmos valores e a mesma ideologia que impregnadas no imaginário social, marcaram uma época. Demonstram que as mudanças ocorrem muito lentamente, e principalmente, muito mais no nível do discurso do que nas atitudes e comportamentos. No cotidiano flagramos um hiato entre discurso e prática, mesmo em instituições

e profissionais que oferecem serviços de informação, educação, prevenção e atendimento em sexualidade.

Os preconceitos emergem e são flagrados nas dobras do dia a dia. As histórias de vida retrataram a situação vivida nas últimas quatro décadas, e trouxeram à tona o momento político do país e a ideologia repressiva na moral e nos costumes. Foi generalizada a capacidade de clareza e enfrentamento de um contexto caótico e repressivo, principalmente entre as décadas de setenta e oitenta. As histórias foram influenciadas por esse contexto, mobilizaram inovações na prática profissional criando atritos e conflitos de valores.

A partir das reflexões postas em destaque percebo que a escolha e a decisão profissional deve priorizar o conhecimento sobre si mesmo muito mais do que o conhecimento teórico sobre a profissão, porque o sujeito se reconhece na história que conta de si próprio. A formação do educador sexual passa necessariamente pela sua pessoa, imbricada com o seu tempo vivido, e no “como” resolveu as suas próprias dificuldades em relação à sexualidade. A interpretação dos discursos demonstrou que é fundamental a representação social de sexualidade na história de vida de cada um.

Constatei que os cursos universitários foram classificados de assexuados nas últimas três décadas, mas na atualidade a situação permanece a mesma. Entre 72 cursos de medicina existentes no Brasil, apenas quatro contemplam em seus currículos temas de sexualidade. Outros cursos como Psicologia, Enfermagem, Serviço Social, Fisioterapia, bem como outros da área de saúde e da educação, não possuem em seus currículos conteúdos sobre sexualidade. Isso sugere que parece que ainda não é considerado um tema importante, científico ou digno. É um paradoxo com a problemática que se observa na realidade do país. E consequentemente não temos profissionais

capacitados.

Os sujeitos da investigação revelaram uma decepção e uma queixa em relação à universidade pela omissão e pela falta de uma formação mais integrada com a realidade. Desconheciam conceitos científicos de sexualidade e por isso não se sentiam preparados para tratar de assuntos de sexo, o que dificultou o desempenho profissional a ponto de obstaculizar ou quase paralisar a sua atuação. É evidente que nenhum curso acadêmico é suficiente para dar conta dos impasses da prática. Os sujeitos da investigação realizaram uma auto-avaliação e buscaram várias alternativas de formação complementar para continuar a caminhada. Ao mesmo tempo que denunciam a falta, buscaram alternativas de solução e mobilizaram-se para encontrar cursos de aperfeiçoamento que complementassem o conhecimento e dessem conta das questões postas.

Para auto conhecimento e equilíbrio emocional, três sujeitos entre os seis, recorreram a uma ajuda profissional através de análise pessoal para tentar resolver conflitos entre o “eu pessoal” e o “eu profissional”.

Entretanto, diante dessa situação pontuo outro complicador. Nem todos tem essa atitude consciente. Preocupam-me aqueles, a grande maioria, que apenas com os conteúdos mínimos dos currículos da formação acadêmica se põem em ação e que com práticas e técnicas questionáveis ou por improviso colaboram para aumentar ainda mais a distância entre o saber e a realidade. Como a sexualidade é integrante dos comportamentos humanos e há uma demanda crescente, abre-se um espaço que é ocupado por profissionais insuficientemente formados, ou o que é pior, pela mídia ou por inescrupulosos e oportunistas. Na atualidade já verificamos produtores de televisão concebendo programas designados de ‘consultórios de educação sexual’ dirigidos a adolescentes, com apresentadores que de posse de

algumas informações científicas sobre sexualidade, muito improvisado e nenhuma postura ética transformam os programas em “shows”.

Todas as personalidades apresentaram traços marcantes de enfrentamento de riscos e desafios no nível pessoal e familiar. Mais tarde, essas características favoreceram a criatividade, a inovação e a administração das dificuldades relativas a valores surgidas no dia a dia. Avançaram na prática profissional porque foram sensibilizados e identificaram-se com situações vivenciadas.

Pelas histórias de vida ficou claro que um sólido conhecimento científico é importante, mas insuficiente. A dimensão afetiva é fundamental porque o emocional emerge quando se estabelece uma relação de ajuda. O laço afetivo é imprescindível numa atitude compromissada e responsável.

Mais importante que o domínio do conhecimento é o que o educador faz com esse conhecimento. O momento em que a pessoa se dá conta das dificuldades e “se põe em questão” é decisivo. A resposta obtida leva a outra questão: *O que faço com esse conhecimento?* O desejo de tornar-se eficiente e se sentir bem com o seu desempenho, impulsiona para uma constante busca de maiores e melhores respostas. Tal atitude mobiliza um estado de educação permanente. Essa fase da carreira profissional coincide com uma avaliação da trajetória percorrida, já conscientizado sobre os fatos da sua história que foram significativos e sobre as figuras que atuaram como modelos identificatórios. As histórias de vida, nesta amostra, parecem confirmar o pressuposto da teoria psicanalítica de que a escolha profissional é uma resposta inconsciente do Ego que tenta reparar um objeto interno danificado.

Na relação de ajuda que os educadores sexuais estabelecem com o educando consideraram mais importante a dimensão afetiva do que o

conhecimento, a qualidade do vínculo do que a atuação técnica. Valorizam a dimensão humana da relação educador-educando.

As experiências afetivas construtivas vividas na infância no círculo familiar permanecem indeléveis e mobilizam o interesse pelo bem-estar do outro. Essa atitude é fundamental na compreensão, na aceitação das diferenças individuais e no interesse pela promoção da saúde e na valorização da vida com maior qualidade. O que é fundamental é o crescimento pessoal e a evolução que vai ocorrendo.

A imposição da culpa exercida pela religião está presente nos pensamentos e comportamentos infantis. O que foi buscado pelos sujeitos como brincadeiras que traziam satisfação carregavam junto o medo e geravam culpa. Na tentativa de controlar o comportamento isso é explorado pelos adultos, e a ameaça está sempre presente. Nessas situações a religião sempre é evocada.

As histórias de vida demonstraram que curiosidade e a repressão andam juntas. Sabemos que na ciência a curiosidade e a vontade de saber é o primeiro passo do desenvolvimento intelectual e da investigação científica. Essa mesma atitude também move a criança na busca de respostas para os enigmas da vida. Bloquear essa curiosidade e essa investigação é uma forma de bloquear o seu desenvolvimento mental, tornando-a acomodada e submissa, aceitando tudo sem nada compreender ou questionar. Essa atitude de passividade ela leva para a vida adulta.

A família sempre é quem passa as primeiras mensagens sobre sexualidade. A criança registra e incorpora nos seus comportamentos. A educação sexual que a escola possa vir a oferecer acaba sendo um processo tardio. Quando a criança chega lá, e hoje ela chega cada vez mais cedo, já traz uma coleção de crenças e preconceitos. O que a escola pode fazer é

discutir sobre tudo isso, a partir de uma informação científica e contextualizada.

A análise dos discursos dos sujeitos do sexo feminino demonstram a evolução do Édipo infantil, segundo a teoria psicanalítica, em relatos com forte componente afetivo, demonstrando a importância da figura paterna em relação à significação da sexualidade e dos papéis sócio-sexuais.

A história crítica da sexualidade demonstra que o sexo sempre serviu de manto para encobrir interesses outros. Surgem discursos dignificantes, não autênticos, em prol da educação e da família, tendo como pano de fundo o controle moral ou mercantilista. Sempre há uma ideologia, não explicitada, permeando as decisões em relação a assuntos de sexo. Os profissionais conscientes devem estar alertados para as armadilhas ideológicas que estão por baixo de uma proposta de educação sexual: *Qual o objetivo que sustenta a proposta?* Ela não deve servir de vacina contra nenhuma doença ou distorção social. Nem estar associada a nenhuma patologia física ou social. Não deve ser, por exemplo, solução para o comportamento sexual ou a gravidez indesejada na adolescência, nem mesmo para combater as doenças sexualmente transmissíveis ou prevenir a AIDS.

A educação sexual deve ter como meta a felicidade tornando as pessoas mais saudáveis física e emocionalmente.

Proponho que valorizemos paradigmas que promovam a formação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade de seu próprio desenvolvimento profissional e que estejam dispostos a participar como protagonistas na implementação das propostas educativas.

O momento exige que o educador, no dizer de Heidegger (1984), possa “habitar aquilo que constrói” e possua a coragem para dar o “pulo necessário e arriscar”.

Tenho presente a questão: *quem educa o educador?* Considero que esse papel está afeto à universidade. Numa sociedade em crise, ainda é o local mais apropriado para a informação e a formação do educador.

O cerne da formação do educador sexual é a visão que ele tem sobre a sexualidade. Ele deve estabelecer um vínculo com o educando para informar e construir uma possibilidade de criar uma conscientização que desenvolva no outro o livre arbítrio diante de situações práticas da sexualidade.

HEIDEGGER em “*Qu'appelle-t-on penser*” afirma que é sabido que ensinar é ainda mais difícil que aprender. Mas raramente se pensa nisso. Por que ensinar é mais difícil que aprender?

Não porque o mestre deva possuir um maior acervo de conhecimentos e tê-los sempre à disposição.

Ensinar é mais difícil do que aprender, porque ensinar quer dizer “deixar aprender”. Aquele que verdadeiramente ensina não faz aprender outra coisa que não seja o aprender. É por isso que o seu fazer causa muitas vezes a impressão que junto dele nada se aprende. Isso acontece porque inconsideravelmente entendemos por aprender só a aquisição de conhecimentos utilizáveis.

O mestre que ensina ultrapassa os alunos que aprendem somente nisso: que ele deve aprender ainda muito mais do que eles, porque deve aprender a “deixar aprender”.

O mestre deve ser mais ensinável que os alunos. O mestre é muito menos seguro de seu ofício que os alunos do seu. Por isso, no relacionamento entre o mestre que ensina e os alunos que aprendem, quando de fato verdadeiro, jamais entra em jogo a autoridade de quem sabe muito e nem a influência autoritária do representante magisterial.

Por causa disso é ainda uma grandeza ser mestre - o que é bem outra

coisa que ser professor célebre. Se hoje, por exemplo - onde tudo é medido em cima do lucro - ninguém mais deseja ser mestre, isso é devido sem dúvida, ao que esta grande “coisa” implica, e à grandeza de si própria (1973, p. 89).

5.1 PROPOSIÇÕES

Tendo a universidade como a instituição formadora do educador e em função das conclusões da investigação proponho critérios e pressupostos que podem embasar um projeto pedagógico de formação do educador sexual, ofertado aos cursos de licenciatura, com a criação de uma disciplina eletiva enfocando conteúdos que articulem sexualidade e educação.

Está baseada na crença de que a educação para a sexualidade é uma necessidade emergente e pode ser ofertada em programas de educação; que a educação para a sexualidade deve ser atividade de educadores capacitados; que todos os educandos podem receber os benefícios de uma visão compreensiva e positiva da sexualidade nos domínios cognitivo, afetivo e comportamental; que a informação a respeito de cuidados com a saúde sexual para ajudar crianças e jovens a tomar decisões aqui, agora e no futuro.

Tendo como pressupostos o vasto campo de saber da sexologia na atualidade; a abrangência interdisciplinar da área; a necessidade do resgate da função do educador; a importância de criar um espaço para o educador discutir e refletir a sua prática na realidade social atual, apresento alguns critérios fundamentais, baseados nas experiências dos Estados Unidos que subsidiaram a elaboração do “Guidelines for comprehensive Sexuality Education” (1993, p. 3-5):

- abordar a sexualidade de forma inter e multidisciplinar.
- proporcionar uma visão compreensiva e abrangente da sexualidade dentro de uma dimensão biopsicosócio cultural.
- articular sexualidade e educação mediante a informação científica e reflexão sobre a realidade social.
- abranger a dimensão afetiva daquele que ensina e daquele que aprende, bem como da relação que se estabelece.
- oportunizar a conscientização de atitudes e valores relativos à sexualidade em si mesmo e nos outros.
- proporcionar a comunicação, o respeito pelos relacionamentos e pelas decisões pessoais.
- implicar cada um na administração do seu corpo e da sua saúde.
- desenvolver o exercício responsável da sexualidade.
- abordar conceitos-chaves sobre os temas: desenvolvimento humano, relacionamentos, saúde e cuidados pessoais, comportamento sexual, saúde sexual, sociedade, cultura e valores.

E no Brasil devemos avaliar a experiência da Universidade Federal da Bahia, que por iniciativa da Professora Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes, desde 1994/95 implantou a disciplina Bio 162 – Sexualidade e Educação, com 60 horas e 03 créditos, para integrar o elenco das Complementares Optativas dos Cursos de Licenciaturas em Ciências Biológicas, no primeiro semestre de 1994, estendida em 1995 para as demais licenciaturas.

No dizer de FAGUNDES “É preciso criar oportunidades para que as pessoas reflitam sobre suas idéias, sentimentos e conflitos na área da sexualidade e envolvam a totalidade do seu ser na re-interpretação e reconstrução da realidade” (1995, p. 24).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALBERTI, V. **História Oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- 2 ALBUQUERQUE, M. C. S. Sexualidade humana: o despedir-se de uma visão puramente mentalista através do novo paradigma da corporiedade viva. **RBSH**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 45-50, 1995.
- 3 AMATUZZI, M. M. **O resgate da fala autêntica** - Filosofia da Psicoterapia e da Educação. Campinas, SP : Papirus, 1989.
- 4 ANDRADE E SILVA, M.C. **Desenvolvimento da identidade sócio-sexual humana**. Rio de Janeiro, 1983. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Gama Filho.
- 5 ANDRADE, R. P. **Formação em sexologia e educação sexual no Brasil**. Relatório apresentado ao VI CLASES – Congresso Latino-Americano de Sexologia e Educação Sexual. Belo Horizonte : 1992.
- 6 _____. **Ensino de sexologia em escolas médicas**. In: VITIELLO. N. Sexologia II. São Paulo : Roca, 1986, p. 207-216.
- 7 AUDOLLENT, P. et al. **Sexualidade e Vida Cristã**. Trad. Benoni Lemos. São Paulo : Ed. Paulinas, 1983.
- 8 BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo : Martins fontes, 1977.
- 9 BOHOSLOVSKY, R. **Orientación vocacional**: la estrategia clínica. Buenos Aires : Nueva Visión, 1976.
- 10 BRUNS, M. T. B. et al. Educação sexual numa visão mais abrangente. **RBSH**, São Paulo, v. 6, n. 1, 1995.
- 11 CARIDADE, A. Sexo, reprodução, amor e erotismo. **RBSH**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.51-59, 1995.
- 12 CAVALCANTI, M. Crianças vitimadas: repercussões psicológicas. **RBSH**, São Paulo, v.4, n. 1, p. 27-30, 1993.

- 13 CAVALCANTI, R. Acerca da Educação e da Sexualidade. **Sexus**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 22-24, jan./fev. 1989.
- 14 CAVALCANTI, R. Sexologia no Brasil: alguns aspectos. In: **Temas de Sexualidade humana**. Curitiba : Rosires P. Andrade e Claudete R. Mello Editores, 1992, p. 15-27.
- 15 COHN, F. **Understanding human sexuality**. New Jersey : Prentice-Hall Inc. 1974, p. 19-22.
- 16 CONSTANTINO, L. L.; MARTINSON, F. M. **Sexualidade Infantil**. São Paulo : Roca, 1984.
- 17 CORREIA, G. B. **Educação e Vida em Sexualidade**: uma visão Interface. Curitiba, 1991. Projeto de Educação Sexual (Curso de Pós Graduação em Sexualidade Humana) - Centro de Pesquisa e Pós-Graduação, Faculdade de Ciências e Letras Tuiuti.
- 18 _____. Sexualidade infantil: Sobre o tornar-se menino ou menina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL (10. : 1993 : Curitiba). **Anais...** Curitiba : OMEP, 1993.
- 19 _____. Sexualidade e educação. **Revista da Linha de Pesquisa Currículo e Conhecimento** - Programa de Pós-Graduação em Educação - UFPR, Curitiba, v. 1 n. 1, p. 28-38, jan./jun. 1997.
- 20 DELAMONT, S. **Os papéis sexuais e a escola**. Lisboa : Horizonte, 1985.
- 21 FAGUNDES, T. C. P. C. **Educação sexual** - construindo uma nova realidade. Salvador : Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia, 1995.
- 22 _____. Educação sexual nas escolas: relato de uma experiência de intervenção através de orientação para o professor. **Sexus**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p.17-20, maio/jun. 1989.
- 23 _____. Uma experiência de educação sexual em escolas de 1º Grau. **RBSH**, São Paulo, v.1, n. 2, p.104-108, 1990.

- 24 FREUD, S. **Uma teoria sexual**. Rio de Janeiro : Delta, 1945.
- 25 _____. **A sexualidade na etiologia das neuroses**. Rio de Janeiro : Delta, 1945.
- 26 _____. **A educação sexual da criança**. Rio de Janeiro : Delta, 1945.
- 27 _____. **Teorias sexuais infantis**. Rio de Janeiro : Delta, 1945.
- 28 _____. **Contribuições a psicologia da vida erótica**. Rio de Janeiro : Delta, 1945
- 29 FREITAS, C. B. P.; FREITAS, C. B. D. O adolescente e a realidade brasileira. In: MAAKAROUN, M. F. et al. **Tratado de adolescência**. Um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro : Cultura Médica, 1991.
- 30 GARCIA, J. L. Una formacion de Profissionais de la Educacion en sexualidad Humana: una urgente necesidad. **SEXUS**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, . p. 7-12, jan./fev. 1991.
- 31 GOLDBERG, M. A. A. **Educação sexual**. Uma proposta. Um desafio. São Paulo : Cortez, 1988. p. 12.
- 32 GTPOS/ABIA/ECOS. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia da Pré-escola ao 2 grau**. São Paulo : Casa do Psicólogo, 1994.
- 33 HAIDAR, M. L. M. **O ensino secundário no Império brasileiro**. Cap. V. São Paulo : : EDUSP/Grijado, p. 231-283.
- 34 HEIDEGGER, M **Todos nós... ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. Trad. Dulce M. Critelli, apres. Solon Spanoudis, São Paulo : Moraes, 1981.
- 35 _____. **Qu'appelle-t-on penser**. Paris : Gallimard : 1973, p. 89.
- 36 HUSSERL, E. **A Filosofia como Ciência do Rigor**. 2. ed. , Coimbra : Atlântica, 1945.

- 37 KAPLAN, H. S. **A nova terapia do sexo**. 6. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1974. p. 13-17.
- 38 KRAMER. S & JOBIN E SOUZA S. (Orgs.) **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo : Ática, 1996.
- 39 MALINOWSKI. B. **La vida sexual de los selvajes**. Madrid : Edições Morata S. ^a, 1971, p. 13.
- 40 MARTINS, J. **Um enfoque metodológico do currículo: educação como póiesis**. São Paulo : Cortez, 1992.
- 41 MATTOS, G . **Nossa cultura**. São Paulo : FTD., 1972, p. 211.
- 42 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro : Freitas Bastos, 1971.
- 43 MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1996.
- 44 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE PROJETOS EDUCACIONAIS ESPECIAIS **Diretrizes para uma política educacional em sexualidade**. Brasília, 1994.
- 45 MINISTERIO DE EDUCACIÓN Y CIENCIA. **Espanha Currículo Oficial. Transversales. Educación para la Salud, Educación Sexual Educación para la Igualdad de Oportunidades de ambos sexos**. Madrid, 1992.
- 46 MONEY, J. & TUCKER, P. **Papéis sexuais**. São Paulo : Brasiliense, 1981.
- 47 MONEY, J. Conferência de Abertura. In: XI CONGRESSO MUNDIAL DE SEXOLOGIA (1994 : Rio de Janeiro). **Anais...** Rio de Janeiro, 1994. p.1-5.
- 48 NAVARRO, F . **Terapia reichiana: fundamentos médicos somatopsico-dinâmica**. São Paulo : Summus, 1972, p. 13-20.

- 49 NÓVOA, A. “Formação de professores e profissão docente”. In: **Os professores e a sua formação**. Lisboa : Publicações D. Quixote, 1992. p. 13-33.
- 50 _____. Os professores em busca de uma autonomia perdida?. In: **As Ciências da Educação em Portugal**. Situação atual e perspectivas. Porto : SPCE, 1991. p.521-31.
- 51 _____. Concepções e práticas de formação contínua de professores. In: **Formação contínua de professores - Realidade e Perspectivas**. Aveiro : Universidade de Aveiro, 1991, p.15-38
- 52 _____. **Vidas de Professores**. 2. ed., Porto : Porto Editora, 1995.
- 53 REICH, W.; ALZON, C. **Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?** . Trad. M. amaral. 2 ed. Porto : Textos Exemplares, 1075
- 54 ROSEMBERG, F. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, (53), maio. 1985.
- 55 SEX INFORMATION AND EDUCATION COUNCIL OF UNITED STATES - SIECUS. **Guidelines for comprehensive sexuality education**, Kindergarten, 12th Grade, Third Printing, New York : 1993.
- 56 SILVA, A. C. **Interação Sexual: perspectiva etológica do dimorfismo sexual**. Rio de Janeiro, 1979. Tese (Mestrado em Psicologia) - Fundação Getúlio Vargas.
- 57 _____. **Sexualidade comparada**. Rio de Janeiro : Achiamé, 1980.
- 58 _____. **Resumo de aulas expositivas**. Curso de Pós Graduação em Sexualidade Humana. Curitiba, 1990-91.
- 59 _____. Mestrado em Sexologia: um passo a mais no ideal da interdisciplinaridade. **RBSH**, São Paulo, v. 5, n. 2, p.130-132, 1994.

- 60 SUPER, D. **The psychology of careers**. New York : Harper & Row, 1957.
- 61 TANNAHILL, R. **Sex in history**. Ascarborough book. New York : Srein and Day Publishers, 1982, p. 93.
- 62 USSEL, J. V. **Repressão sexual**. Rio de Janeiro : Campus, 1980, p. 35.
- 63 VITIELLO, N. **Reprodução e sexualidade: um manual para Educadores**. São Paulo : CEIC/Iglu, 1994
- 64 _____. A educação sexual necessária. **RBSH**. v. 6, n. 1, p. 15-28, 1995.
- 65 _____. Iniciação sexual: uma pesquisa nacional. **RBSH**. V. 8, n. 2, p. 258-69, 1997.
- 66 WEREBE, M. J. G. **A educação sexual na escola**. São Paulo : Moraes, 1977.
- 67 ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. Orientação para Pais e educadores. São Paulo : Record, 1996.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo : Atlas, 1987. 206 p.
- 2 MEDINA, C. de A. **Entrevista : o diálogo possível**. São Paulo : Ática, 1986. 96 p. (Princípios, 105).
- 3 VITIELLO, N. **Redação e apresentação de comunicações científicas**. BYK, 1998. 155p.
- 4 UNIVERSIDADE FEDEAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Normas para Apresentação de Trabalhos**. 3.ed. Curitiba : Ed. da UFPR, 1994.